

REDE DE APOIO SOCIAL E REPRESENTAÇÃO MENTAL DAS RELAÇÕES DE
APEGO DE MENINAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Lísia Ramos Mayer

Tese apresentada como exigência parcial para a obtenção do Grau de Doutor em
Psicologia sob orientação da Prof^a Dr^a Sílvia Helena Koller

Universidade Federal do Rio grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento

Dezembro, 2002

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Silvia Koller pela orientação, estímulo e dedicação que proporcionaram a realização deste trabalho.

Aos Professores Doutores Ana Cecília Bastos, Cláudio Hutz, Denise Bandeira e Sílvia Benetti pela leitura e pelas sugestões apresentadas.

Ao meu esposo Bruno e aos meus filhos Natália e Henrique, presentes lindos que recebi de Deus, pelos sorrisos, compreensão, apoio e presença constante neste longo período no qual necessitei dedicar-me à construção deste estudo, e a minha querida Brisa, sempre presente, à espera de um pouco de atenção, deitada ao lado do computador.

À minha mãe Maria Luíza e a minha querida irmã Jô pelo carinho, dedicação, apoio e incentivo em todos os momentos difíceis pelos quais passei e por aqueles nos quais superamos juntas. Enfim, por fazerem parte da minha rede de apoio.

A meu pai, Raul e minha avó "Tiloca" (*in memoriam*) que partiram ao longo deste período, mas que deixaram muitas recordações e aprendizados. A vocês meu muito obrigada.

A todos os alunos de graduação que contribuíram na construção deste estudo, fazendo parte do grupo de pesquisa sobre violência doméstica. Em especial à Geisa Camillo, minha querida Gê e à Madè, Maria Adélia Pieta pela contribuição na coleta de dados, pela amizade, apoio e grandiosa troca de idéias.

Aos colegas do CEP-Rua pela companhia, apoio e troca de experiências. Em especial minha querida, mais que colega e amiga Alessandra Marques Cecconello, por tudo de bom que tu és!

À KLM Estatística e Pesquisa, em especial a Sérgio Kato, pelo trabalho realizado e pela atenção dedicada às análises estatísticas deste estudo.

Aos diretores das escolas que tão gentilmente nos acolheram e possibilitaram a coleta de dados e a realização deste trabalho.

A todas as crianças e suas famílias que participaram desta pesquisa propiciando meu aprimoramento profissional e a produção científica.

Ao CNPq pelo auxílio financeiro para a realização desta pesquisa.

E, principalmente, a Deus, Pai Maior por toda a força que recebi em todos os momentos difíceis pelos quais passei e para concluir este projeto de vida e de trabalho.

Muito obrigada!

Pensamento

...E a nossa história

Não estará pelo avesso assim

Sem final feliz.

Teremos coisas bonitas para contar,

E até lá vamos viver,

Temos muito ainda por fazer,

Não olhe para trás,

Apenas começamos...

O mundo começa agora,

Apenas começamos...

Renato Russo

SUMÁRIO

Tabelas e Figuras.....	7
Resumo.....	9
Abstract.....	10
CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Abordagem Ecológica do desenvolvimento Humano.....	14
1.2 Resiliência e Vulnerabilidade.....	17
1.3 Violência Doméstica.....	18
1.4 Relações Familiares e Violência Doméstica	22
1.5 Rede de Apoio Social e Afetivo.....	23
1.6 Representação Mental das Relações de Apego.....	26
1.7 Objetivos	28
1.7.1 Objetivos Gerais	28
1.7.2 Objetivos Específicos.....	28
CAPÍTULO 2. MÉTODO.....	29
2.1 Participantes.....	29
2.2 Instrumentos e Procedimentos.....	29
2.1 Entrevista Bio-Socio-Demográfica.....	31
2.2 Mapa dos Cinco Campos.....	32
2.3 Desenho da Família.....	35
CAPÍTULO 3. RESULTADOS.....	37
3.1 Caracterização da Amostra.....	37
3.2 Rede de Apoio Social e Afetiva.....	43
3.3 Representação Mental das Relações de Apego.....	57
3.4 Integração dos Resultados da Rede de Apoio Social e Afetivo e da Representação Mental das Relações de Apego das Meninas Vítimas e Não-Vítimas de Violência Doméstica.....	61
CAPÍTULO 4. DISCUSSÃO.....	66
REFERÊNCIAS.....	86
ANEXOS.....	92
Anexo A: Consentimento Informado.....	92

Anexo B: Entrevista Bio-sócio-demográfica.....	93
Anexo C: Mapa dos Cinco Campos.....	94
Anexo D: Folha de Registro do Mapa dos Cinco Campos.....	95
Anexo E: Folha de Registro do Desenho da Família.....	97
Anexo F: Escala de Sinais Específicos para o desenho da Família.....	98
Anexo G: Escala de Avaliação Global do Desenho da Família.....	101

Tabelas e Figuras

Tabela 1: Médias e Desvio-Padrão da Idade das Meninas Vítimas e Não-Vítimas	37
Tabela 2: Freqüência e Percentuais para Série.....	38
Tabela 3: Freqüência e Percentuais para Reprovações.....	38
Tabela 4: Freqüência e Percentuais das Categorias de Configuração Familiar.....	39
Tabela 5: Freqüência e Percentuais de Categorias sobre a Percepção de Meninas Vítimas e Não-Vítimas sobre a Configuração Familiar	40
Tabela 6: Freqüências e Percentuais de Presença ou Ausência de Ocupação de Mães/Madrastas	41
Tabela 7: Freqüência e Percentuais de Presença ou Ausência de Ocupação de Pais/Padrastos	41
Tabela 8: Freqüências e Percentuais do Grau de Parentesco do Abusador.....	42
Tabela 9: Percentual de Abusadores Presentes ou Ausentes na Residência	42
Tabela 10: Freqüência e percentagem de Abusadores Ausentes	43
Tabela 11: Freqüência do Número de Pessoas Citadas no Campo Família.....	44
Tabela 12: Freqüência do Número de Pessoas Citadas no Campo Parentes.....	44
Tabela 13: Freqüências e Percentuais do Número de Pessoas Citadas no Campo Escola.....	45
Tabela 14: Freqüências e Percentuais do Número de Pessoas Citadas no Campo Vizinhos e/ou Amigos.....	45
Tabela 15: Freqüências e Percentuais do Número de Pessoas Citadas no Campo Contatos Formais.....	46
Tabela 16: Freqüências e Percentuais do Total de Pessoas Citadas na Rede.....	46
Tabela 17: Freqüências e Percentuais de Pessoas Citadas no Primeiro Círculo.....	47
Tabela 18: Freqüências e Percentuais do Total de Pessoas Citadas no Segundo Círculo.....	48
Tabela 19: Freqüências e Percentuais do Total de Pessoas Citadas no Terceiro Círculo.....	48
Tabela 20: Freqüências e Percentuais do Total de Pessoas Citadas no Quarto Círculo.....	49
Tabela 21: Freqüências e Percentuais do Total de Pessoas Citadas no Quinto Círculo.....	50

Tabela 22: Média e Desvio-padrão do Nível de Satisfação nos Cinco Campos dos Grupos de Meninas Vítimas e Não-vítimas.....	51
Tabela 23: Médias e Desvio-padrão das Relações Caracterizadas como Rompimento de Meninas Vítimas e Não-vítimas.....	52
Tabela 24: Médias e Desvio-padrão dos Fatores de Proximidade das Meninas Vítimas e Não-vítimas.....	53
Tabela 25: Frequência e percentagens de Citações do Papel de Mãe nos Círculos.....	54
Tabela 26: Frequência e Percentuais de Citações do Papel de Pai nos Círculos.....	54
Tabela 27: Média e Desvio-padrão do Sexo das Pessoas Citadas na Rede de Meninas Vítimas por Círculo.....	55
Tabela 28: Médias e Desvio-padrão do Sexo das Pessoas Citadas na Rede de Meninas Não-vítimas por Círculo.....	56
Tabela 29: Frequências e Percentuais dos Graus de Relacionamento das Pessoas Citadas.....	56
Tabela 30: Presença/Ausência de Sinais Específicos para toda a Amostra.....	58
Tabela 31: Frequência e Percentuais dos Sinais Específicos do Desenho da Família por Grupo de Meninas Vítimas e Não-vítimas.....	59
Tabela 32: Frequências e Percentuais da Representação Mental das Relações de Apego.....	60
Tabela 33: Correlação de Spearman entre Representação Mental das Relações de Apego e Fatores de Proximidade de Meninas Vítimas.....	61
Tabela 34: Correlação de Spearman entre a Representação Mental das Relações de Apego e os Cinco Campos da Rede de Apoio Social e Afetivo Vítimas.....	63
Tabela 35: Correlação de Spearman entre a Representação Mental das Relações de Apego e o Nível de Satisfação da Rede de Apoio Social e Afetivo de Meninas Vítimas.....	64
Tabela 36: Correlação de Spearman entre a Representação Mental das Relações de Apego e o Nível de Insatisfação da Rede de Apoio Social e Afetivo de Meninas Não-vítimas.....	65

RESUMO

Este estudo teve por objetivo a investigação da rede de apoio social e afetivo e a representação mental das relações de apego de meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica. A amostra foi composta por 40 meninas, sendo 20 vítimas e 20 não-vítimas de violência doméstica (abuso físico), com idades entre oito e doze anos, que cursavam da primeira a quinta série do Ensino Fundamental de quatro escolas da rede pública. Os dados foram obtidos usando três instrumentos: 1) Entrevista bio-socio-demográfica; 2) Mapa dos Cinco Campos (dimensões estrutura e funcionalidade); e, 3) Desenho da Família. Os resultados foram obtidos através de análise de conteúdo da Entrevista e análises estatísticas para os demais instrumentos. Os principais resultados revelam que as meninas vítimas de violência doméstica apresentam uma rede de apoio social e afetiva que difere mais qualitativamente (função) do que quantitativamente (estrutura) das meninas não vítimas. Há inversão de papéis das meninas com suas respectivas mães no ambiente doméstico, mas apresentam criatividade, vitalidade e investimento emocional para superação de problemas. As meninas vítimas percebem o ambiente escolar como protetivo e promotor de resiliência, enquanto o ambiente doméstico é percebido com ambivalência. Apresentam, também, indicadores de vulnerabilidade mais evidentes do que as meninas não vítimas de violência doméstica.

Palavras-chave: resiliência, vulnerabilidade, violência doméstica, rede de apoio e apego.

ABSTRACT

This study aims to investigate the social and emotional network and the children's mental representation of attachment relation of domestic violence victims. The sample was composed of 40 first to fifth grader girls (20 domestic violence victimized girls and 20 non-victimized girls) of public schools, 8-12 year-old. Data were obtained using three instruments: a) Bio-social-demographic Interview; b) Five Field Map (structure and function); and, c) Family Drawings. The results were obtained through content analysis for the Interview, and statistical treatment for the remaining instruments. The results showed that social and emotional network of victimized girls presented more qualitative (function) than quantitative (structure) differences comparing to non-victimized girls. There are role reversals of the victimized girls with their mothers at home, but the girls show more creativity, vitality, and emotional investments for get over the problems. Girls perceived the school microsystems as protective and resilience promoter, whilst the familiar microsystem is considered with ambivalence. They presented also more vulnerability than the non-victimized girls.

Keywords: resilience, vulnerability, domestic violence, social support and attachment.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

O presente estudo teve por objetivo investigar a rede de apoio social e a representação mental das relações de apego de meninas vítimas de violência doméstica, comparadas a meninas não vítimas. A escolha deste tema surgiu do interesse em realizar estudos relacionados à violência doméstica, devido à sua relevância para o desenvolvimento humano. Vários programas de cursos de extensão oferecidos pelo Núcleo de Estudos e Capacitação em Desenvolvimento Humano (NECADEH), vinculado ao Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de rua (CEP-Rua), enfatizam o relacionamento da pessoa em desenvolvimento aos contextos em que vivem. Esta ênfase baseia-se na Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano, postulada por Bronfenbrenner no final da década de setenta (Bronfenbrenner, 1979/1996). Nas discussões resultantes destes cursos, a preocupação de palestrantes e alunos pelos riscos enfrentados no ambiente doméstico era recorrente, pois sempre se evidenciava o dano ao desenvolvimento e a necessidade de encontrar aspectos, que servissem como fatores de proteção para as crianças. Duas variáveis – rede de apoio e representação mental da relação de apego – foram, então, escolhidas como fundamentais neste processo e são, portanto, investigadas neste estudo. A rede de apoio social de crianças e suas diversas nuances, principalmente diante de situações de risco, pode acrescentar novos conhecimentos e subsidiar ações que visem a desenvolver meios para minimizar ou atenuar estes riscos. Uma rede de apoio social e afetiva bem estruturada e funcional permite que a criança desenvolva melhores condições para seu desenvolvimento. Tornando-se, por conseguinte, uma criança resiliente, ou seja, capaz de enfrentar as adversidades com mais chances de adaptação. Outro aspecto importante para o desenvolvimento saudável de uma criança é a relação inicial de apego. O apego é a base para o reconhecimento e o estabelecimento de relações estáveis e recíprocas – que são a base para a formação de uma rede de apoio.

A Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1979/1996, Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998), ao estudar o ser humano dentro do seu ciclo vital, busca compreendê-lo como um todo, não só do ponto de vista biológico, mas, também, as suas relações com seus contextos ambientais (Bronfenbrenner, 1979/1996). Tais contextos, nos quais a pessoa está se

desenvolvendo, são indicativos de quais interações podem estar influenciando diretamente em sua vida e de que fatores podem colocá-la em risco ou favorecer seu desenvolvimento. No caso de situações de violência doméstica busca esclarecimentos para os comportamentos e motivações que envolvem estes eventos. Para tal, leva em conta que a pessoa em desenvolvimento deve ser entendida de modo dinâmico no curso do seu ciclo vital, interagindo com seu meio, ao mesmo tempo em que é por ele influenciada.

Dentre os fatores de risco para o desenvolvimento, a violência doméstica tem se mostrado com frequência na sociedade atual. As agressões verbais, o abuso emocional, os abusos físicos (foco desta pesquisa) e sexuais, a negligência frente a seres indefesos e o abandono, resultam muitas vezes, na morte de uma criança e na impunidade do adulto agressor. Foram criados nos últimos anos, vários mecanismos para a proteção de crianças, como a Comissão de Direitos Humanos e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Porém, mesmo com as leis, a violência continua ocorrendo. Algumas crianças que sofrem maus tratos permanecem em seus lares, outras são afastadas de suas famílias e institucionalizadas em casas de passagem. Há muita discussão sobre qual dessas escolhas é a mais adequada para o bem-estar da criança e o que seria protetivo para seu desenvolvimento.

Situações estressoras como a violência sofrida e a retirada da criança de seu lar, podem ser consideradas como fatores de risco para o desenvolvimento da criança. Segundo Zimmerman e Arunkumar (1994), são considerados fatores de proteção, recursos e características pessoais que agem como moderadores de efeitos ou impactos negativos no desenvolvimento. Pessoas, ainda que sujeitas a situações que tendem a influenciar negativamente o curso do seu desenvolvimento, quando na presença de fatores de proteção, apresentam bons resultados em termos de comportamentos e condutas adaptativas. Para Garmezy e Masten (1994), o sucesso desta adaptação, ou seja, para que a resposta que o indivíduo dá às situações estressantes seja eficaz, deve haver a influência de três aspectos fundamentais: a rede de apoio social, as características individuais e o apoio e coesão familiar.

A rede de apoio social corresponde à oportunidade de aprofundamento dos relacionamentos para melhorar o padrão de adaptação ao desenvolvimento (Rutter, 1987; Tyler, 1984). Origina-se daquelas relações de apego ou vínculos afetivos seletivos, construídos no transcorrer da vida. Esta rede é constituída, basicamente, por relacionamentos recíprocos e estáveis, que geram satisfação mútua dos participantes,

tanto para quem busca o apoio quanto para quem o oferece, influenciando as características individuais e os contatos sociais. Para Garmezy e Masten (1994), a rede de apoio social e afetivo está constituída de todos aqueles ambientes ou microsistemas em que a criança/indivíduo transita, ou seja, a família, a escola, o clube, a comunidade, a igreja, etc. Um dos aspectos importantes é a estrutura da rede de apoio, que consiste o tamanho e a constituição daquela rede a qual a criança está vinculada. O outro aspecto é a funcionalidade desta rede, que envolve o grau de satisfação ou insatisfação com os relacionamentos, a percepção e a identificação das relações mais próximas ou distantes com os membros da rede. Estes aspectos tornam-se ainda mais importantes nos estudos com crianças vítimas de violência, uma vez que este evento de risco se dá dentro do primeiro sistema de relação da criança – microsistema familiar.

As características individuais são aquelas que as pessoas trazem consigo geneticamente, somadas às aprendizagens que resultam das relações com o meio em que vivem (Pierce, Sarason, Sarason, Joseph & Henderson, 1996). A relação de apego inicial e todas aquelas que se constituem ao longo da vida, a competência social, o *locus* de controle, a atribuição de causas aos eventos da vida, a auto-eficácia, a confiança, a autonomia, a iniciativa, a resolução de problemas são exemplos, entre tantos outros, de características individuais. Estas características podem proteger as pessoas ao longo do ciclo vital ou expor a sua vulnerabilidade. Crianças que desenvolvem, por exemplo, boas relações de apego na primeira infância podem ter mais chance de buscar auxílio se forem vitimizadas por violência doméstica.

O apoio e a coesão familiar, segundo Pierce e colaboradores (1996), consistem no estabelecimento de pelo menos uma relação que seja afetiva e significativa na vida da criança. Esta relação está baseada na maneira como se dá o apoio entre os membros de uma família. Certamente o apoio e a coesão familiar saudável podem ser resultantes do estabelecimento de uma relação de apego inicial segura, que se desenvolveu e consolidou ao longo do ciclo vital. Boas relações de apego podem gerar relações familiares saudavelmente coesas e de apoio mútuo, em grupos que buscam, também, de forma protetiva encontrar relações de apoio social e afetivo extrafamiliares. A coesão (proximidade, intimidade) descreve a organização do sistema social ou da estrutura familiar, relativa à ligação ou ao vínculo emocional que os membros de uma família têm uns em relação aos outros e a autonomia individual que a pessoa experimenta no sistema familiar. O grau da coesão familiar pode ser verificado pela presença de variáveis, como: vínculo emocional, independência, fronteiras, coalizões, tempo,

espaço, tomada de decisão, relações de amizade, interesses e recreação (Olson, 1986; Olson, Sprenkle & Russel, 1979; Wood, 1985). No entanto, alguns estudos apontam que a coesão familiar pode ser um aspecto de risco em casos de violência doméstica. Famílias com história de violência doméstica podem ser coesas em torno do segredo, o que faz deste aspecto uma condição doentia do ambiente familiar.

Devido ao interesse em estudar formas de moderar o impacto do risco (neste caso, violência doméstica) no desenvolvimento destas crianças, e diante da hipótese de que a redução do risco ocorre frente à promoção de fatores de proteção, este estudo investiga a estrutura e a funcionalidade da rede de apoio social e a representação mental das relações de apego. Inicialmente, é apresentada uma revisão da literatura sobre a Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano, para apresentar aspectos básicos da mesma e conceituar alguns termos que são utilizados no decorrer deste estudo. Em seguida, é apresentada a definição dos conceitos de resiliência e vulnerabilidade, bem como uma revisão de estudos recentes sobre o tema. Da mesma forma, é definida a área de pesquisa sobre violência doméstica (diferenciando abuso físico, sexual, emocional e/ou psicológico e negligência). É, ainda, apresentada uma revisão da literatura recente sobre rede de apoio social e afetivo, representação mental das relações de apego e sobre as relações familiares e a violência doméstica. Estes aspectos são considerados levando em conta fatores de risco e de proteção aos quais crianças vítimas de violência estão expostas em seu desenvolvimento. Para avaliar estes aspectos em crianças no contexto local, foi investigado inicialmente, como as meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica percebem os contextos em que estão inseridas através do Mapa dos Cinco Campos (Samuelsson, Therlund & Ringström, 1996), adaptado para uso no Brasil por Hoppe (1998). Em seguida foi avaliada a representação mental das relações de apego, incluindo afeto, coesão e vínculo, uma vez que além da rede de apoio social e das características individuais, a coesão e o apoio familiar são considerados fatores fundamentais que influenciam a adaptação da criança para enfrentar situações de estresse. Esta parte da avaliação consistiu na aplicação do Desenho da Família (Fury, Carlson & Sroufe, 1997), adaptado para uso no Brasil por Cecconello (1999).

1.1 Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano

A Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1979/1996) prioriza quatro componentes específicos: o tempo, a pessoa, o processo e o contexto, bem como suas dinâmicas e as relações interativas existentes.

O tempo é compreendido pelo momento histórico em que a pessoa está vivendo (guerras, momentos políticos) e pelos eventos de vida (faixa etária, constelação familiar, etapa sócio-cognitiva, entre outros), tendo ambos influência sobre o desenvolvimento da pessoa.

A pessoa é percebida, desde a proposição inicial da Abordagem Ecológica (Bronfenbrenner, 1979/1996), como a união de todas as características biológicas (físicas e genéticas), psicológicas e sociais, que viabilizam determinados comportamentos e respostas em contato com o meio. Mais recentemente, Bronfenbrenner e Morris (1998) distinguiram as características da pessoa em três constituintes dinamicamente relacionados entre si: demanda, disposição e recurso. Demandas são características naturalmente presentes na pessoa desde sua concepção, que se manifestam no decorrer do processo evolutivo e consistem em características inerentes que convidam ou desencorajam reações do ambiente sobre ela, como o próprio gênero, a etnia, a herança genética e o temperamento, (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Disposições referem-se a comportamentos da pessoa, que acionam e mantêm a sua interação com o ambiente. Quando aparecem no decorrer do processo evolutivo (birra, choro compulsivo, reações altruístas) provocam algumas respostas ambientais, cuja interpretação direciona o desenvolvimento. Recursos consistem nas características adquiridas e internalizadas no processo de socialização e representam a interação efetiva entre pessoa e ambiente, sendo utilizadas em diferentes momentos para implementar (ou não) seu desenvolvimento. Como exemplo pode-se citar o apego, a auto-estima e a competência social (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Stefanello, 2000).

O processo consiste na transformação das interações da pessoa com seu ambiente. Aspectos capturados pela pessoa em sua interação com os contextos de desenvolvimento nos quais transita são apreendidos ou internalizados e vice-versa. Estas interações podem ocorrer tanto com outras pessoas, como com objetos ou símbolos. Para que seja efetiva, no entanto, a interação deve ocorrer em uma base regular, através de períodos estendidos de tempo. Recentemente, este aspecto da Abordagem Ecológica foi enfatizado como fundamental para o desenvolvimento humano, sendo referido como processo proximal (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Stefanello, 2000).

O contexto consiste em um sistema de quatro níveis denominados: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. Microssistema é o ambiente imediato freqüentado pela pessoa, no qual estabelece relações face-a-face,

caracterizadas por sua manutenção no tempo e por padrões de atividades que influenciam diretamente o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais (como por exemplo, a família). Quando a pessoa interage com outros ambientes, além do microsistema imediato, o conjunto e as relações entre eles formam o mesossistema (por exemplo, a escola, a igreja, o clube). O exossistema é o conjunto de contextos nos quais a pessoa não estabelece relações face-a-face, mas mesmo assim sofre a influência direta em seu desenvolvimento, como por exemplo, a direção da escola ou o local de trabalho de um pai de família. O macrosistema é o conjunto de aspectos relativos ao sistema de crenças, cultura, valores, religião e ideologias do grupo social no qual a pessoa se insere, que perpassa todos os demais sistemas mencionados e, também, influencia o desenvolvimento da pessoa.

Bronfenbrenner (1979/1996) afirma que quanto mais ambientes a pessoa freqüentar e mais interações surgirem, mais rica será sua rede de apoio. Estas relações formam uma série de díades, ou seja, relações estáveis e recíprocas entre duas pessoas protegendo a pessoa na interação com o ambiente. Para que estas díades tenham realmente um impacto protetivo sobre o desenvolvimento, é necessário que a pessoa desenvolva três características essenciais em uma relação, ou seja, afeto, reciprocidade e equilíbrio de poder (Bronfenbrenner, 1979/1996).

Neste estudo, a Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano serve como uma “moldura e lente” teórico-metodológica. Os dados serão coletados levando em conta a inserção ecológica (Cecconello, 2003; Cecconello & Koller, 2003), que consiste na operacionalização do modelo científico, envolvendo a interação de quatro núcleos: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. Este modelo constitui-se em um referencial teórico-metodológico apropriado para a realização de pesquisas sobre o desenvolvimento-no-contexto. A inserção ecológica envolveu o acompanhamento de crianças em seus ambientes naturais (escolas e comunidades) pela equipe e incluiu observações, conversas informais, as entrevistas de coleta de dados e a aplicação dos instrumentos. O tempo foi investigado levando em conta a idade e outras questões relacionadas com a história das meninas, bem como a história de violência sofrida por elas ou não. A pessoa foi avaliada pelas características individuais (a representação mental das relações de apego, a condição ou não de vítima de violência doméstica e a percepção da rede de apoio), pelo processo (a interação com o contexto, expresso pela funcionalidade da rede de apoio social e pela interação com as figuras de apego), e o contexto, priorizando o microsistema familiar, mas sem desconsiderar os demais

contextos nos quais as meninas e suas famílias interagem. A operacionalização do modelo, através da inserção ecológica da equipe no ambiente natural das meninas, proporcionou a realização de um estudo com validade ecológica, ao permitir incluir estes vários níveis de análise. O padrão de respostas das meninas vítimas e não vítimas de violência doméstica a este conjunto de variáveis indica fatores de risco ou de proteção, capazes de influenciar no aumento ou na diminuição de vulnerabilidade e/ou na promoção de resiliência, reduzindo a probabilidade de ocorrência do risco de violência doméstica.

1.2 Resiliência e Vulnerabilidade

Estudos em Psicologia do Desenvolvimento têm revelado que algumas pessoas, mesmo se desenvolvendo em contextos e situações adversas para sua saúde física e mental, conseguem apresentar condições saudáveis, sem sintomas psicopatológicos. Estas pessoas têm respostas adaptadas diante de situações de estresse e de risco vividas em seu cotidiano. Este processo é chamado resiliência (Rutter, 1987).

Rutter (1996) enfatiza que resiliência é um processo relacionado às respostas da pessoa ao seu contexto, que se expressa diante de situações de risco ao desenvolvimento. Por outro lado, conseqüências negativas para o desenvolvimento da pessoa, caracterizam o que se chama vulnerabilidade, ou seja, característica pessoal expressa principalmente através de respostas mal-adaptadas aos eventos da vida (Zimmerman & Arunkumar, 1994).

Alguns fatores de risco têm sido apontados pela literatura, como mais freqüentes e comprovadamente influentes para o aumento da vulnerabilidade, tais como, o empobrecimento, a violência doméstica e na comunidade, o tamanho da família, a ausência paterna, a rigidez das práticas educativas e a doença mental dos pais, entre outros (Seifer, Sameroff, Baldwin & Baldwin, 1992). Estes aspectos configuram, em parte, a miséria econômica e/ou afetiva que uma pessoa pode enfrentar como fator de risco para o seu desenvolvimento. Cada um deles em separado ou em conjunto provoca uma ameaça constante, que desencadeia ou gera privação e desvantagem física, emocional, afetiva e social (Luthar & Zigler, 1994; Seifer e cols., 1992; Zimmerman & Arunkumar, 1994). No entanto, afortunadamente, a literatura também tem apontado fatores que protegem as pessoas contra as conseqüências negativas na presença de um fator de risco, conforme mencionado anteriormente. Os fatores protetivos citados com mais freqüência são: 1) as características, o estilo de comportamentos e crenças da

própria pessoa, tais como, temperamento fácil ou adaptável, *locus* de controle principalmente interno, alta competência social, percepção de controle eficaz e realística, utilização de estratégias de *coping* adaptativas, entre outros; e, 2) as relações eficientes e eficazes de apoio familiar, social e afetivo, baseadas em uma rede estável, com interações recíprocas, saudavelmente coesas em nível ecológico e com nítida hierarquia de poder (Bronfenbrenner, 1979/1996; Rutter, 1987; Zimmerman & Arunkumar, 1994). O conjunto destes fatores de proteção, diante de situações de estresse, serve como recursos que auxiliam a pessoa a interagir com os eventos de vida e alcançar bons resultados, evitando conseqüências negativas ou enfrentando-as como se fossem desafios a serem superados (Garmezy & Masten, 1994).

Neste sentido, tomando a violência doméstica como um fator de risco presente na vida das crianças deste estudo, foram investigados os fatores de proteção relativos à rede de apoio social e à representação mental das relações de apego, que podem promover resiliência em crianças vítimas e não-vítimas de violência doméstica. Ambos os grupos podem ensinar muito com relação a estes aspectos. Estruturas e funcionalidade de redes de apoio social destas crianças e suas nuances, bem como a representação mental das relações de apego, podem mostrar distintas formas de lidar com situações de estresse. Para tal, é importante, compreender os aspectos relacionados aos eventos de violência doméstica aos quais estas crianças estão expostas. Uma breve revisão da literatura sobre o tema é apresentada a seguir.

1.3 Violência Doméstica

A violência sofrida ou testemunhada por crianças é um fenômeno complexo, resultante de uma combinação de fatores individuais e sociais, que ocorre na maioria dos países do mundo e em todos os grupos socioeconômicos, culturais, raciais e religiosos (Pires, 1999). A presença de violência doméstica e comunitária tem sido comparada com cenas similares às das zonas de guerra (Garbarino, Dubrow, Kostelny & Pardo, 1992). Crianças e mulheres estão sendo vitimizadas e espancadas em seus lares e as ações de violência estão banalizadas no dia-a-dia da sociedade atual (Dlugokinski & Allen, 1997). A mídia traz à tona, em detalhes, fatos que as pessoas, algumas vezes, não vivenciam em seu cotidiano, ou seja, a exposição às drogas, ações de *gangs*, uso de armas, conflitos entre raças e religiões baseados em preconceitos e fanatismo, exploração infantil e juvenil, atividades terroristas e, ainda, desastres naturais. Todos estes fatos geram, ao mesmo tempo, medo e habituação com a violência.

Repetidamente, as crianças testemunham em primeira mão, a violência através da mídia, prejudicando qualquer possibilidade de ter uma visão de mundo seguro e previsível. Como resultado, crianças vivenciam sentimentos de pânico e ansiedade, têm pesadelos e dificuldades de concentração ou apresentam fobia social (Dlugokinski & Allen, 1997). No entanto, nem sempre esta violência está tão distante da realidade e sendo assistida somente na televisão. Formas violentas e agressivas são utilizadas em ambientes familiares, às vezes, como parte da prática disciplinar, para controlar crianças ou puni-las por comportamentos não aprovados por seus *pretensos* cuidadores. Estudos sobre violência doméstica revelam que o padrão violento vivido em casa é levado pela vida afora, refletindo-se no modo como as crianças lidam com eventos estressantes do seu dia-a-dia e interagem socialmente (Caminha, 1999; Oliveira & Flores, 1999).

Não há concordância universal para definir violência e/ou abuso contra a criança, sendo usados vários termos, tanto no âmbito nacional como no internacional, tais como, castigo, disciplina, maus tratos, agressão ou vitimização (Pires, 1999; Farinatti e cols., 1993). Todos estes termos, no entanto referem-se ao que Koller (1999) definiu como violência, ou seja, um fator de risco para todas as pessoas, relacionado com ações que tendem a cessar, impedir ou retardar o desenvolvimento pleno dos seres humanos. São ações caracterizadas por violação dos direitos humanos, abusos nas relações de poder (hierarquia, subordinação e desigualdade), relações discriminatórias (gênero, raça) e de exclusão (pobreza, marginalidade, orientação sexual).

Pires (1999) e Koller (1999) apontam aspectos que são comuns em casos de violência doméstica. Por parte dos pais aparece alta incidência de repetição da história de abuso sofrida na infância por parte do abusador, isolamento social, gravidez na adolescência, promiscuidade dos pais com vários parceiros convivendo sob o mesmo teto, apego inseguro ou ansioso entre pai/mãe/filho, falta de acompanhamento pré-natal, capacidade limitada em lidar com situações de estresse (perda fácil do autocontrole), uso de drogas e alcoolismo, baixa escolaridade, desemprego, doenças psiquiátricas, transtornos emocionais e de personalidade. Os fatores mais frequentes, que expõem a criança ao risco de violência são: ter menos de três anos de idade, ou seja, ser ainda inábil para se defender, ter sido separado da mãe ao nascer, por doença, prematuridade ou malformações congênitas, ter sido adotado com falta de vínculo nos primeiros anos de vida e não ter sido planejada (Farinatti e cols., 1993; Garbarino e cols., 1992; Koller, 1999; Pires, 1999).

Koller (1999) enfatiza que a violência ou abuso refere-se não só a ação, mas também a omissão de parte do adulto cuidador, que resulte em prejuízo ao desenvolvimento físico, emocional, intelectual e social da criança, bem como na insuficiência ou distorção da interação dos pais (ou cuidadores) com seus filhos. Ações e/ou omissões têm se constituído em várias formas de violência expressa contra a criança no ambiente doméstico, que a literatura tem descrito de várias formas. A seguir serão descritas algumas delas, tais como, abuso físico, abuso sexual, abuso emocional e negligência.

O abuso físico tem sido apontado como a forma de violência mais comum e fácil de diagnosticar, pois está geralmente associada a alguma forma de punição ou disciplina (Pires, 1999). Frequentemente, a marca do instrumento utilizado na agressão (cintos, fivelas, cordas, correntes, dedos e dentes) é encontrada no corpo violado. Estas marcas tendem a ser repetitivas e aumentam a cada investida (Farinatti e cols., 1993). Lesões de queimaduras de segundo e terceiro grau, principalmente por imersão, são comuns e acometem zonas bizarras, tais como, períneo, nádegas, mãos e pés. Queimaduras de cigarro podem ocorrer acidentalmente, mas podem levantar suspeitas quando são múltiplas. Com menos frequência, talvez pela localização, são encontradas erosões no lábio superior, no palato e no freio lingual, em crianças com mais de um ano de idade, por tentativa forçada de alimentação. Fraturas são frequentes, podendo ser únicas, múltiplas, antigas ou recentes. São comuns em costelas em crianças menores de dois anos. Traumatismos abdominais e cranianos são causas de mortalidade frequentes em crianças submetidas à violência. As fraturas de crânio em bebês são associadas à Síndrome do Bebê Sacudido. Esta síndrome é descrita como uma lesão abusiva na cabeça, que ocorre quando uma criança é sacudida com raiva em reação ao choro contínuo ou comportamento irritável do bebê. A criança sacudida apresenta sinais e sintomas de apatia, vômitos, crises convulsivas, irritabilidade persistente e falta de apetite (Farinatti e cols., 1993; Pires, 1999).

A punição física é, ainda, extremamente danosa para a criança do ponto de vista emocional. Esta forma de disciplina mostra uma confusão entre o amor e a dor, o ódio e a submissão, entre outros sentimentos. As crianças que sofrem punições físicas estão mais propensas a demonstrar agressão com seus irmãos, com os colegas de escola, a terem condutas agressivas e anti-sociais na adolescência, a serem violentas quando adultas em seus relacionamentos conjugais e com seus próprios filhos, bem como cometer crimes violentos (Farinatti e cols., 1993; Pires, 1999).

Abuso sexual é definido como qualquer interação, contato ou envolvimento da criança ou adolescente em atividades sexuais, ao qual ela não compreenda ou não consinta, violando assim as regras sociais e legais da sociedade. Estes envolvimento podem ser por assédio, toques físicos, *voyeurismo*, estupro, incesto e exploração sexual infantil (Pires, 1999).

Farinatti e colaboradores (1993) afirmam que as manifestações indicativas de vitimização sexual são muito variadas, variando desde alterações de comportamentos, até lesão genital grave. Alguns comportamentos indicadores de abuso consistem em queixas comportamentais e somáticas, tais como, distúrbios do sono, dor abdominal, enurese, baixo desempenho escolar, depressão, comportamento sexualizado, choro fácil, medo das pessoas em geral e comportamento suicida.

As meninas são as vítimas mais freqüentes e a grande maioria é abusada por pessoas que transitam em contextos nos quais a menina também participa. Pais, padrastos, avós, tutores ou parentes próximos têm sido apontados como os principais abusadores denunciados às autoridades competentes.

O abuso emocional está presente em todas as demais formas de violência, embora possa ocorrer isoladamente e variar desde a desatenção ostensiva até a rejeição total. É difícil ser documentado e diagnosticado, porque não deixa qualquer sinal visível (Farinatti e cols., 1993; Pires, 1999). Esta forma de abuso é potencialmente nociva para a criança, levando a conseqüências severas como depressão, suicídio, baixa auto-estima, nanismo de privação, retraimento, entre outras.

Garbarino e colaboradores (1992) descreveram algumas formas de abuso emocional como rejeição, degradação, exploração, isolamento, terrorismo, indisponibilidade emocional e corrupção, que leva a criança a modelos de condutas não-aceitáveis pela sociedade.

A negligência é uma falha ou omissão dos pais ou cuidadores na assistência e no provimento das necessidades básicas da criança, tais como, saúde, alimentação, respeito, afeto e educação. Algumas vezes, a pobreza extrema pode ser confundida com a negligência, mas são questões completamente distintas e separadas (Pires, 1999).

Farinatti e colaboradores (1993) afirmam que as manifestações de negligência podem ser percebidas nos cuidados inadequados com a nutrição, levando a um déficit de crescimento. O abandono pode gerar evasão escolar, pela falta de vigilância e de supervisão. O descuido pode ainda deixar as crianças mais expostas a acidentes e

intoxicações freqüentes. Crianças negligenciadas apresentam higiene precária, roupas sujas e, constantemente, têm assaduras e problemas de pele.

Para Pires (1999), as conseqüências de todos os tipos de violência e abuso citados até aqui podem ser imediatas ou tardias. As imediatas são o estresse pós-traumático e os distúrbios emocionais. As tardias são o risco de drogadição, exploração sexual, problemas de aprendizagem, promiscuidade, queixas somáticas, distúrbios na sexualidade, depressão e dificuldades de relacionamento.

1.4 Relações Familiares e Violência Doméstica

O nascimento de uma criança é considerado um evento social que sela a criação de uma família. O período pré-natal marca o início do desenvolvimento da relação pais e criança. A entrada desta criança no ambiente familiar pode determinar se ela será tratada adequadamente ou não. Existem algumas circunstâncias específicas que tornam a relação pais e filhos mais vulnerável à probabilidade de ocorrência de maus tratos, como por exemplo, situação econômica muito precária, histórias e características pessoais da família, história de abuso ou negligência na infância dos pais, entre outros (Bolger, Thomas & Eckenrode, 1997).

Crockenberg (1981) aponta para a complexidade dos fatores que influenciam o desenvolvimento da relação pais e criança. Um destes fatores é o apego seguro, no qual a criança demonstra angústia quando é separada da mãe, mas sente-se reconfortada logo que ela retorna. Este autor afirma que mães que têm um bom apoio social de adultos em suas vidas são mais sensíveis aos cuidados de seus bebês do que aquelas mães com um pobre apoio social. Este apoio é imprescindível quando os bebês são irritadiços e agitados, pois as mães apresentam mais capacidade em lidar com seus bebês quando podem contar com alguém que as ajude. Bolger e colaboradores (1997) salientam que os comportamentos maternos, as características das crianças e as relações fora da díade pais/criança podem ajudar a determinar a qualidade do cuidado que a criança vai receber.

Por outro lado, a própria história dos pais pode contribuir para dificultar o cuidado com as crianças. Pais que receberam cuidado inadequado enquanto crianças, não terão um modelo adequado para se tornarem bons pais. Além disso, muitas vezes, apresentam incapacidade de verem seus filhos separados deles, independentes e autônomos. Bolger e colaboradores (1997) afirmam que pais cujas necessidades de cuidado não foram satisfeitas podem estar preocupados com si mesmos, não

conseguindo colocar os interesses no cuidado com seus filhos em primeiro lugar. Há uma alta incidência de pais que maltratam seus filhos, que foram maltratados na sua infância (Egeland, Jacobvitz & Sroufe, 1988; Farinatti e cols., 1993; Kaufman & Zigler, 1989; Koller, 1999; Pires, 1999; Sameroff & Feil, 1985).

McClelland (1973) afirma que o abuso pode ser compreendido como um processo no qual as diferenças iniciais entre pais e filhos são ampliadas o tempo todo. Pequenas assincronias entre criança e cuidador, brandura nos problemas que exigem controle, forma extrema de disciplina e leves interações aversivas são multiplicadas até tornarem-se reconhecidas como desviantes e perigosas ao desenvolvimento. Este processo está associado ao estresse e à falta de apoio social da família (Egeland e cols., 1988; McClelland, 1973).

Bolger e colaboradores (1997) afirmam que na visão de como pais e crianças tornam-se uma família, o abuso é verdadeiramente um sistema com defeito em sua função. O padrão do maltrato é baseado em tipos particulares de relações entre a díade, vítima e perpetrador e os outros que podem estar envolvidos. Para modificar este padrão de maltrato é necessário compreender quais fatores ameaçam a relação familiar e o desenvolvimento da relação de apego pais/criança. Só assim será possível implementar uma intervenção efetiva para prevenir o maltrato.

Visando à prevenção de repetição do quadro de violência doméstica, bem como as conseqüências da mesma, faz-se necessário o reconhecimento de fatores que possam ajudar a pessoa em desenvolvimento a romper ou minimizar os fatores de risco. A promoção de resiliência com uma visão integrada de pessoa-ambiente pode ser uma forma de prevenção. A identificação de pessoas e ambientes mais significativos da rede de apoio pode subsidiar trabalhos de base, estimulando segurança, confiança, autoestima, entre outros, aproveitando o vínculo positivo, tanto da comunidade como da família com as crianças vitimizadas.

1.5 Rede de Apoio Social

O ser humano, desde seu nascimento, necessita de cuidados especiais para sobreviver. O bebê precisa ser limpo, alimentado e, principalmente, tratado com especial carinho e compreensão por aqueles que cuidarão dele ao longo de sua vida. Nesse primeiro ambiente, já se caracteriza a necessidade que todas as pessoas têm de apoio social no decorrer do ciclo vital. Tanto o bebê precisa de apoio, como a mãe e o pai da criança. Com a ocorrência dos eventos de vida, tanto positivos ou negativos,

previsíveis ou imprevisíveis ao desenvolvimento humano, é percebido com mais clareza a necessidade de interação da pessoa com seu ambiente social.

O apoio social é entendido como um processo interativo entre a pessoa e seu ambiente social, evoluindo ao longo da vida e sendo moldado por reciprocidade e bidirecionalidade, entre a pessoa e aquelas outras que fazem parte de seu mundo social (Newcomb, 1990). Dentro da perspectiva da Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano, entende-se por mundo social os sistemas ou contextos [micro (família), meso (creche, escola, trabalho), exo (direção da escola ou creche, lares dos professores, trabalho dos pais) e macrossistemas (religião, valores, crenças)] que a criança frequenta e interage enquanto pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1979/96).

A primeira relação de apoio social evolui das relações de apego iniciais da criança e da capacidade e disposição dos pais em prover suas necessidades. Esta experiência é a primeira base de esperança e segurança em outras pessoas para satisfazer necessidades e desejos. O mundo social da criança começa a expandir-se para incluir outros membros não-familiares, geralmente, da creche e da escola. Começa a formar-se aqui a rede de apoio social, baseada também, nas qualidades pessoais da criança de responsividade e temperamento (Newcomb, 1990).

Brito e Koller (1999) definem rede de apoio social como “o conjunto de sistemas e de pessoas significativas que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo” (p.117). Newcomb (1990) afirma que a rede de apoio social é dinâmica e construída em todas as fases da vida. Aponta ainda, que um alto nível de apoio social pode melhorar o funcionamento pessoal e proteger o indivíduo de efeitos negativos causados por adversidades e estresse. O efeito protetivo que o apoio social oferece está relacionado ao desenvolvimento da capacidade da pessoa para enfrentar estas adversidades, promovendo características de resiliência e desenvolvimento adaptativo da personalidade (Brito & Koller, 1999; Garmezy & Masten, 1994; Rutter, 1987).

Para Pierce e colaboradores (1996), apoio social é concebido a partir de três conceitos: apoio social percebido, relações significativas de apoio social e presença real de redes de apoio social. Entretanto para melhor compreensão do apoio social, estes conceitos não devem ser vistos isolados, mas dinamicamente. O apoio social percebido tem sido utilizado para definir a estima, o cuidado e/ou o interesse entre as pessoas.

Reflete a crença da pessoa sobre a natureza das suas relações sociais e o apoio percebido através das atitudes daqueles que compõem a sua rede de relações.

Pierce e colaboradores (1996) revelam que pessoas que têm relativamente bem formadas a percepção, as expectativas e as atribuições sobre as relações de apoio com pessoas específicas, apresentam uma boa avaliação sobre os recursos e as pessoas disponíveis em suas vidas. Estas relações podem capacitar pessoas na prevenção de eventos estressantes, como, por exemplo, buscar um conselho ou orientação, ajuda financeira, informação relevante para resolução de um problema, terapia, tratamento, minimizando o risco da ocorrência do evento. Ao mesmo tempo em que a rede de apoio social é composta por relações próximas e significativas, estas relações são dinâmicas e constantes, ou seja, há um movimento de entrada e saída de pessoas na estrutura da rede. Da mesma forma, a pessoa vivencia novas avaliações para recompor a rede.

Sarason, Shearin, Pierce e Sarason (1987) verificaram que pessoas com alto índice de apoio percebido foram mais atentas na avaliação das características individuais de seus pares do que outras pessoas. Elas, também, atribuem a si mesmas mais qualidades positivas do que negativas, além de se relacionarem positivamente com seus pais, amigos e pares. Afirmam que estes achados contribuem para capacitar pessoas a desenvolver estratégias de *coping* (formas de lidar com eventos estressantes) mais realistas e efetivas, sendo mais eficazes no confronto com desafios, mesmo em uma situação de estresse (Pierce e cols., 1996; Sarason e cols., 1987). A rede de apoio social promove bem-estar através da auto-estima e vínculos afetivos. Por outro lado, a ausência de uma rede de apoio pode produzir sentimentos de solidão e falta de sentido na vida. Apoio social pode, ainda, oferecer condições para subsidiar estratégias de *coping* em situações muito estressantes, promovendo a manipulação da situação e o apoio emocional, favorecendo a resiliência (Samuelsson, Therlund & Ringström, 1996).

Samuelsson e colaboradores (1996) descrevem a rede de apoio social em termos estruturais e funcionais. A estrutura refere-se à existência da rede, podendo ser medida por seu tamanho e composição. A função direciona-se às características e qualidades das relações existentes na rede, e pode ser medida de várias formas, entre elas pela satisfação com sua rede de apoio social e pela qualidade dos vínculos afetivos presentes na rede, bem como a integração destes dois aspectos.

Para a criança, a primeira e a mais importante rede de apoio é a família. Boyce (1985) propõe que a família oferece um sentido de estabilidade com os elementos

centrais na experiência da vida. Entretanto, quando se fala em violência doméstica não se pode esperar que a família ofereça estes elementos de forma positiva, pois é dentro deste ambiente que está centralizado o maior fator de risco. Contudo Bronfenbrenner (1979/1996) destaca que, segundo a Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano, sempre há algo saudável em uma pessoa ou no contexto em que está inserida que pode ser resgatado e retomado em seu desenvolvimento. Mesmo na situação crítica constituída pelo quadro da violência doméstica, crianças resilientes encontram meios e força para buscar ajuda e o apoio necessário, no intuito de interromper este processo. Muitas vezes a ajuda é encontrada dentro da própria família. A possibilidade de encontrar esta ajuda está na rede de apoio social, bem como em todos os ambientes e sistemas freqüentados pela criança, principalmente a escola, amigos e vizinhos, estando assim, a serviço da promoção de resiliência (Koller, 1999).

A relação inicial de apego tem sido descrita como a base para o reconhecimento e o estabelecimento de relações estáveis e recíprocas – que são a base para a formação de uma rede de apoio. A seguir é apresentada uma revisão sobre a representação mental sobre as relações de apego.

1.6 Representação Mental das Relações de Apego

A relação de apego permeia os temas da violência e rede de apoio social. Na violência, ao detectar-se a falta ou a carência de cuidado com a criança, está aparente, implicitamente, a presença da falta de confiança, da insegurança e do vínculo mal feito entre o cuidador e a criança. Aparece desde a falta de acompanhamento pré-natal até a mãe e/ou pai que não conseguiram atender a criança em suas necessidades, seja por características dela ou pela história de vida dos pais.

A relação de apego consiste em um vínculo afetivo e recíproco, no qual aqueles que cuidam, proporcionam a satisfação das necessidades de quem é cuidado, através do provimento de conforto, carinho e proteção. A sensibilidade dos pais para responder às necessidades da criança e a qualidade da interação entre ambos contribuem para o desenvolvimento de um senso de confiança e segurança, que servirá como base para o conhecimento e exploração do ambiente pela criança (Ainsworth & Bell, 1970; Blehar, Liberman & Ainsworth, 1977; Bowlby, 1989; Cecconello, 1999).

A experiência de apego advinda das interações da criança com seus cuidadores possibilita a construção de modelos de trabalhos internos, como a internalização de estruturas cognitivas, que servirão como base para novos relacionamentos (Ainsworth,

1989). O modelo que a criança constrói de si mesma reflete a imagem que os pais têm dela e a noção de quão aceitável ou inaceitável ela se percebe aos olhos dos pais. O modelo das figuras de apego refere-se à idéia que a criança faz de quem são seus pais (suas figuras de apego), onde podem ser encontrados e como respondem às suas necessidades (Cecconello, 1999).

Ptacek (1996) aponta que, entre fatores determinantes da percepção de apoio social, a relação de apego com o cuidador primário é, talvez, o componente mais crítico do desenvolvimento. O apoio social percebido em adultos é a manifestação do modelo de trabalho interno baseado na relação de apego (Sarason e cols., 1987). As relações primárias são hipoteticamente relacionadas ao sentimento de ser aceito e cuidado por toda a vida. Pessoas que têm uma relação de apego positiva tendem a acreditar que outras pessoas são confiáveis para ajudá-la, como também elas podem oferecer ajuda quando for preciso. O modelo de trabalho interno, uma vez internalizado, estará relativamente resistente a modificações (Ptacek, 1996). Alguns autores afirmam que os modelos de trabalhos internos podem ser transmitidos intergeracionalmente (Bretherton, 1996; Posada, Waters, Crowell & Lay, 1995). Baseado nesse pressuposto, é que se realizam estudos sobre a representação mental das relações de apego (conforme descrito por Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990; Cassidy, 1988; Fury, Carlson, & Sroufe, 1997). Estes autores avaliam a relação de apego baseados na comunicação da criança sobre a relação, pois postulam que as experiências precoces de apego foram internalizadas e transformadas em representações mentais da relação de apego. Uma das maneiras de avaliar esta representação mental é através do desenho da família proposto por Fury, Carlson e Sroufe (1997). Estes autores salientam que as experiências de apego da criança podem ser representadas através do desenho e avaliadas de acordo com determinadas características, que predizem a qualidade da sua relação de apego. Estas medidas são importantes, pois permitem avaliar a qualidade do vínculo em crianças, numa idade em que elas já passaram pelo processo de apego e já têm internalizado um modelo mental de funcionamento do mesmo.

Tendo em vista os temas apresentados nesta tese, a investigação da representação mental das relações de apego torna-se de suma importância, uma vez que a relação de apego está relacionada diretamente com todas as variáveis apresentadas. Além disso, a coesão e o apoio familiar são características protetivas que, se identificadas, podem promover resiliência em ambientes, nos quais o risco é muito

intenso, como no caso da violência doméstica, interrompendo ou minimizando o ciclo da violência e favorecendo o desenvolvimento destas crianças.

1.7 Objetivos

1.7.1 Objetivos Gerais

O objetivo geral deste estudo foi investigar a violência doméstica como fator de risco e a rede de apoio social e representação mental das relações de apego como fatores de proteção, capazes de promover a resiliência ou agravarem a vulnerabilidade existente na vida de meninas vítimas de violência doméstica, em comparação com meninas não vítimas de violência doméstica. Este estudo considerou como fatores fundamentais para a promoção de resiliência, o apoio social e afetivo estruturado e funcional e a representação mental das relações de apego. A Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano serviu como base para análises e discussão dos resultados.

1.7.2 Objetivos Específicos

- a) Avaliar a estrutura e a funcionalidade da rede de apoio de meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica;
- b) Avaliar a representação mental das relações de apego de meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica.
- c) Integrar os dados da representação mental e da rede de apoio social e afetivo das meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica, identificando fatores de proteção ao desenvolvimento.

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1 Participantes

Foram avaliadas 40 meninas, sendo vinte meninas vítimas de violência doméstica (abuso físico) e vinte meninas não-vítimas de violência doméstica, com idades entre oito e doze anos, que freqüentavam a escola da segunda a quinta série e de nível sócio-econômico baixo, com renda de no máximo um salário mínimo. O grupo de meninas vítimas de violência foi encaminhado por instituições e/ou escolas, que haviam identificado o problema e registrado as ocorrências de violência doméstica nos órgãos competentes (Conselho Tutelar, Ministério Público). O grupo de meninas não vítimas de violência doméstica foi composto por meninas que freqüentavam as mesmas escolas, emparelhadas com o grupo de meninas vítimas por escolaridade, idade, constituição familiar e situação econômica. Violência doméstica foi definida como agressão originada dentro do ambiente familiar em direção à criança, que lhe causa danos físicos corporais. Embora haja vários tipos de ações que possam ser qualificadas como violência doméstica, neste estudo, foram escolhidos os casos de abuso físico contra a criança no ambiente familiar. As meninas apresentavam denúncias baseadas em agressões que geraram escoriações, fraturas, queimaduras, hematomas, etc. Cabe ressaltar que o abuso físico, no entanto, não aparece isolado de outras formas de abuso, principalmente, o abuso psicológico. A amostra foi constituída apenas por meninas, porque este foi o gênero mais freqüente entre as vítimas que apresentavam denúncias nos órgãos competentes consultados.

2.2 Instrumentos e Procedimentos

Para a execução do estudo foram, inicialmente, visitadas quatro escolas estaduais de Ensino Médio, sendo duas delas cicladas e as outras duas seriadas. Escolas cicladas são aquelas que não possuem séries, mas ciclos (fases). Nesses ciclos são desenvolvidos conteúdos específicos direcionados ao ensino de aspectos especiais e individualizados, voltados para as necessidades de cada criança. As escolas cicladas foram criadas com base em decisões políticas para a educação infantil no Rio Grande do Sul e têm priorizado a todas as crianças o direito à educação, com acesso à escola,

eliminando a repetência, a evasão e a exclusão (<http://www.educacao.rs.gov.br>, data de consulta 10/12/2002).

As escolas, nas quais este estudo foi desenvolvido, estão situadas próximo às residências das meninas. Duas delas em bairros próximos a avenidas e as outras duas inseridas dentro de favelas, nas quais as meninas residem. As duas primeiras escolas, devido ao fato de serem mais centrais, atendem crianças de todo o bairro, mesclando também o nível sócio-econômico da população que a frequenta. As outras duas atendem uma população de crianças em situação de pobreza, ou seja, crianças que vivem em favelas e com renda de no máximo um salário mínimo. As comunidades nas quais as meninas desta pesquisa residem, tanto as vítimas como as não vítimas de violência doméstica, podem ser descritas como carentes e violentas. Suas residências são de madeira ou tábuas, as ruas são calçadas com paralelepípedos ou sem calçamento. Não tem água encanada e o sistema de saneamento básico é precário. A vizinhança é, principalmente, formada por pessoas humildes. Há, ainda, a presença de traficantes de drogas e assaltantes, tornando o ambiente da comunidade muito perigoso para todos os moradores e profissionais das escolas, dos postos de saúde e dos centros comunitários. Todas as meninas que fizeram parte dessa pesquisa apresentavam-se vestidas com roupas simples, às vezes, rasgadas. Algumas com aparência descuidada e sem higiene adequada, revelando a precariedade de recursos disponibilizados.

Determinados o objetivo e a população para o estudo, foram contatadas instituições que atendem meninas vítimas de violência doméstica (abuso físico), que indicaram algumas escolas que estas meninas frequentavam. Nas quatro escolas da rede estadual, foram realizadas reuniões com diretores e professores, com o objetivo de explicitar o trabalho que seria realizado, como também, definir os critérios de amostragem. Foram levantados junto às escolas todos os casos de abuso físico, idades, turmas e séries das meninas que tinham registro de violência e verificado se todas elas ainda atendiam à escola. Em caso positivo, foram então identificadas as meninas vítimas de violência doméstica e, a partir do perfil das mesmas, foram listadas as meninas que não sofriam abuso físico com base nas listas de chamada das mesmas séries. Foi realizado um sorteio para escolha das meninas não vítimas, com base nesta listagem. O próximo passo foi o encaminhamento de uma correspondência aos pais de todas as meninas que tinham denúncia de violência doméstica (abuso físico) e das meninas não-vítimas de violência doméstica sorteadas, comunicando sobre a pesquisa e solicitando o consentimento informado (Anexo A) para a realização da mesma. Apenas duas

correspondências não foram devolvidas. Todas as outras crianças que devolveram o consentimento informado foram avaliadas. As meninas foram, então, chamadas a participar da pesquisa. Para evitar a exposição da denúncia e constrangimento, as crianças foram chamadas aleatoriamente nas salas de aula.

Os instrumentos foram aplicados de forma alternada em duas sessões. Para algumas meninas era feito, primeiro, a entrevista e, posteriormente, eram aplicados os outros dois instrumentos (Mapa dos Cinco Campos e o Desenho da Família). Para outras, utilizou-se a ordem inversa de aplicação.

Os instrumentos utilizados foram uma Entrevista Bio-Sócio-Demográfica (Anexo B), o Mapa dos Cinco Campos (Anexo C) criado originalmente por Samuelsson, Therlund e Ringström (1996) e adaptado por Hoppe (1998) para uso no Brasil, para avaliar a rede de apoio social e o Desenho da Família, proposto por Fury, Carlson e Sroufe (1997) e adaptado por Ceconello (1999) para uso no Brasil, para avaliar a representação mental das relações de apego. Estes instrumentos são descritos a seguir.

2.2.1 Entrevista Bio-Sócio-Demográfica (Anexo A)

O primeiro contato feito com as meninas participantes da pesquisa foi através desta entrevista inicial, a qual tinha o objetivo de estabelecer o primeiro vínculo, além de coletar dados de identificação das meninas e de suas famílias. Foram coletados dados como idade, série, número de reprovações na escola (caso tenham ocorrido), ocupação dos pais e configuração familiar. Após conversar com as meninas sobre estes aspectos e sobre possíveis eventos positivos e negativos de suas vidas, caso mencionassem o abuso físico, era questionado o grau de relacionamento do abusador com elas e se este residia ou não na mesma casa. Caso a menina não mencionasse o abuso nesta entrevista, mas durante a aplicação dos demais instrumentos, esta informação era anotada posteriormente. Não houve casos de meninas que omitiram o fato de terem sido abusadas fisicamente e de desconhecem a denúncia feita sobre isto aos órgãos competentes.

2.2.2 Mapa dos Cinco Campos

A rede de apoio social das meninas foi avaliada pelo Mapa dos Cinco Campos (Samuelsson, Therlund & Ringström, 1996) adaptado para crianças brasileiras por Hoppe (1998). Este instrumento avalia a estrutura e a funcionalidade desta rede.

Consiste em um quadro de feltro com medidas de 60x80 cm, no qual são fixadas fichas circulares, com base de velcro, de figuras que representam adultos, adolescentes e crianças de ambos os sexos. No quadro de feltro estão desenhados seis círculos concêntricos que distribuem, em espaços iguais e em forma de fatias, a família, parentes, escola, vizinhos/amigos e contatos formais, formando cada um deles um dos cinco campos. A proposta deste instrumento é que cada círculo adjacente ao central sirva para medir a qualidade do vínculo com a criança: o primeiro representa a própria criança; o segundo e terceiros círculos correspondem às relações mais próximas (maior vínculo); o quarto e o quinto círculo correspondem às relações mais distantes (menor vínculo); e, o último círculo (periférico) corresponde aos contatos negativos, ou seja, aquelas pessoas das quais a criança não gosta ou com as quais não se sente bem.

Em cada círculo a criança indica as pessoas importantes ("que mais goste"), assim como aquelas com quem mantêm um mau relacionamento ("que não goste"). É solicitado ainda que a criança identifique a existência de conflito (brigas), assinalado pelo símbolo †, e rompimento de relações entre a criança e alguma das pessoas representadas (pessoa com quem "não se dá"), com o símbolo ‡. A criança indica ainda, em cada campo, sua satisfação (gosta) ou insatisfação (não gosta) nos relacionamentos envolvidos pelos símbolos "S" e "I", respectivamente.

No campo família, a criança é solicitada a situar pessoas que vivem na mesma casa na qual mora e com quem mantém laços afetivos e/ou consangüíneos, como mãe, pai, irmãos, além de outras pessoas que considera importante neste ambiente. No campo parentes, a criança situa as pessoas com quem mantém laços afetivos e/ou consangüíneos, mas que não moram na mesma casa que a sua, como por exemplo, tios, tias, avós, padrinhos, entre outros. No campo escola, situa as pessoas com quem mantém contato na escola e que considera importantes, como a professora, colegas ou funcionários da escola. No campo vizinhos/amigos, a criança pode incluir aquelas pessoas que residem próximo à sua casa ou mesmo distante, mas as quais considera importantes. No campo contatos formais, a criança indica pessoas ligadas a outras instituições freqüentadas por ela, como por exemplo, a igreja, o centro comunitário, o posto de saúde, etc., que não tenham sido referidos nos campos anteriores. Todas estas informações são anotadas em uma Folha de Registro (Anexo D), acrescidas das informações de nome, grau de parentesco, idade e outras observações trazidas pela criança. Após o preenchimento do Mapa, é incluída uma questão para identificar a

pessoa que representa apoio e segurança para a criança: “Quem você procuraria caso necessitasse de ajuda?” (recomendado por Hoppe, 1998).

O *rapport* para a aplicação do Mapa foi o seguinte: O pesquisador coloca o quadro de feltro à frente da criança e a caixa com as fichas ao seu lado. Então diz: “Aqui tem os cinco círculos (apontar cada círculo nomeá-los e contar com a criança). No meio está você (a criança coloca uma ficha circular representando a si própria). Em cada fatia do círculo devem ser colocadas pessoas com quem você convive. Elas ainda não estão aqui porque é você quem vai colocá-las em cada espaço”.

Apresentar as fichas mostrando como fixá-las no quadro, identificando junto à criança a representação de crianças, adolescentes e adultos, femininos (rosa) e masculinos (azul): “Aqui estão algumas figuras que podem representar estas pessoas que você vai falar: um homem, uma mulher, um jovem (nem adulto nem criança) de cada sexo, um menino e uma menina. Você vai colocá-las em volta deste círculo central: quanto mais perto do meio, onde você está, mais você gosta; quanto mais longe, menos você gosta. No último círculo (da periferia) você colocará apenas as pessoas que você não gosta. Compreendeu o que você precisa fazer? Explique, então, o que você vai fazer”.

O pesquisador vai certificar-se de que a criança compreendeu as instruções iniciais e introduzirá os campos do círculo: “No quadro existem cinco fatias, uma para a família, outra para os parentes, outra para a escola, uma para os vizinhos e amigos e uma outra para outros lugares que você frequenta. Você pode começar por onde desejar. Por onde você quer começar? (Esperar que a criança mencione o campo desejado). Bem, você escolheu...” (explicar em que consiste o campo escolhido conforme as seguintes definições):

Família: “Bem você escolheu a família, então aqui você pode colocar as pessoas que moram na mesma casa que a sua”. Quando a criança concluir a colocação das fichas sobre o Mapa, o pesquisador solicitará que identifique as pessoas que estão sendo representadas. Será registrada a classificação na Folha de Registro. A criança também será questionada quanto à possibilidade de existir conflito (“Você se dá com esta pessoa?”) entre ela e a pessoa representada ou rompimento de relações (marcar com os sinais correspondentes), e a classificação de satisfação (S) ou insatisfação (I) com a seguinte pergunta: “Você gosta da convivência com esta pessoa?”. Caso a criança mencione espontaneamente o conflito ao colocar as fichas no quadro, não deve ser questionada novamente.

Parentes: “Nesta fatia você pode colocar os seus parentes, ou seja, aquelas pessoas de sua família que não moram na mesma casa que a sua. Podem ser tios, avós, primos, etc.”. Seguir com a classificação de conflito, rompimento, satisfação e insatisfação.

Escola: “Na fatia da escola, você deve colocar pessoas com quem você convive nela como professoras, colegas ou funcionários”.

Amigos/Vizinhos: “Na fatia amigos/vizinhos, você poderá colocar pessoas que moram perto da sua casa, ou mesmo que moram longe, mas que você considere amigos”.

Contatos Formais: “Nessa fatia, você vai escolher as pessoas que conhece de algum lugar que costuma ir, como a igreja, posto de saúde ou outro que você lembre”.

Para a avaliação das estruturas das redes são levantados os números totais de pessoas citadas e os números parciais em cada campo em separado. Deve ser considerada, também, a ordem de escolha dos campos. Os dados relacionados aos aspectos funcionais ou de qualidade das redes de apoio incluem: satisfação ou insatisfação em cada campo, o papel da(s) pessoa(s) citadas, em primeiro lugar, em cada campo, o número de relacionamentos caracterizados por conflitos e rompimentos e o fator de proximidade.

O fator de proximidade, ou grau de vinculação da criança com a pessoa citada no mapa, é medido a partir da localização desta pessoa em relação ao círculo central que representa a criança. Quanto mais próximo da criança, mais alto é o grau de proximidade. O valor é obtido pela multiplicação do número de pessoas incluídas no círculo mais próximo por 8, e nos círculos seguintes por 4, 2 e 1, respectivamente. O fator de proximidade é calculado com escores em cada campo e no total do mapa. Os contatos negativos são calculados pelo número de citações no último círculo. O grau de insatisfação é calculado pelo número de campos no qual a criança esteja insatisfeita e, os conflitos, são calculados pelo número indicado pela criança (relacionamentos marcados por brigas, discórdias e atritos).

2.2.3 Desenho da Família

A representação mental das relações de apego das meninas foi avaliada pelo Desenho da Família (Fury, Carlson & Sroufe, 1997). A aplicação do teste teve como tarefa de aquecimento o desenho de uma pessoa, que foi feito com canetas hidrocores em uma folha de desenho tamanho padrão (A4). Posteriormente, foi solicitado à criança

que fizesse o desenho de sua família, em uma folha de desenho de tamanho 30x40 cm, utilizando as canetas hidrocores. Completada esta tarefa, a criança identificou as pessoas incluídas no desenho e explicou qual a relação de parentesco destas pessoas com ela. Esta informação foi registrada pelos examinadores em uma folha separada (Anexo E).

A análise dos dados foi realizada através da avaliação do desenho, tomando por base os critérios desenvolvidos por Fury (1996) e adaptado por Cecconello (1999) para a classificação da representação mental da relação de apego da criança através de duas escalas: Escala de Frequência de Sinais Específicos no Desenho da Família (Anexo F) e Escala Global para Avaliação do Desenho da Família (Anexo G).

A Escala de Frequência de Sinais Específicos é composta por 24 itens que descrevem características do desenho, tais como, falta de individuação, rigidez nos braços, exagero na cabeça, falta de cor, etc., que são pontuados de acordo com a sua frequência nos desenhos. Desenhos que apresentam determinado sinal recebem um ponto, desenhos que não apresentam o sinal recebem zero. Os sinais apresentados nesta escala indicam características de apego inseguro.

A Escala Global para avaliação do desenho da família é composta por oito subescalas: 1) Vitalidade/Criatividade; 2) Felicidade/Orgulho da Família; 3) Vulnerabilidade; 4) Distância Emocional/Isolamento; 5) Tensão/Raiva; 6) Papéis Invertidos; 7) Dissociação; e, 8) Patologia Global. A pontuação nessas escalas vai de 7 a 1 (muito alto a muito baixo). Nas escalas de Vitalidade/Criatividade e Felicidade/Orgulho da Família, quanto mais alta a pontuação, melhor é o desenho em termos de criatividade e sentimentos de felicidade com relação à família. Nas demais escalas, quanto mais alta a pontuação, o desenho apresenta mais características negativas.

De acordo com Fury (1996), as características do desenho avaliadas por essas duas escalas não estão vinculadas especificamente com algum tipo de apego, mas com histórias de apego inseguro em geral. Assim, a análise dos desenhos nessa pesquisa teve como objetivo avaliar a representação mental da relação de apego de meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica, mais especificamente de abuso físico, não classificando os desenhos em tipos específicos de apego. Os desenhos foram avaliados por dois pesquisadores que analisaram individualmente os desenhos e se reuniram, posteriormente, para discutir eventuais discordâncias até obter consenso. Quando

discordâncias posteriores aconteceram, um terceiro avaliador interveio no processo e participou da discussão até obter consenso.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

O plano geral de análise de dados desta pesquisa visou a descrever a amostra estudada de meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica, bem como a levantar frequências, médias, diferenças entre grupos de meninas vítimas e não-vítimas e as correlações entre as variáveis apoio social e representação mental das relações de apego, verificando os objetivos estabelecidos no Capítulo I.

3.1 Caracterização da Amostra

A amostra desta pesquisa foi composta por 40 meninas, sendo 20 meninas vítimas de abuso físico e 20 meninas não-vítimas de abuso físico, de nível socioeconômico baixo, residentes em favelas próximas às escolas estaduais nas quais estudam, emparelhadas em relação à idade, série, configuração familiar, etc. As idades variam entre oito e doze anos, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1.

Médias e Desvio-Padrão da Idade das Meninas Vítimas e Não-Vítimas

Grupo	Idade	
	<i>m</i>	<i>dp</i>
Vítima	10,10	1,33
Não vítima	9,95	1,39
Total	10,03	1,35

A média geral das idades das meninas dessa pesquisa foi de dez anos ($dp=1,35$). A maioria das meninas freqüentava a segunda e a terceira série, conforme mostra a Tabela 2. Comparando os dados das Tabelas 1 e 2, é verificado que a maioria das meninas tem $m=10,03$, e que 35% das meninas freqüentam a segunda série e 27% e a terceira série. O esperado é que crianças com dez anos de idade freqüentem a quarta série. Esse dado aponta para um atraso na vida escolar dessas meninas.

Tabela 2.

Frequência e Percentuais das Séries Escolares das Meninas Vítimas e Não-Vítimas

Série	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
1	2	10	1	5	3	7,5
2	7	35	7	35	14	35
3	7	35	4	20	11	27,5
4	2	10	4	20	6	15
5	2	10	4	20	6	15
Total	20	100	20	100	40	100

Apesar do atraso estar presente em ambos os grupos, as meninas vítimas de abuso físico apresentam maior número de reprovações (60%) do que as meninas não-vítimas de abuso físico (50%), conforme mostra a Tabela 3.

Tabela 3:

Frequência e Percentuais para Reprovações na Escola das Meninas Vítimas e Não-Vítimas

Reprovações	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
0	8	40	10	50	18	45
1	7	35	8	40	15	37,5
2	1	5	2	10	3	7,5
3	3	15	0	0	3	7,5
4	1	5	0	0	1	2,5
Total	20	100	20	100	40	100

As meninas vítimas de abuso físico apresentam entre uma e quatro reprovações na escola, enquanto as meninas não-vítimas de abuso físico apresentaram uma ou duas reprovações. Este dado, no entanto, está distorcido, porque 15% das meninas vítimas atendem às escolas cicladas (ou seja, não há registro de reprovação), enquanto que apenas 5% das meninas não-vítimas pertenciam a essas escolas.

Outra variável estudada foi a configuração familiar das meninas. A partir das respostas dadas foram estabelecidas quatro categorias: a) família nuclear, ou seja, constituída por pais e filhos e que residem no mesmo lar; b) família monoparental, constituída por apenas um dos pais e seus filhos; c) família reconstituída, aquela em que o cuidador, pai ou mãe, estabeleceu uma nova relação em um novo lar com um outro(a) parceiro(a); e, d) família substituta, aquela que não é a família biológica imediata. Esta

última categoria foi composta por apenas dois casos. O primeiro caso é o de uma menina órfã que foi morar com a avó e a tia materna. O segundo caso é o de uma menina que a mãe entregou, ainda bem pequena, aos cuidados de uma madrinha. A Tabela 4 apresenta as frequências e percentagens de cada uma destas quatro categorias de configuração familiar para cada grupo de meninas.

Tabela 4.

Frequência e Percentuais das Categorias de Configuração Familiar Presentes nos Grupos de Meninas Vítimas e Não-Vítimas de Violência Doméstica

Tipo de família	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Nuclear	6	30	13	65	19	47,5
Monoparental	9	45	2	10	11	27,5
Reconstituída	4	20	4	20	8	20
Substituta	1	5	1	5	2	5
Total	20	100	20	100	40	100

Um teste de Qui-quadrado revelou que não há diferença entre as meninas vítimas e meninas não-vítimas de violência doméstica nas diversas categorias de configuração familiar. Os dados da Tabela 4 mostram que 47,5% das famílias são nucleares, 27,5% são monoparentais e 20% são reconstituídas. Em relação às meninas vítimas de abuso físico, 45% das famílias são monoparentais e 30% das famílias são nucleares. Enquanto que das meninas não-vítimas de abuso físico, 65% das famílias são nucleares e apenas 10% são monoparentais. Ambos os grupos têm 5% de famílias substitutas. Além de serem questionadas sobre as pessoas que viviam em suas casas, as meninas de ambos os grupos responderam quem são as pessoas que consideram membros de suas famílias, conforme apresentado na Tabela 5.

Tabela 5.

Frequência e Percentuais de Categorias sobre a Percepção da Constituição Familiar de Meninas Vítimas e Não-Vítimas

Família percebida	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Mãe e irmãos	7	35	1	5	8	20
Pais (casal) e irmãos	7	35	10	50	17	42,5
Casal ou um dos pais + irmãos + avós	-	-	1	5	1	2,5
Casal ou um dos pais + irmãos + avós + tios + primos	1	5	6	30	7	17,5
Casal ou um dos pais + irmãos + primos	2	10	1	5	3	7,5
Apenas os tios	1	5	-	-	1	2,5
Casal ou um dos pais + irmãos + tios	1	5	1	5	2	5
Tios e avós	1	5	-	-	1	2,5
Total	20	100	20	100	40	100

De acordo com os dados da Tabela 5, as meninas não-vítimas de violência demonstram perceber como família, não só a família nuclear ou reconstituída por pais/madrasta/padrasto e irmãos (50%), mas também os membros da família extensa, como avós, tios e primos (30%). Entretanto, as meninas vítimas de abuso físico concentram sua percepção de família, nas mães e irmãos (monoparentais; 35%) e nos pais/madrasta/padrasto e irmãos (nucleares e/ou reconstituídas; 35%). Apenas 20% das meninas vítimas apontam a família extensa (tios, avós e primos) e 10% informam apenas os tios ou os tios e os avós como parte de suas famílias. A percepção das meninas vítimas de uma família mais restrita ao núcleo imediato – pais e irmãos (70%), revela uma tendência ao isolamento familiar das meninas vítimas de violência doméstica, diferindo das meninas não-vítimas que apresentam maior amplitude em sua percepção de família, incluindo avós, tios e primos, dispersando mais suas respostas para as demais categorias.

Outro aspecto investigado sobre a família é relativo à ocupação de seus membros em atividades remuneradas. A Tabela 6 apresenta frequências e percentagens da ocupação formal ou informal das mães ou madrastas das meninas de ambos os grupos.

Tabela 6.

Freqüências e Percentuais de Ocupação de Mães/Madrastas das Meninas Vítimas e Não-Vítimas

Ocupação	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Ausente	3	15	3	15	6	15
Presente	17	85	17	85	34	85
Total	20	100	20	100	40	100

A Tabela 6 demonstra que 85% das mães/madrastas de meninas vítimas e não-vítimas de abuso físico trabalham e apenas 15% não possuem ocupação. Contudo, conforme é apresentado na Tabela 7, há maior freqüência de pais ou padrastos não empregados das meninas vítimas (40%) do que das meninas não-vítimas (15%). Oitenta e cinco por cento dos pais ou padrastos das não-vítimas possuem trabalho, enquanto 60% dos pais ou padrastos das meninas vítimas possuem ocupação.

Tabela 7.

Freqüência e Percentuais de Ocupação de Pais/Padrastos das Meninas Vítimas e Não-Vítimas

Ocupação	Vítima		Não vítima		Total	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Ausente	8	40	3	15	11	27,5
Presente	12	60	17	85	29	72,5
Total	20	100	20	100	40	100

A Tabela 8 apresenta as freqüências e percentuais do grau de parentesco do abusador com as meninas vítimas de violência doméstica. Pais aparecem com maior freqüência como abusadores das meninas. Os resultados da Tabela 7, que revelam a alta freqüência de não-ocupação destes pais (40%), podem sugerir a associação do desemprego com o abuso físico impetrado por eles em suas famílias.

Tabela 8.

Freqüências e Percentuais do Grau de Parentesco do Abusador com as Meninas Vítimas de Violência Doméstica

Grau de parentesco	<i>n</i>	%
Pai	10	50
Padrasto	2	10
Outro familiar	1	5
Mãe	2	10
Irmãos	4	20
Avós	1	5
Total	20	100

A Tabela 8 demonstra que 60% dos pais e padrastos são os abusadores. Aparecem, ainda, 20% dos irmãos como abusadores e em 5% dos casos, os avós ou outro familiar que moram com a criança. Este dado revela a alta freqüência de presença do abusador no microsistema familiar. Uma vez que os casos haviam sido denunciados, foi questionado se os abusadores permaneciam na mesma residência das meninas após a denúncia ou haviam sido afastados, conforme apresenta a Tabela 9.

Tabela 9.

Freqüência e Percentual de Presença ou Ausência dos Abusadores no Microsistema Familiar após a Denúncia

Abusador	Total	
	<i>n</i>	%
Presente	11	55
Ausente	9	45
Total	20	100

O abusador está presente em 55% das residências das meninas vítimas de abuso físico, conforme demonstra a Tabela 9. Foi realizado um levantamento para especificar quais os graus de relacionamento dos abusadores que se mantinham no microsistema familiar ou haviam sido afastados, de acordo com a Tabela 10.

Tabela 10.

Frequência e Percentagem de Presença ou Ausência do Abusador, segundo o Grau de Relacionamento com a Menina Vítima

Grau de relacionamento	Presente		Ausente	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Mãe	2	18,1	-	-
Pai	1	9,1	9	100
Padrasto	2	18,1	-	-
Irmãos	4	36,5	-	-
Avós	1	9,1	-	-
Outro familiar	1	9,1	-	-
Total	11	100	9	100

Nove pais abusadores estavam ausentes do contexto familiar. Comparando estes dados com os resultados da Tabela 4 (categorias de configuração familiar), percebe-se que estes pais ausentes confirmam os nove casos de famílias monoparentais, ou seja, que são constituídas pelas mães, sendo que a saída dos pais deu-se pela revelação do abuso.

3.2 Rede de Apoio Social e Afetiva

Nesse segundo momento, são apresentados os resultados da estrutura e funcionalidade das redes de apoio de meninas vítimas de abuso físico e não-vítimas. Para tal, foram realizadas análises de frequências, percentagens e comparações entre amostras independentes (vítimas/não vítimas). Para avaliar as estruturas das redes de apoio foi levado em consideração o número total de pessoas por campo e em toda a rede, bem como a ordem de escolha dos campos e das pessoas citadas em cada círculo.

Meninas não-vítimas citaram mais pessoas ($n=105$) no campo família do que meninas vítimas ($n=96$). Um teste de Qui-quadrado revelou que não houve diferença significativa ($p>0,05$) entre o número total de pessoas citadas e entre o número de crianças, adolescentes e adultos citados pelos grupos de meninas vítimas e não-vítimas de abuso físico, conforme mostra a Tabela 11.

Tabela 11.

Freqüências e Percentagens de Pessoas Citadas no Campo Família pelas Meninas Vítimas de Violência Doméstica e pelas Meninas Não-Vítimas, de acordo com as Faixas Etárias – Criança, Adolescente e Adulto

Campo família	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Criança	33	34,4	35	33,3	68	33,8
Adolescente	16	16,7	13	12,4	29	14,4
Adulto	47	49	57	54,3	104	51,7
Total	96	100	105	100	201	100

No campo parentes, meninas não-vítimas citaram mais pessoas ($n=133$) do que meninas vítimas ($n=97$), conforme mostra a Tabela 12. Um teste de Qui-quadrado mostrou que não houve diferença significativa ($p>0,05$) no número total de pessoas citadas no campo parentes e entre as variáveis crianças, adolescentes e adultos citados pelas meninas vítimas e não-vítimas de abuso físico.

Tabela 12.

Freqüência e Percentagens de Pessoas Citadas no Campo Parentes pelas Meninas Vítimas de Violência Doméstica e pelas Meninas Não-Vítimas, de acordo com as Faixas Etárias – Criança, Adolescente e Adulto

Campo parentes	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Criança	26	26,8	38	28,6	64	27,8
Adolescente	20	20,6	22	16,5	42	18,3
Adulto	51	52,6	73	54,9	124	53,9
Total	97	100	133	100	230	100

No campo escola, conforme mostra a Tabela 13, as meninas vítimas citaram 108 pessoas, enquanto que as não-vítimas citaram um total de 124 pessoas. Um teste de Qui-quadrado revelou que não houve diferença significativa ($p>0,05$) entre as freqüências totais de citação, ou entre a escolha de crianças, adolescentes e adultos pelas meninas vítimas e não-vítimas de abuso físico no campo escola.

Tabela 13.

Frequências e Percentuais do Número de Pessoas Citadas no Campo Escola pelas Meninas Vítimas de Violência Doméstica e pelas Meninas Não-Vítimas, de acordo com as Faixas Etárias – Criança, Adolescente e Adulto

Campo escola	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Criança	69	63,9	77	62,1	146	62,9
Adolescente	15	13,9	14	11,3	29	12,5
Adulto	24	22,2	33	26,6	57	24,6
Total	108	100	124	100	232	100

No campo vizinhos e/ou amigos, meninas não-vítimas citaram mais pessoas ($n=84$) do que meninas vítimas ($n=79$). No entanto, tal diferença não foi significativa ($p>0,05\%$), segundo um teste de Qui-quadrado e também não houve diferença entre as variáveis crianças, adolescentes e adultos citados pelos grupos de meninas vítimas e não-vítimas de abuso físico, neste campo. As frequências e percentagens são apresentadas na Tabela 14.

Tabela 14.

Frequências e Percentuais de Pessoas Citadas no Campo Vizinhos e/ou Amigos pelas Meninas Vítimas de Violência Doméstica e pelas Meninas Não-Vítimas, de acordo com as Faixas Etárias – Criança, Adolescente e Adulto

Campo vizinho/amigos	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Criança	30	38	39	46,4	69	42,3
Adolescente	11	13,9	13	15,5	24	14,7
Adulto	38	48,1	32	38,1	70	42,9
Total	79	100	84	100	163	100,0

No campo contatos formais, meninas não-vítimas citaram mais pessoas ($n=63$) do que meninas vítimas ($n=61$), conforme mostra a Tabela 15. Um teste de Qui-quadrado não encontrou diferença significativa ($p>0,05$) entre os valores totais citados neste campo, nem entre a citação de crianças, adolescentes e adultos pelos grupos de meninas vítimas e não-vítimas de abuso físico.

Tabela 15.

Freqüências e Percentuais de Pessoas Citadas no Campo Contatos Formais pelas Meninas Vítimas de Violência Doméstica e pelas Meninas Não-Vítimas, de acordo com as Faixas Etárias – Criança, Adolescente e Adulto

Campo Contatos formais	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima		n	%
	n	%	n	%		
Criança	18	29,5	26	41,3	44	35,5
Adolescente	25	41	20	31,7	45	36,3
Adulto	18	29,5	17	27	35	28,2
Total	61	100	63	100	124	100,0

Foi realizado um levantamento da freqüência e percentagens do total de pessoas citadas pelas meninas de ambos os grupos por círculos e o total. Sessenta e cinco por cento das meninas tanto vítimas como não-vítimas de abuso físico citaram, aproximadamente, entre dezesseis e vinte e cinco pessoas em toda a rede, somadas as citações nos cinco campos, conforme mostra a Tabela 16.

Tabela 16.

Freqüências e Percentuais do Total de Pessoas Citadas nos Cinco Campos do Mapa de Meninas Vítimas e Não-Vítimas de Violência Doméstica

Total de pessoas citadas	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima		n	%
	n	%	n	%		
9 -15	3	15	3	15	6	15
16 -20	7	35	4	20	11	27,5
21 - 25	6	30	5	25	11	27,5
26 - 30	2	10	3	15	5	12,5
31 -40	1	5	3	15	4	10
41 - 45	1	5	1	5	2	5
46 - 50	0	0	1	5	1	2,5
Total	20	100	20	100	40	100

De acordo com a Tabela 16, apenas duas meninas vítimas citaram entre trinta e uma e quarenta e cinco pessoas na rede. Enquanto meninas não-vítimas apresentam um total de 20% nessa mesma faixa e uma maior dispersão de citações que variam de vinte e seis a cinquenta pessoas na rede, perfazendo um total de 40%. Nenhuma menina citou menos de nove pessoas na rede.

Foi verificada ainda a freqüência de pessoas citadas em cada um dos cinco círculos em cada grupo. Cada um dos círculos adjacente ao central serve para medir a

qualidade do vínculo da criança com a pessoa citada. O primeiro representa a própria criança; o segundo e terceiros círculos correspondem às relações mais próximas (maior vínculo); o quarto e o quinto círculo correspondem às relações mais distantes (menor vínculo); e, o último círculo (periférico) corresponde aos contatos negativos, ou seja, aquelas pessoas das quais a criança não gosta ou com as quais não se sente bem.

No primeiro círculo adjacente ao que representa a criança, ou seja, o segundo círculo que corresponde às relações mais próximas (maior vínculo) foi encontrado um percentual de 37,5% na faixa entre seis a dez pessoas citadas, 27,5% na faixa entre três a cinco e 22,5% na faixa entre onze a quinze pessoas citadas na rede, conforme mostra a Tabela 17.

Tabela 17.

Frequências e Percentuais de Pessoas Citadas no Primeiro Círculo de Relações Mais Próximas pelas Meninas Vítimas e Não-Vítimas de Violência Doméstica

Citações no 1º círculo	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
3-5	6	30	5	25	11	27,5
6 - 10	8	40	7	35	15	37,5
11 - 15	3	15	6	30	9	22,5
16 - 21	3	15	2	10	5	12,5
Total	20	100	20	100	40	100

De acordo com a Tabela 17, as meninas vítimas de abuso físico citaram entre três a dez pessoas citadas no primeiro círculo da rede (70%) e apenas 15% citaram entre onze e vinte e uma pessoas. Enquanto as meninas não-vítimas distribuíram as pessoas neste círculo, na faixa entre três a quinze pessoas (90%), e apenas 10% citaram na faixa entre dezesseis a vinte e uma pessoas.

Foi realizado, ainda, um levantamento das frequências e percentagens da citação de crianças, adolescentes e adultos no segundo círculo (que representa maior vínculo). Meninas vítimas de abuso físico e meninas não-vítimas não apresentaram número de citações diferentes por faixa etária no primeiro círculo (teste de Qui-quadrado não significativo, $p > 0,05$). A Tabela 18 apresenta as frequências e percentagens de pessoas citadas no segundo círculo por meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica.

Tabela 18.

Frequências e Percentuais do Total de Pessoas Citadas no Segundo Círculo de Relações Mais Próximas pelas Meninas Vítimas e Não-Vítimas de Violência Doméstica

Citações no 2º círculo	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>N</i>	%
0 -5	8	40	7	40	14	37,5
6 -10	7	35	6	30	13	32,5
11 - 15	4	20	2	10	6	15
16 - 20	0	0	2	10	2	5
21 - 25	1	5	2	10	3	7,5
26 - 31	0	0	1	5	1	2,5
Total	20	100	20	100	40	100

De acordo com a Tabela 18, 95% das meninas vítimas de abuso físico demonstram uma concentração do número de pessoas citadas entre zero e quinze pessoas no segundo círculo. Enquanto meninas não-vítimas de abuso físico apresentam respostas distribuídas em várias faixas que variam entre zero e trinta e uma citações de pessoas no segundo círculo. Duas meninas, uma vítima e outra não-vítima de abuso físico, não citaram ninguém neste segundo círculo.

No terceiro círculo (representando a presença de relações um pouco distantes com a criança) foi encontrado um percentual de 27,5% de meninas que não citaram ninguém neste círculo, 25% meninas citaram apenas duas pessoas e 15% citaram quatro pessoas, conforme mostra a Tabela 19.

Tabela 19.

Frequências e Percentuais do Total de Pessoas Citadas no Terceiro Círculo (Relações um pouco Distantes) pelas Meninas Vítimas e Não-Vítimas de Violência Doméstica

Citações no 3º círculo	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
0	5	25	6	30	11	27,5
1	0	0	4	20	4	10
2	7	35	3	15	10	25
3	4	20	1	5	5	12,5
4	3	15	3	15	6	15
5	1	5	1	5	2	5
6	0	0	2	10	2	5
Total	20	100	20	100	40	100

De acordo com a Tabela 19, 35% das meninas vítimas de abuso físico citaram duas pessoas no terceiro círculo, 20% citaram três pessoas e 15% citaram quatro pessoas. Das meninas não-vítimas, 20% citaram uma única pessoa no 3º círculo, 15% citaram duas ou quatro pessoas e 10% citaram seis pessoas. Entre 25% e 30% das meninas vítimas e não vítimas respectivamente, não citaram ninguém neste terceiro círculo.

Foi realizado um levantamento de frequências e percentagens de citações de crianças, adolescentes e adultos no círculo de relações um pouco distantes (terceiro círculo). Meninas vítimas de abuso físico citaram 16 crianças, 17 adolescentes e 9 adultos, enquanto meninas não-vítimas citaram 18 crianças, 11 adolescentes e 15 adultos. Estes resultados denotam que meninas vítimas de abuso físico citaram 15,5% mais adolescentes do que meninas não-vítimas, enquanto estas citam 2,8% mais crianças e 12,7% mais adultos do que meninas vítimas no terceiro círculo.

No quarto círculo (relações mais distantes), um total de 37,5% das meninas não citou ninguém, 27,5% citaram uma única pessoa, 17,5% citaram três pessoas e 15% citaram duas pessoas. Apenas 2,5% citaram seis pessoas no quarto círculo, conforme mostra a Tabela 20.

Tabela 20.

Frequências e Percentuais do Total de Pessoas Citadas no Quarto Círculo (Relações Distantes) pelas Meninas Vítimas e Não-Vítimas de Violência Doméstica

Citações no 4º círculo	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
0	3	15	12	60	15	37,5
1	9	45	2	10	11	27,5
2	3	15	3	15	6	15
3	5	25	2	10	7	17,5
6	0	0	1	5	1	2,5
Total	20	100	20	100	40	100

A Tabela 20 demonstra que 60% das meninas não-vítimas de abuso físico não citaram ninguém no círculo de relações distantes (quarto), enquanto apenas 15% das meninas vítimas não o fizeram. Quarenta e cinco por cento das meninas vítimas citaram uma única pessoa, 25% citaram três pessoas e 15% citaram duas pessoas. Quinze por

cento das meninas não-vítimas citaram duas pessoas e 10% citaram uma ou três pessoas no quarto círculo.

Foi realizado um levantamento de frequências e percentagens de citações de crianças, adolescentes e adultos neste círculo de relações distantes (quarto). Meninas vítimas de abuso físico citaram 13 crianças, 6 adolescentes e 10 adultos, enquanto meninas não-vítimas citaram 6 crianças, 3 adolescentes e 11 adultos. Estes resultados indicam que meninas vítimas de abuso físico citaram 14,8% crianças e 5,7% adolescentes a mais do que meninas não-vítimas, enquanto estas citaram 20,5% a mais de adultos no quarto círculo.

No quinto círculo (contatos negativos), 30% das meninas não citaram ninguém, 25% citaram duas pessoas, 17,5% citaram uma única pessoa e dez por cento citaram três pessoas, conforme mostra a Tabela 21.

Tabela 21.

Frequências e Percentuais do Total de Pessoas Citadas no Quinto Círculo (Contatos Negativos) pelas Meninas Vítimas e Não-Vítimas de Violência Doméstica

Citações no 5º círculo	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
0	6	30	6	30	12	30
1	4	20	3	15	7	17,5
2	5	25	5	25	10	25
3	2	10	2	10	4	10
5	1	5	0	0	1	2,5
6	1	5	2	10	3	7,5
7	0	0	1	5	1	2,5
9	0	0	1	5	1	2,5
10	1	5	0	0	1	2,5
Total	20	100	20	100	40	100

Como demonstra a Tabela 21, trinta por cento de ambos os grupos não citaram ninguém no quinto círculo, relativo a contatos negativos. Vinte e cinco por cento de ambos os grupos citaram duas pessoas e 10% citaram três pessoas. Apenas uma menina vítima citou dez pessoas neste círculo. Foram realizados ainda levantamentos de frequências de crianças, adolescentes e adultos citados como contatos negativos. Meninas vítimas de abuso físico citaram 11 crianças, 10 adolescentes e 19 adultos, enquanto meninas não-vítimas citaram 30 crianças, 7 adolescentes e 9 adultos. Estes resultados apontam que meninas vítimas de abuso físico citaram 37,7% crianças e 9,8%

adolescentes a mais do que meninas não-vítimas, enquanto estas citaram 27,9% a mais de adultos no quinto círculo.

Para avaliar a funcionalidade ou qualidade da rede de apoio social e afetivo de meninas vítimas de violência doméstica e não-vítimas, foram avaliados o nível de satisfação e insatisfação das meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica na rede como um todo e em cada campo; o número de relações caracterizadas por conflitos ou rompimentos em cada campo; o fator de proximidade total e em cada campo; e, o papel das pessoas citadas por círculo. Foram realizados levantamentos de frequências, calculadas médias e desvios-padrão, como também foi utilizado o Teste *t* para verificar diferenças entre os dois grupos (vítimas e não-vítimas).

A Tabela 22 apresenta as médias e desvios-padrão do nível de satisfação das meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica em cada campo da rede, representado no mapa.

Tabela 22.

Médias e Desvios-Padrão do Nível de Satisfação de Meninas Vítimas e Não-Vítimas de Violência Doméstica na Rede de Apoio Social e Afetivo Representados pelo Mapa dos Cinco Campos

Satisfação	Grupo				<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>
	Vítima		Não vítima				
	<i>m</i>	<i>dp</i>	<i>m</i>	<i>dp</i>			
Família	4,15	2,25	4,85	2,03	0,30	-1,03	38
Parentes	4,20	1,85	6,00	3,23	0,03*	-2,16	38
Escola	4,40	1,73	4,30	2,39	0,88	0,15	38
Vizinhos /amigos	3,40	2,33	3,10	1,97	0,66	0,44	38
Contatos Formais	2,40	1,47	2,75	3,23	0,66	-0,44	38
Total	18,40	6,82	21,00	9,77	0,33	-0,97	38

Um Teste *t* comparou o nível de satisfação de meninas vítimas e não-vítimas de abuso físico em cada campo da rede de apoio social e afetivo. Foi encontrada diferença significativa para a variável satisfação no campo parentes, entre os grupos ($t=-2,16$; $gl=38$; $p=0,03$). As meninas não-vítimas ($m=6,00$; $dp=3,23$) apresentam maior satisfação neste campo do que as meninas vítimas ($m=4,20$; $dp=1,85$). Este resultado indica uma convivência mais satisfatória das meninas não-vítimas com a família extensa. Foi avaliado, também, o nível de insatisfação de meninas vítimas e não-vítimas

de abuso físico em cada campo da rede de apoio social e afetivo. Não foi encontrada diferença significativa entre os grupos nesta variável ($p > 0,05$).

Foi realizado, ainda, um Teste *t* para avaliar as diferenças entre os grupos de meninas vítimas e não-vítimas quanto às relações de conflitos e rompimentos na rede de apoio social e afetivo. Não houve diferença significativa nas relações caracterizadas como conflitantes, porém nas relações que caracterizam rompimentos houve diferença significativa do campo família em relação às meninas vítimas de abuso físico, conforme mostra a Tabela 23.

Tabela 23.

Médias e Desvios-Padrão das Relações Caracterizadas como Rompimento de Meninas Vítimas e Não-Vítimas

Rompimentos	Grupo				<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>
	Vítima		Não vítima				
	<i>m</i>	<i>dp</i>	<i>m</i>	<i>dp</i>			
Família	0,35	0,74	0,00	0,00	0,04*	2,10	38
Parentes	0,35	0,98	0,20	0,52	0,55	0,60	38
Escola	0,25	0,55	0,65	1,42	0,24	-1,17	38
Vizinhos/Amigos	0,25	0,55	0,30	0,73	0,80	-0,24	38
Contatos Formais	0,25	0,64	0,15	0,49	0,58	0,55	38
Total	1,45	1,88	1,30	2,08	0,81	0,23	38

De acordo com a Tabela 23, foi encontrada diferença significativa nos rompimentos para no campo família em relação às meninas vítimas de abuso físico ($t=2,10$; $gl=38$; $p=0,04$). Meninas não-vítimas de abuso físico não citaram rompimentos no campo família, enquanto meninas vítimas apresentaram uma média de 0,35 de rompimentos nesse mesmo campo.

O fator de proximidade é uma variável que avalia o grau de vinculação das meninas de ambos os grupos com o número de pessoas citadas nos campos. É avaliado a partir do grau de vinculação que a menina informa ter com a pessoa citada no mapa, e é medido a partir da localização desta pessoa em relação ao círculo central que representa a menina. Quanto mais próximo da menina, mais alto é o grau de proximidade. O valor é obtido pela multiplicação do número de pessoas incluídas no círculo mais próximo por 8, e nos círculos seguintes por 4, 2 e 1, respectivamente. O fator de proximidade é calculado com escores em cada campo e no total do mapa. Foi realizado um Teste *t* para comparar as meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica com relação aos fatores de proximidade nos diversos campos, conforme mostra a Tabela 24.

Tabela 24.

Médias e Desvios-padrão dos Fatores de Proximidade das Meninas Vítimas e Não-Vítimas por Campo

Fator de proximidade	Grupo				<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>
	Vítima		Não vítima				
	<i>m</i>	<i>dp</i>	<i>m</i>	<i>dp</i>			
Família	27	15,06	29,75	9,62	0,49	-0,62	38
Parentes	23,4	12,85	33,95	15,56	0,02*	-2,32	38
Escola	23,15	10,91	24,85	13,49	0,66	-0,40	38
Vizinhos/amigos	21,35	15,10	16,7	11,29	0,27	0,66	38
Contatos formais	13,25	8,69	16,2	17,95	0,51	-0,69	38
Total	108,1	43,33	119,85	53,45	0,45	-0,89	38

De acordo com a Tabela 24, foi encontrada diferença significativa em relação ao fator de proximidade de meninas vítimas e não-vítimas no campo parentes ($t=-2,32$; $gl=38$; $p=0,02$). Meninas não-vítimas têm uma maior proximidade com os parentes ($m=33,95$; $dp=15,56$) do que meninas vítimas ($m=23,4$; $dp=12,85$). Este resultado pode ser relacionado com o resultado encontrado na Tabela 22 sobre o nível de satisfação das meninas em relação às pessoas citadas nos cinco campos. Na Tabela 22, os dados demonstram que as meninas não-vítimas de violência doméstica apresentam mais relações satisfatórias com os parentes do que as meninas vítimas.

Para avaliar a funcionalidade da rede, é fundamental, também, identificar os papéis das pessoas citadas pelas meninas na rede. Para tal, foram levantadas frequências e percentagens dos seguintes papéis da mãe e do pai, selecionados devido ao interesse para o estudo da violência doméstica. Foram, também, levantados a frequência dos sexos das pessoas citadas nos círculos e o grau de relacionamento das pessoas a quem as meninas pedem ajuda, em cada um dos círculos do Mapa de Cinco Campos.

Meninas vítimas de abuso físico citaram a mãe do primeiro ao quarto círculo, enquanto meninas não-vítimas de abuso físico citam a mãe nos dois primeiros círculos, que são caracterizados como os mais próximos, conforme mostra a Tabela 25.

Tabela 25.

Frequência e Percentagens de Citação da Mãe nos Círculos do Mapa de Cinco Campos

Mãe	Grupo			
	Vítima		Não vítima	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Círculo 1	14	73,7	17	89,5
Círculo 2	3	15,8	2	10,5
Círculo 3	1	5,3	0	0
Círculo 4	1	5,3	0	0
Círculo 5	0	0	0	0
Total	19	100	19	100

De acordo com a Tabela 25, meninas não-vítimas de abuso físico, citaram a mãe nos dois primeiros círculos indicando que a percepção que elas têm de suas mães é de um vínculo de boa qualidade, visto que os dois primeiros círculos são considerados os mais próximos da criança. Meninas vítimas de abuso físico citaram suas mães do primeiro ao quarto círculo, indicando que as qualidades das relações variam de muito próximas a distantes. As duas meninas órfãs, uma vítima e outra não-vítima, não citaram suas mães.

Meninas vítimas citaram o pai, também, de forma dispersa, ou seja, do primeiro círculo ao quinto círculo, enquanto meninas não-vítimas citaram os pais nos dois primeiros círculos, conforme mostra a Tabela 26.

Tabela 26.

Frequência e Percentuais de Citação do Pai nos Círculos do Mapa dos Cinco Campos

Pai	Grupo			
	Vítima		Não vítima	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Círculo 1	5	55,6	13	86,7
Círculo 2	0	0	2	13,3
Círculo 3	1	11,1	0	0
Círculo 4	1	11,1	0	0
Círculo 5	2	22,2	0	0
Total	9	100	15	100

De acordo com a Tabela 26, meninas não-vítimas citaram seus pais nos dois primeiros círculos demonstrando que a percepção que elas têm dos pais é de proximidade na relação. Cinco meninas não-vítimas não citaram o pai na sua rede.

Entretanto, onze meninas vítimas não citaram seus pais na rede. Entre as que citaram, em 55,5% dos casos foi no primeiro círculo ou de forma distribuída do terceiro ao quinto círculo. Estes resultados apontam para a distância sócio-emocional percebida pelas meninas vítimas em relação a seus pais.

Visto que o abuso sofrido pelas meninas é na maioria perpetrado pelos pais e irmãos, ou seja, pessoas de sexo masculino, verificou-se a relação existente entre as meninas vítimas e não-vítimas de abuso físico e o sexo das pessoas citadas na rede através do Teste *t*. A Tabela 27 apresenta os graus de significância (*p*) nos três primeiros círculos. Meninas vítimas de abuso físico citaram mais pessoas do sexo feminino do que masculino em sua rede de apoio social e afetivo no primeiro círculo ($t=-4,76$; $gl=19$; $p<0,001$), no segundo círculo ($t=-3,84$; $gl=19$; $p<0,001$) e no terceiro círculo ($t=-2,41$; $gl=19$; $p<0,05$), conforme mostra a Tabela 27. As meninas vítimas citaram mais pessoas do sexo feminino em média do que do sexo masculino nos três primeiros círculos do mapa, que representam as relações de maior proximidade.

Tabela 27.

Médias e Desvios-Padrão do Número de Citações de Pessoas dos Sexos Masculino e Feminino Mencionadas por Círculo do Mapa dos Cinco Campos por Meninas Vítima

Círculo	Sexo				<i>p</i>	<i>T</i>	<i>gl</i>
	Masculino		Feminino				
	<i>m</i>	<i>dp</i>	<i>m</i>	<i>dp</i>			
1	2,75	2,00	6,40	3,66	0,001*	-4,76	19
2	2,50	2,82	4,65	3,07	0,001*	-3,84	19
3	0,60	0,88	1,55	1,39	0,02*	-2,41	19
4	0,60	0,82	0,90	0,91	0,34	-0,97	19
5	1,15	1,69	0,90	1,29	0,54	0,66	19

A Tabela 28 apresenta as médias e os desvios-padrão do número de citações de pessoas dos sexos masculino e feminino citados por meninas não-vítimas de violência doméstica nos cinco círculos do Mapa dos Cinco Campos. Há diferença significativa na média dos dois grupos no primeiro ($t=-4,97$; $gl=19$; $p<0,001$), no quarto ($t=-2,23$; $gl=19$; $p<0,05$) e no quinto círculos ($t=-2,56$; $gl=19$; $p<0,01$). As meninas não-vítimas de abuso físico citaram mais pessoas do sexo feminino do que masculino em sua rede de apoio social e afetivo, conforme mostra a Tabela 28.

Tabela 28.

Médias e Desvios-Padrão do Número de Pessoas dos Sexos Masculino e Feminino Citadas por Círculo no Mapa dos Cinco Campos de Meninas Não-Vítimas

Círculo	Sexo				<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>
	Masculino		Feminino				
	<i>m</i>	<i>dp</i>	<i>m</i>	<i>dp</i>			
1	3,20	2,19	6,40	3,05	0,001*	-4,97	19
2	4,70	4,88	5,40	4,35	0,46	-0,74	19
3	0,80	1,20	1,30	1,34	0,14	-1,52	19
4	0,25	0,44	0,75	1,25	0,03*	-2,23	19
5	0,60	0,94	1,75	2,15	0,01*	-2,56	19

Foi solicitado às meninas que respondessem, ao término da aplicação do Mapa dos Cinco Campos, a quem procurariam caso necessitassem ajuda. Para a análise desses dados foram realizados levantamentos de freqüências e percentagens dos graus de relacionamentos das pessoas citadas, conforme mostra a Tabela 29.

Tabela 29.

Freqüências e Percentuais dos Graus de Relacionamento das Pessoas Citadas no Mapa de Cinco Campos de Meninas Vítimas e Não-Vítimas

Grau de relacionamento	Grupo				Total	
	Vítima		Não vítima			
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Mãe	12	60	9	45	21	52,5
Profissionais	3	15	0	0	3	7,5
Tios	3	15	1	5	4	10
Amigos	1	5	6	30	7	17,5
Primos	1	5	0	0	1	2,5
Madrinha	0	0	1	5	1	2,5
Avós	0	0	3	15	3	7,5
Total	20	100	20	100	40	100

De acordo com a Tabela 29, 60% das meninas vítimas de abuso físico informam que pediriam ajuda para a mãe, 15% pediriam ajuda para tios(as) e para profissionais (profissionais ligados à escola, ao centro de saúde ou à igreja) e, por último, 5% pediriam ajuda a primos(a) e amigos(as). Entretanto 45% das meninas não-vítimas pediriam ajuda para a mãe, 30% para amigos(as), 15% para as avós e 5% para tios(as) e madrinha. Este resultado revela que meninas não-vítimas de abuso físico possuem maior circulação entre contextos diferentes, diversificando o grau de relacionamento das pessoas para quem pediriam ajuda.

3.3 Representação Mental das Relações de Apego

A análise dos dados foi realizada através da avaliação do desenho, tomando por base os critérios desenvolvidos por Fury (1996) e adaptado por Cecconello (1999) para a classificação da representação mental da relação de apego da criança através de duas escalas: Escala de Frequência de Sinais Específicos no Desenho da Família e Escala Global para Avaliação do Desenho da Família.

Para avaliação dos resultados da representação mental das relações de apego foi realizado inicialmente, o levantamento total de frequências dos sinais presentes e ausentes da Escala de Sinais Específicos do Desenho da Família de todas as meninas da amostra, conforme mostra a Tabela 30. Estes sinais são avaliados a partir da análise dos desenhos. A presença ou ausência dos sinais no desenho é pontuada como 1 e 0, respectivamente. Dois avaliadores fizeram análises independentes de todos os desenhos e depois discutiram seus escores até encontrar consenso. No caso de discrepância, um terceiro avaliador foi consultado, para analisar o desenho e buscar consenso para cada sinal específico.

Tabela 30.

Frequências e Percentagens de Presença/Ausência de Escala de Sinais Específicos do Desenho da Família para a Amostra Total

Sinais específicos	presente	%	Ausente	%
Falta de individuação	3	7,5	37	92,5
Rigidez nos braços	16	40,0	24	60,0
Exagero no tamanho da cabeça	0	0,0	40	100,0
Falta de cor	1	2,5	39	97,5
Criança posicionada muito longe da mãe	9	22,5	31	77,5
Omissão da mãe ou criança	17	42,5	23	57,5
Membros da família disfarçados, mascarados ou escondidos	4	10,0	36	90,0
Figuras amontoadas ou sobrepostas	6	15,0	34	85,0
Figuras separadas por barreiras	5	12,5	35	87,5
Figuras demasiadamente pequenas	1	2,5	39	97,5
Figuras demasiadamente grandes	3	7,5	37	92,5
Figuras nos cantos das páginas	3	7,5	37	92,5
Exagero das partes do corpo moles	5	12,5	35	87,5
Exagero das características faciais	3	7,5	37	92,5
Exagero das mãos ou braços	2	5,0	38	95,0
Falta de cenário	20	50,0	20	50,0
Figuras flutuando	17	42,5	23	57,5
Figuras incompletas	12	30,0	28	72,0
Inícios falsos	6	15,0	34	85,0
Mãe não feminilizada	5	12,5	35	87,5
Homens e mulheres não diferenciados por gênero	7	17,5	33	82,5
Figuras esmagadas	0	0,0	40	100,0
Afeto facial neutro ou negativo	10	25,0	30	75,0
Sinais, símbolos ou cenas não usuais	1	2,5	39	97,5

De acordo com a Tabela 30, os itens sinalizados com mais frequência pela amostra total foram: a) falta de cenário (50%); b) figuras flutuando e omissão da mãe ou da criança (42,5%); c) rigidez nos braços; d) figuras incompletas (30%); e) afeto facial neutro (25%); e, f) criança posicionada muito longe da mãe (22,5%).

A Tabela 31 apresenta as frequências e os percentuais de aparecimento dos sinais específicos do Desenho da Família em cada grupo (meninas vítimas e não-vítimas). Um teste de Qui-quadrado não mostrou diferença significativa ($p > 0,05$) entre os dois grupos de meninas (vítimas e não-vítimas de violência doméstica), com relação aos sinais específicos do Desenho da Família.

Tabela 31.

Frequências e Percentagens de Presença/Ausência de Escala de Sinais Específicos do Desenho da Família para Cada Grupo de Meninas Vítimas e Não-Vítimas

Sinais Específicos	Grupo			
	Vítima		Não vítima	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Falta de individuação	3	15,0	0	0,0
Rigidez nos braços	7	35,0	9	45,0
Exagero no tamanho da cabeça	0	0,0	0	0,0
Falta de cor	1	5,0	0	0,0
Criança posicionada muito longe da mãe	4	20,0	5	25,0
Omissão da mãe ou criança	8	40,0	9	45,0
Membros da família disfarçados, mascarados ou escondidos	3	15,0	1	5,0
Figuras amontoadas ou sobrepostas	4	20,0	2	10,0
Figuras separadas por barreiras	1	5,0	4	20,0
Figuras demasiadamente pequenas	1	5,0	0	0,0
Figuras demasiadamente grandes	3	15,0	0	0,0
Figuras nos cantos das páginas	1	5,0	2	10,0
Exagero das partes do corpo moles	4	20,0	1	5,0
Exagero das características faciais	2	10,0	1	5,0
Exagero das mãos ou braços	2	10,0	0	0,0
Falta de cenário	8	40,0	12	60,0
Figuras flutuando	8	40,0	9	45,0
Figuras incompletas	5	25,0	7	35,0
Inícios falsos	4	20,0	2	10,0
Mãe não feminilizada	3	15,0	2	10,0
Homens e mulheres não diferenciados por gênero	5	25,0	2	10,0
Figuras esmagadas	0	0,0	0	0,0
Afeto facial neutro ou negativo	5	25,0	5	25,0
Sinais, símbolos ou cenas não usuais	1	5,0	0	0,0

De acordo com a Tabela 31, os itens sinalizados com mais frequência por meninas vítimas de abuso físico foram: a) falta de cenário, omissão da mãe ou da criança e figuras flutuando (40%); b) rigidez nos braços (35%); c) figuras incompletas, afeto facial neutro ou negativo e homens e mulheres indiferenciados por gênero (25%); e, d) crianças posicionadas muito longe da mãe, figuras amontoadas ou sobrepostas e exagero do corpo mole (20%). Os itens mais sinalizados por meninas não-vítimas foram: a) falta de cenário (60%); b) rigidez nos braços, omissão da mãe ou da criança e figuras flutuando (40%); c) figuras incompletas e homens e mulheres não diferenciados por gênero (25%); e, d) afeto facial neutro ou negativo, exagero das partes do corpo

moles, figuras amontoadas ou sobrepostas e criança posicionada muito longe da mãe (20%).

Foram levantadas freqüências e percentagens, também, das subescalas de Avaliação Global do Desenho da Família, comparando os grupos de meninas vítimas e não-vítimas e a amostra total, conforme mostra a Tabela 32. Para a comparação entre os dois grupos de meninas (vítimas e não-vítimas), os níveis originais de pontuação nessas escalas foram agrupados (segundo sugestão de Cecconello, 1999). Os sete níveis originais de pontuação (7-muito alto, 6-alto, 5-moderadamente alto, 4-moderado, 3-moderadamente baixo e 1-muito baixo) foram agrupados em três níveis devido ao baixo número de observações por escore individual em cada grupo. A categorização realizada nestes agrupamentos gerou três novos níveis para cada uma das subescalas e para o total: alto=7, 6; moderado=5, 4 e 3; e baixo=2 e 1.

Tabela 32.

Freqüências e Percentuais dos Escores das Subescalas de Avaliação do Desenho da Família para Meninas Vítimas e Não-Vítimas de Violência Doméstica

Escala de Avaliação Global	Grupo								p	
	Vítima				Não vítima					
	0	Baixo	Moderado	Alto	0	Baixo	Moderado	Alto		
Vitalidade / criatividade	n	-	3	16	1	-	4	13	3	0,48
	%	-	15,0	80,0	5,0	-	20,0	65,0	15,0	
Orgulho da família	n	-	5	14	1	-	4	11	5	0,20
	%	-	25,0	70,0	5,0	-	20,0	55,0	25,0	
Vulnerabilidade	n	-	-	12	8	-	3	15	2	0,03*
	%	-	-	60,0	40,0	-	15,0	75,0	10,0	
Distância emocional e isolamento	n	8	1	10	1	9	6	5	-	0,09
	%	40,0	5,0	50,0	5,0	45,0	30,0	25,0	-	
Tensão e Raiva	n	-	-	15	5	-	6	12	2	0,02*
	%	-	-	75,0	25,0	-	30,0	60,0	10,0	
Papéis invertidos	n	8	4	6	2	9	6	5	-	0,46
	%	40,0	20,0	30,0	10,0	45,0	30,0	25,0	-	
Dissociação	n	-	-	17	3	-	9	11	-	0,001*
	%	-	-	85,0	15,0	-	45,0	55,0	-	
Patologia global	n	-	1	15	4	-	4	16	-	0,05*
	%	-	5,0	75,0	20,0	-	20,0	80,0	-	

Um Teste de Qui-quadrado revelou diferença significativa na subescala de vulnerabilidade. Meninas vítimas de violência doméstica apresentaram maior freqüência de respostas no indicador de vulnerabilidade em nível alto do que as meninas não-vítimas ($X^2=6,93$; $p<0,05$). Da mesma forma, as meninas vítimas apresentaram maior tensão e raiva ($X^2=7,61$; $p<0,05$) do que as meninas não-vítimas. Na subescala de

dissociação, as meninas vítimas apresentaram maiores freqüências de resposta nos níveis moderado e alto do que as meninas não-vítimas ($X \approx 13,28$; $p < 0,05$). Na subescala de patologia global, as meninas vítimas apresentaram maiores freqüências no nível alto que as meninas não-vítimas ($X \approx 5,83$; $p < 0,05$). Estes resultados indicam que meninas vítimas de abuso físico apresentaram-se mais vulneráveis (subescala de vulnerabilidade) do que meninas não-vítimas, bem como se verificou que a solicitação para a execução da tarefa despertou nas meninas vítimas algum sentimento de tensão e raiva (subescala de tensão e raiva), além de identificar-se à presença de hostilidade e raiva expressa no seu desenho da família caracterizando sentimentos de deslealdade e abandono (subescala de dissociação). Meninas vítimas de violência doméstica apresentam sentimento de mal-estar dentro de suas famílias, denotando sentimentos de ansiedade, medo, dependência, baixa auto-estima, raiva, alienação, dissociação e depressão.

Uma análise ampla revela que as meninas não-vítimas de abuso físico apresentaram graus moderado a baixo, com maior freqüência do que as meninas vítimas, cujos escores tendem a ser mais de moderado a alto. Existe, ainda, um movimento inverso em relação as subescalas de distância emocional e isolamento, que indicam sentimento de solidão e afastamento da mãe. Nestas subescalas aparece uma certa tendência nas meninas vítimas em apresentar níveis moderados e nas meninas não-vítimas em partir de moderado para baixo. Meninas não-vítimas apresentam sentimento de solidão e distanciamento da mãe de moderado a baixo, enquanto meninas vítimas apresentam este sentimento de forma moderada.

3.4 Integração dos Resultados da Rede de Apoio Social e Afetivo e da Representação Mental das Relações de Apego das Meninas Vítimas e Não-Vítimas de Violência Doméstica

Nesse terceiro momento será realizada a integração dos resultados vistos anteriormente sobre a rede de apoio social e afetivo e a representação mental das relações de apego. Foi calculada uma correlação de Spearman entre alguns aspectos apresentados em cada uma das variáveis. Inicialmente foi calculada a correlação entre os fatores de proximidade apresentados nos diversos campos do Mapa dos Cinco Campos (rede de apoio) e os escores da Escala e das Subescalas de Avaliação Global do Desenho da Família (representação mental das relações de apego) de meninas vítimas e

não-vítimas de violência doméstica. Não houve correlação significativa entre estas variáveis para meninas não-vítimas ($p>0,05$). As correlações significativas para meninas vítimas são apresentadas na Tabela 33.

Tabela 33.

Correlação entre os Fatores de Proximidade Apresentados no Mapa dos Cinco Campos (Rede De Apoio) e os Escores da Escala de Avaliação Global do Desenho da Família (Representação Mental das Relações de Apego) de Meninas Vítimas

Escala global	Fator de proximidade por campo					
	Família	Parentes	Escola	Viz/amigos	Cont. formais	Total
Vit/Criatividade	0,06	-0,05	0,28	0,31	0,33	0,20
Orgulho família	0,01	0,09	0,31	0,10	-0,17	-0,00
Vulnerabilidade	0,37	-0,03	-0,01	0,00	-0,06	0,13
Isolamento	0,59*	0,36	0,41	0,26	-0,41	0,46
Tensão /raiva	-0,03	-0,22	-0,25	-0,37	-0,04	-0,19
Papéis invertidos	0,44	0,07	0,33	-0,13	-0,64*	0,23
Dissociação	0,07	-0,21	-0,12	-0,30	-0,01	-0,05
Patologia Global	0,17	-0,17	-0,19	-0,29	0,11	-0,06

* $p<0,05$

De acordo com a Tabela 33, foram encontradas duas correlações significativas. Há correlação positiva significativa ($r=0,59$) entre a escala isolamento da Avaliação Global do Desenho da Família (representação mental das relações de apego) e o fator de proximidade no campo família (rede de apoio social e afetiva). Há, ainda, correlação negativa significativa ($r= -0,64$) entre a escala de papéis invertidos da Avaliação Global do Desenho da Família (relações de apego) e o fator de proximidade do campo contatos formais (rede de apoio). Foi realizada ainda uma Correlação de Spearman entre representação mental das relações de apego e os fatores de proximidade para meninas não-vítimas de violência doméstica, mas não houve correlação significativa ($p>0,05$).

Foram calculadas correlações, usando o teste de Spearman, entre número de pessoas citadas em cada um dos campos do Mapa dos Cinco Campos (rede de apoio) e os escores da Escala e das Subescalas de Avaliação Global do Desenho da Família (representação mental das relações de apego) de meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica. Não houve correlação significativa entre estas variáveis para meninas não-vítimas ($p>0,05$). As correlações significativas para meninas vítimas são apresentadas na Tabela 34.

Tabela 34.

Correlação entre o Número de Citações em cada um dos Cinco Campos da Rede de Apoio Social e Afetivo e os Escores da Escala de Avaliação Global do Desenho da Família de Meninas Vítimas

Escala global	Campos				
	Família	Parentes	Escola	Vizinhos	Contatos formais
Vitalid /Criatividade	-0,02	-0,14	0,39	0,21	0,49*
Orgulho família	-0,04	-0,04	0,59**	0,07	-0,00
Vulnerabilidade	0,33	0,09	-0,35	0,10	-0,12
Isolamento	0,60	0,17	-0,02	0,17	-0,45
Tensão /raiva	0,04	0,10	-0,56**	-0,27	-0,21
Papéis invertidos	0,55	-0,25	0,03	-0,43	-0,57
Dissociação	0,13	0,09	-0,43	-0,17	0,10
Patologia Global	0,23	0,13	-0,54*	-0,18	-0,02

** $p < 0,01$. * $p < 0,05$.

De acordo com a Tabela 34, foram encontradas quatro correlações significativas entre os escores da Escala de Avaliação Global do Desenho da Família (representação mental das relações de apego) e o número total de pessoas citadas em cada um dos cinco campos da rede de meninas vítimas de violência doméstica. Há correlação positiva significativa entre a escala vitalidade e criatividade e o campo dos contatos formais ($r = 0,49$); entre a escala de orgulho da família e o campo escola ($r = 0,59$); e correlação negativa significativa entre a escala de tensão e raiva e o campo escola ($r = -0,56$); e entre a escala de patologia global e o campo escola ($r = 0,56$).

Foi calculada ainda a correlação entre a Escala de Avaliação Global do Desenho da Família (representação mental das relações de apego) e o nível de satisfação e insatisfação apresentado pelas meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica nos cinco campos do mapa (rede de apoio social e afetiva), utilizando o teste de Spearman. Não houve correlação significativa entre as variáveis para meninas não-vítimas ($p > 0,05$). As correlações obtidas no grupo de meninas vítimas estão apresentadas na Tabela 35.

Tabela 35.

Correlação entre a Escala de Avaliação Global do Desenho da Família (Representação Mental das Relações de Apego) e o Nível de Satisfação da Rede de Apoio Social e Afetivo de Meninas Vítimas

Escala global	Nível de satisfação					
	Família	Parentes	Escola	Viz/amigos	C Formais	Total
Vit/Criatividade	-0,00	-0,111	0,16	0,07	0,34	0,14
Orgulho família	-0,09	0,012	0,33	-0,04	-0,17	-0,08
Vulnerabilidade	0,48*	0,154	-0,06	0,19	0,16	0,32
Isolamento	0,83**	0,453	0,20	0,27	-0,40	0,54
Tensão/raiva	0,20	-0,040	-0,31	-0,09	-0,01	-0,09
Papéis invertidos	0,68*	0,046	-0,03	-0,29	-0,62*	0,02
Dissociação	0,21	0,033	-0,21	-0,15	0,13	-0,02
Patol. Global	0,31	-0,010	-0,30	-0,01	0,18	0,03

** $p < 0,01$. * $p < 0,05$.

De acordo com a Tabela 35, foram encontradas quatro correlações significativas entre representação mental das relações de apego e o nível de satisfação de meninas vítimas de violência doméstica. Há correlação positiva significativa entre a escala de vulnerabilidade e o nível de satisfação do campo família ($r=0,48$); correlação positiva significativa entre a escala de isolamento e o nível de satisfação do campo família ($r=0,83$); correlação positiva significativa entre a escala de papéis invertidos e o nível de satisfação do campo família ($r=0,68$); e uma correlação negativa significativa entre a escala de papéis invertidos e o nível de satisfação do campo contatos formais ($r= -0,62$).

Foi calculada, ainda, a correlação entre a Escala de Avaliação Global do Desenho da Família (representação mental das relações de apego) e o nível de insatisfação apresentado pelas meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica nos cinco campos do mapa (rede de apoio social e afetiva), utilizando o teste de Spearman. Não houve correlação significativa entre as variáveis para meninas vítimas ($p > 0,05$). As correlações obtidas no grupo de meninas não-vítimas estão apresentadas na Tabela 36.

Tabela 36.

Correlação entre a Escala de Avaliação Global do Desenho da Família (Representação Mental das Relações de Apego) e o Nível de Insatisfação com a Rede de Apoio Social e Afetivo de Meninas Não-Vítimas

	Satisfação Família	Satisfação Parentes	Satisfação Escola	Satisfação Viz/amigos	Satisfação C Formais	Satisfação Total
Vit/Criatividade	0,35	-0,08	0,32	-0,01	0,39	0,42
Orgulho família	-0,03	-0,4*	0,03	0,10	0,41	-0,01
Vulnerabilidade	-0,05	0,25	-0,03	-0,07	-0,39	-0,05
Isolamento	-0,35	0,22	-0,01	0,33	-0,20	0,24
Tensão /raiva	-0,07	0,37	0,01	0,03	-0,50*	0,09
Papéis invertidos	-0,52	-0,12	-0,33	0,02	-0,13	-0,07
Dissociação	-0,21	0,25	-0,22	-0,11	-0,43	-0,21
Patologia Global	-0,11	0,39	-0,17	0,01	-0,41	-0,03

* $p < 0,05$

De acordo com a Tabela 36, foram encontradas correlações significativas entre a representação mental das relações de apego e o nível de insatisfação com a rede de meninas não-vítimas de violência doméstica. Há correlação negativa significativa entre a escala de orgulho da família e o nível de insatisfação no campo parentes ($r = -0,47$) e entre a escala de tensão e raiva e o nível de insatisfação no campo contatos formais ($r = -0,50$).

A seguir será apresentada a discussão dos resultados deste capítulo.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

A análise dos dados obtidos atingiu os objetivos de avaliar a estrutura e a funcionalidade da rede de apoio social e afetivo, assim como a representação mental das relações de apego de meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica. Além disso, os grupos de meninas vítimas e não-vítimas foram caracterizados e comparados com relação a aspectos bio-sócio-demográficos, levando em conta a situação de risco específica relacionada à violência doméstica (vítimas), a baixa renda familiar e a violência na comunidade (toda a amostra) na qual se encontram. Algumas diferenças significativas entre os grupos e correlações entre as variáveis avaliadas de ambos os grupos de meninas foram expressas através da análise estatística. Estes resultados, juntamente aos dados obtidos durante a inserção ecológica da equipe estão discutidos neste capítulo, sob o enfoque da Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner (1979/1996).

A amostra de meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica foi caracterizada por idade, série e número de reprovações. Estes dados revelaram que a grande parte das meninas deste estudo têm, em média, dez anos de idade e está freqüentando a segunda ou a terceira série do Ensino Fundamental (Tabelas 1 e 2). Crianças em situações típicas de desenvolvimento, aos dez anos, estariam cursando, em geral, a quarta série, o que não se confirma nos dois grupos da amostra. Isto já indica que há fatores intervenientes que geram este atraso no acompanhamento escolar para ambos os grupos. No entanto, observou-se que as meninas vítimas de violência doméstica apresentam maior número de reprovações do que as não-vítimas, ou seja, repetiram a mesma série entre uma e quatro vezes, ao longo da vida escolar (Tabela 3). Meninas não-vítimas apresentam, em sua maioria, apenas uma reprovação. Deve ser observado, entretanto que, conforme mencionado anteriormente, quinze por cento das meninas vítimas pertencem a escolas cicladas, nas quais não existe reprovação de série escolar. Todavia, durante a inserção ecológica da pesquisadora e sua equipe nas escolas, foi percebido que dentro destas escolas cicladas eram criados ciclos especiais, nos quais os assuntos tratados eram os mesmos do ciclo anterior para acomodar as crianças que apresentavam maior dificuldade e não tinham condições, segundo o julgamento da escola, de acompanhar os temas focalizados em ciclos subseqüentes. As meninas

vítimas que estão nestas escolas se inserem, principalmente, nestes ciclos especiais, sendo inclusive, separadas fisicamente de outros colegas dos ciclos adjacentes, o que caracteriza um cenário “mascarado” de reprovação. Apenas cinco por cento das meninas não-vítimas pertenciam às escolas cicladas, porém não faziam partes destes ciclos especiais.

O desempenho acadêmico pobre em meninas vítimas de violência doméstica remete à possível relação existente entre a violência sofrida dentro do lar como um dos coadjuvantes deste cenário de reprovações. Estes dados revelam algum nível de sofrimento destas meninas refletido no desempenho acadêmico. Entretanto, as meninas não-vítimas, apesar de apresentarem menores números de reprovações, também apresentam algum índice de atraso em relação à idade na vida escolar. Este fato pode estar relacionado com o contexto social em que esta amostra vive, caracterizado por um mesossistema ecológico com alta incidência de violência, baixa renda e problemas habitacionais. Estes riscos, compartilhados pelos dois grupos de meninas no mesmo contexto, certamente provocam efeitos em seus desempenhos acadêmicos e se refletem em seu desenvolvimento integral. A pobreza e a violência são fatores que, repetidamente, têm sido apontados como geradores de baixa auto-estima, insegurança e medo em relação ao futuro, afetando diretamente o desenvolvimento, tanto físico, social, emocional e cognitivo (Caminha, 1999; Luthar & Zigler, 1991; Zimmerman & Arunkumar, 1994). Nesta amostra, o medo não aparece apenas com relação ao futuro, uma vez que a convivência diária com a violência é real.

Em estudos recentes, Lisboa, Koller, Ribas, Bitencourt, Oliveira, Porciúncula, e De Marchi (2002) e Dell’Aglia (2000), também, verificaram semelhanças entre grupos de crianças vítimas e não-vítimas no que diz respeito, por exemplo, às formas de enfrentamento de problemas com relação à professora e com os colegas (mais especificamente ao *coping*) no microssistema escolar. Em seus estudos, as autoras demonstraram estas semelhanças entre os grupos, enfatizando que o fator de risco que meninas vítimas encontram no ambiente doméstico abusivo, como o desta amostra, nem sempre é potencialmente mais danoso do que a gama daqueles encontrados pelas meninas não-vítimas ao conviverem com a pobreza e a violência na comunidade. Certamente todas as meninas são vitimizadas por essas condições precárias e de oportunidades restritas em seu desenvolvimento. No entanto, riscos não são somados aritmeticamente, como apontam Masten e Garmezy, desde 1985, podendo ter efeitos idiossincráticos, devido às características individuais e aos aspectos relativos à rede de

apoio social e afetivo e à coesão familiar, que se estende nestes grupos ao nível ecológico macrossistêmico. Tomando por base que, conforme Koller (1999), há três formas de experienciar papéis em circunstâncias violentas, ou seja, como vítima, como testemunha e/ou como ator, é identificada a inserção e a transição destes papéis na realidade destas crianças. Chama a atenção para o fato que estas condições (vítima, testemunha e/ou ator) são apenas didaticamente separadas, porque na prática podem se incluir mutuamente. As vítimas, como as meninas desta amostra que relatam abuso físico no lar são, claramente, identificáveis. No entanto, as testemunhas e os atores, também, são pessoas envolvidas nestes atos violentos. As meninas que não os vivenciam em seu ambiente doméstico conhecem a existência desta realidade, de forma vicária, relatada pelas colegas e amigas, com as quais convivem, no microsistema escolar e na comunidade. São, portanto, testemunhas e este fato pode gerar algum grau de sofrimento (*personal distress*; Eisenberg Fabes, Carlo & Karbon, 1992). Todas presenciaram, ainda, atos violentos na sua comunidade (como tráfico de drogas, mortes, assaltos, conflitos entre vizinhos, etc.). O ator da violência expressa-se pela transgressão de normas de convivência na comunidade, rompe regras morais que protegem o patrimônio e a vida e, é identificado por todas as meninas. Ele pode ser o pai da colega, que convive no bairro do qual são “ouvidas histórias” sobre suas ações fisicamente violadoras, bem como de atitudes pelas quais ele decide pela criança, utilizando mecanismos de controle, carregados de hostilidade e agressividade, garantindo assim sua posição de poder.

Como a variável violência doméstica está inextricavelmente relacionada ao microsistema familiar, a configuração familiar das meninas vítimas e não-vítimas e a percepção de quem são as pessoas membros de suas famílias também foram verificadas. As meninas vítimas de violência doméstica informaram que suas famílias são predominantemente monoparentais (compostas pela mãe e irmãos) e nucleares (composta pelo casal e irmãos). Entretanto, as meninas não-vítimas de violência doméstica apresentaram a configuração de suas famílias como nucleares, em sua maioria (Tabela 4). No entanto, a percepção do que é família, para as meninas não-vítimas, é mais ampliada do que as das demais. Não-vítimas agregam pessoas da família extensa como tios, primos e avós aos seus grupos familiares nucleares. Esta visão é bem mais restrita nas meninas vítimas de violência doméstica, que percebem como membros de sua família apenas suas mães, pais e irmãos (Tabela 5). Este resultado indica o isolamento das meninas vítimas em suas famílias. A inclusão de outras pessoas no

núcleo familiar é limitada, possivelmente, pela realidade vivida por este grupo. Isolar a família em um grupo menor pode ajudar a garantir o sigilo, pois assim, não vai haver denúncia da violência sofrida dentro de casa e será evitada a intervenção da família extensa em um assunto que consideram ser somente deles. De modo sutil, o distanciamento da família abusiva de outros membros familiares, de amigos e, até mesmo, de vizinhos, poderia garantir a preservação do "segredo", impedindo que a criança transite e conheça outros sistemas e diminuindo sua possibilidade de construir uma rede de apoio ampla. Mas nesta amostra, como será discutida mais adiante esta situação não acontece (Tabelas 11 a 16). Talvez porque o afastamento e o isolamento só ocorrem quando a família abusiva percebe que a sua "pretensa" prática disciplinar não é entendida pelos demais como tal, especialmente, quando há intervenção direta dos mesmos. Há famílias e comunidades que repassam intergeracionalmente a crença de que os filhos são propriedade dos pais e que a punição física é uma prática educativa eficaz e não uma punição ou abuso. A aceitação e cultivo desta crença em nível macrossistêmico pode gerar uma sociedade ainda mais abusiva, na qual os direitos dos cidadãos, principalmente mulheres e crianças, não são respeitados. Esta ausência de compromisso desencadeia a precariedade de políticas de saúde, educação, bem-estar e proteção de direitos. Hoppe (1998) identificou uma realidade muito similar em um grupo comunitário, no qual a violência doméstica, comunitária e a pobreza eram fatores de risco com alta incidência.

Mesmo os atores de violência doméstica são vitimizados por crenças macrossistêmicas de exclusão e lacunas no respeito à sua cidadania. O levantamento de aspectos ligados à ocupação dos familiares das meninas em atividades remuneradas investigado neste estudo reflete esta realidade. Embora tenha sido constatado que a maioria das mães ou madrastas possui alguma atividade remunerada (85%), tanto de meninas vítima como de não-vítimas (Tabela 6), as ocupações são principalmente de baixo rendimento financeiro e em atividades subalternas (até três salários mínimos). O mesmo número de pais ou padrastos com ocupação remunerada é encontrado no grupo de meninas não-vítimas. Todavia há uma alta frequência de pais ou padrastos sem ocupação no grupo de meninas vítimas de violência doméstica (Tabela 7), levando-os a ficar em casa a maior parte do dia, enquanto as suas esposas estão ausentes para trabalhar fora.

A permanência em casa, de pais e padrastos, parece estar ligada à violência propriamente dita. Ao ser verificado o grau de parentesco do abusador com as meninas

vítimas de violência doméstica e se estes permaneciam nas mesmas residências das meninas após a denúncia, foi verificado que em 60% dos casos, os abusadores eram os pais e os padrastos, seguidos pelos irmãos (20%; dados completos na Tabela 8). Associado a este fato, na maioria dos casos de violência doméstica (55%), o abusador permanecia residindo no mesmo lar das meninas vítimas (Tabela 9). No entanto, em uma grande parte dos casos, nos quais o abusador havia sido afastado, o abuso havia sido impetrado pelo pai (45%; ver Tabela 10), configurando, então, uma nova estrutura de famílias monoparentais (Tabela 4, categorias de configuração familiar). Este afastamento ocorria, em geral, pela denúncia feita pelas mães, que provocava a saída do abusador de casa. No entanto, também é importante ressaltar que 20% dos abusadores são irmãos das meninas vítimas. Nestes casos, o padrão de repetição da violência parece se evidenciar. Os filhos aprendem, intergeracionalmente, a agir de forma violenta. A violência é transmitida de pai para filho (em nível microsistêmico), através de comportamentos e padrões socioculturais aprendidos (macrossistema), perpetrando a violência nas relações dentro do lar e, demonstrando, mais uma vez, que o ciclo da violência precisa ser tratado e interrompido. De qualquer forma, o afastamento do abusador e a atitude de denúncia da mãe podem ser identificados como fatores de proteção para estas meninas, enquanto a permanência seria um fator de risco presente. Entretanto, só o afastamento do perpetrador não é suficiente para interromper o ciclo da violência. Como foi visto, as crenças e valores perpassados em nível macrossistêmico estão internalizadas através das relações e interações familiares. De acordo com Bronfenbrenner (1999), estas interações são denominadas como processos proximais e sua efetividade está associada à ocorrência de relações recíprocas, cada vez mais complexas no tempo. Os efeitos cumulativos destas relações produzem resultados significativos no desenvolvimento. Contudo, estes resultados, dependendo do contexto, podem levar à competência ou produzir disfunção na manutenção dos processos proximais (Cecconello & Koller, 2002). A violência doméstica é um destes eventos que geram disfunção, resultando de forma negativa, tanto no relacionamento entre pais e filhos como também entre irmãos, principalmente nas relações de hierarquia, enfatizando o poder sobre o outro e não o equilíbrio entre estas relações. Para que este ciclo seja interrompido é necessária uma intervenção abrangendo toda a família, em vários níveis ecológicos, visando à mudança (crenças e valores).

Vários aspectos de proteção e risco ao desenvolvimento das meninas e de suas famílias refletem-se na estrutura e na funcionalidade das redes de apoio social e afetivo,

fortalecendo a proposição de que estes aspectos devem ser avaliados para que seja possível uma intervenção eficaz para a promoção de saúde e qualidade de vida e o rompimento do ciclo de violência. Estes aspectos foram detalhadamente estudados e há vários que podem ser ressaltados. Para avaliar a estrutura foi levado em consideração o número total de pessoas por campo e na rede, bem como a ordem de escolha dos campos e das pessoas citadas por círculos. Embora apenas numericamente, ou seja, a diferença não foi estatisticamente significativa, as meninas não-vítimas citaram mais pessoas em seus mapas, configurando sua rede de apoio social e afetivo por campo maior do que meninas vítimas de violência doméstica (Tabelas 11 a 15, família, parentes, escola, vizinhos/amigos e contatos formais, respectivamente). Robinson e Garber (1995) e Hoppe (1998) em seus estudos com crianças entre oito e doze anos, obtiveram médias semelhantes do número total de pessoas citadas no Mapa dos Cinco Campos ($N=20$), para representar a rede de apoio social e afetiva.

Para os diversos campos, as pessoas citadas na rede foram agrupadas por faixa etária para a análise, uma vez que o nível de apoio dado pode ser diferenciado, devido aos recursos que outras crianças, adolescentes e adultos disponibilizam para estabelecer trocas e relações com estas meninas. No entanto, não houve diferença significativa entre os grupos na citação das diversas faixas etárias, identificando que independente de idade, as pessoas estão representadas e dão algum tipo de apoio para as meninas de ambos os grupos. Meninas vítimas de violência doméstica citam, praticamente, o mesmo número de crianças e adultos na rede (ver soma de todos os campos, ver Tabela 16). Programas de intervenção e promoção de resiliência para este grupo pode levar em conta as faixas etárias que mais interagem com as meninas vítimas de violência doméstica. A Tabela 16 revela, ainda, que as meninas vítimas e não-vítimas não apresentam diferença no total de frequências de pessoas no Mapa, mas as primeiras apresentam menor dispersão, sendo que a maioria delas cita entre dezesseis e vinte e cinco pessoas, enquanto que o segundo grupo apresenta respostas frequentes de nove a cinquenta pessoas na rede. Era esperado que meninas não-vítimas apresentassem mais pessoas, formando um mesossistema ou ambiente ecológico de relações face-a-face mais rico, do que meninas vítimas de violência doméstica. A concentração de respostas das meninas vítimas de violência sugere uma tendência a reduzir o número de transições ecológicas das meninas nos diversos sistemas, enquanto meninas não-vítimas de violência doméstica demonstram, através da dispersão, maior circulação em vários contextos e mais contatos e interações. Os processos proximais de todas as meninas

indicam diversidade de relações com pessoas de faixas etárias variadas em todos os campos. O número de crianças citadas pela amostra demonstra relações estáveis e de reciprocidade com outros iguais (pares, colegas de escola, vizinhos e amigos), ou seja, ser abusada fisicamente, não parece afastar as meninas vítimas de seus pares, não se configurando nitidamente em um estigma para elas. Possivelmente, este dado poderia ser diferente se estas meninas estivessem inseridas em um contexto que não cultivasse a crença na punição física como prática disciplinar ou evento do cotidiano. O pertencimento a este contexto, que nutre tais crenças pode parecer protetivo e, em um extremo, definido como promotor de resiliência, se tomado de forma isolada, pois a comunidade não discrimina a menina e não “afeta” diretamente à sua auto-estima. No entanto é sabido que a violência tem efeitos danosos ao desenvolvimento e é definitivamente um fator de risco.

Nos diversos campos da rede, as meninas vítimas citam adultos, identificados como protetores, ou seja, adultos que compartilham cuidados e atenções para com elas. Este dado revela que as meninas vítimas de violência doméstica interagem em busca de auxílio para resolução de seus problemas. No entanto, esta busca pode ser apenas reflexo da configuração da comunidade onde vivem, uma vez que as casas são realmente muito próximas e os limites entre elas não parecem muito bem definidos por limites físicos (muros ou cercas). Por outro lado, como os riscos são compartilhados e a violência é tomada, aparentemente, como uma prática disciplinar no nível macrossistêmico, a presença de adultos em todos os campos da rede de crianças, pode ser apenas um dado numérico e não significar, realmente, um sinal de apoio e de relações de reciprocidade para estas meninas. Todavia, sua presença pode significar a possibilidade de busca de auxílio em casos de necessidade e até mesmo de mediação frente a questões intrafamiliares.

A qualidade dos vínculos estabelecidos pela criança possibilita a definição da importância de cada integrante de sua rede representado no Mapa por ela. Cada círculo adjacente ao central mede esta qualidade e a tendência geral nas meninas vítimas de violência, embora apresentando o mesmo número de pessoas por campo e na rede como um todo, foi de inclusão de maior número de pessoas nos círculos intermediários (3 e 4) do que naqueles próximos (1 e 2). Os círculos próximos representam as relações identificadas como mais estáveis, recíprocas, com equilíbrio de poder, nas quais é estabelecida uma interação saudável para o desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1979/1996). Meninas vítimas de violência estabelecem relações mais distantes. Por

outro lado, desafiam os postulados de Boyce (1985) de que a estabilidade e a reciprocidade dos relacionamentos no ambiente familiar capacita a criança a investir fora do lar pelo reforço do senso de segurança individual que lhe é dado nas relações de apego primárias (intrafamiliares). Famílias abusivas, certamente, não propiciam este senso de segurança, mas provavelmente o fato de que a violência doméstica nas famílias já tenha sido superada, junto à presença de fatores de proteção, autoriza as meninas a agirem com mais confiança e segurança, buscando e estabelecendo relações em outros ambientes, fora do microsistema familiar. O próprio fato de ter havido uma denúncia de abuso físico, originada muitas vezes dentro do próprio microsistema familiar (em geral feita pela mãe que não tolera mais os abusos contra si e seus filhos) fortalece o vínculo e a relação de confiança da criança com o denunciante, pois este revela que é merecedor destes sentimentos. O desenvolvimento de laços afetivos intensos na família, como descreve Ainsworth (1996), influencia nos relacionamentos fora do lar e as meninas da amostra puderam transitar com base nestes laços para os demais ambientes, em nível de mesossistema. A atitude do denunciante, nestes casos principalmente as mães em defender as filhas, representou para estas, o restabelecimento do sentimento de segurança e confiança já conhecido na primeira infância e evidencia-se como importante fator de proteção e promoção de resiliência para as meninas, mas também para as famílias (Walsh, 1996).

A maioria das meninas vítimas de violência doméstica citou entre três e dez pessoas no primeiro círculo, que representa as relações mais próximas, enquanto meninas não-vítimas incluíram entre seis e quinze pessoas neste círculo (Tabela 17). Meninas vítimas citaram no máximo quinze pessoas no segundo círculo, ainda relativo a relações próximas, enquanto meninas não-vítimas de violência doméstica citaram até trinta e uma pessoas no mesmo (Tabela 18). Sendo as pessoas citadas no primeiro e no segundo círculos aquelas nas quais as meninas percebem como quem elas mais gostam e com quem têm relações mais satisfatórias e com maior vínculo, este resultado demonstra que mesmo meninas vítimas de violência doméstica estabelecem relações consideradas de maior vínculo, caracterizando relações de apego seguro, apesar da violência sofrida.

No quinto círculo, meninas vítimas citaram entre uma e três pessoas e meninas não-vítimas citaram entre uma e seis pessoas neste círculo (ver Tabela 21). Neste círculo são citadas aquelas pessoas consideradas como contatos negativos. Em números absolutos as meninas vítimas de violência doméstica citaram menos pessoas do que

meninas não-vítimas de violência, embora fosse esperado que este número fosse maior para elas. No entanto, durante o processo de inserção ecológica da equipe e na aplicação do instrumento, foi observado que as razões para incluir pessoas neste círculo eram diferentes para cada um dos grupos. As meninas não-vítimas, em geral, colocaram pessoas com as quais haviam tido problemas na escola ou colegas com quem brigaram, recentemente, em jogos ou brinquedos. Mostravam, então, respostas mais características de sua faixa de idade. As meninas vítimas de violência doméstica mostraram-se mais assertivas no que diz respeito às pessoas citadas no quinto círculo, incluindo pessoas com quem tiveram atritos fortes e rompimento de relações, em geral, relacionados com a situação de violência doméstica. Estas meninas mostraram maior grau de sofrimento psicológico ao mencionar estas pessoas, demonstrando ansiedade e tristeza ao lembrar as experiências que tiveram. A interpretação deste dado, embora não seja estatisticamente significativa, pode ser considerada relevante por sua validade ecológica.

Em relação aos campos que as meninas apresentam maior número de relações citadas, foi percebido que meninas não-vítimas de violência doméstica citaram maior número de pessoas no campo parentes, seguido pelos campos escola, família e vizinhos/amigos (Tabelas 11 a 15). Enquanto meninas vítimas de violência doméstica citaram maior número de pessoas no campo escola, seguido pelos campos parentes, família e vizinho/amigos (Tabelas 11 a 15). O campo com menor frequência de citação foi o de contatos formais, para ambos os grupos de meninas, vítimas e não-vítimas de violência doméstica. Estes achados corroboram os achados de Robinson e Garber (1995), com crianças americanas de nível médio e de Hoppe (1998) em estudo com crianças de nível socioeconômico baixo no Brasil. A ausência de contatos formais pode ser interpretada como um fator de risco importante, que evidencia não apenas a falta de instituições e de serviços de atendimento às populações de risco eficientes, mas a precariedade das relações de confiança e do estabelecimento de vínculos de populações em situação de risco com estes. Este dado é extremamente relevante para a proposição de trabalhos de intervenção e prevenção de riscos e promoção de resiliência. Programas de capacitação devem enfatizar aos seus integrantes, especialmente no caso de profissionais ligados ao atendimento de populações de risco, sobre a importância do fortalecimento destes aspectos protetivos para a real promoção de saúde e combate à vulnerabilidade. Os profissionais do microsistema escolar e não só de instituições que se caracterizem como contatos formais, por exemplo, podem ser um importante

iniciador destas relações de confiança, pois também estão no contexto ecológico extrafamiliar e com eles as meninas vítimas de violência relatam mais interações. A escola tem sido identificada como um contexto ecológico de ampla influência para o desenvolvimento infantil, sendo extensão do ambiente familiar. O alto índice de interações satisfatórias com crianças e adultos neste microsistema pode ser considerado como fator de proteção para todas as crianças (Lisboa e cols., 2002). A função socializadora da escola não está mais direcionada apenas para as crianças, mas também para as famílias da comunidade escolar, já que este microsistema é percebido como protetivo pelas meninas vítimas, devendo assumir o papel de um contexto próprio para a intervenção.

A escolha privilegiada do campo parentes pelas meninas não-vítimas foi também expressa na análise da funcionalidade ou qualidade da rede, pois elas apresentaram maior satisfação no campo parentes, o que indica uma convivência satisfatória com a família extensa (Tabela 22). Os níveis de satisfação e insatisfação, o número de relações caracterizadas por conflitos e rompimentos em cada campo, o fator de proximidade total e em cada campo e o papel das pessoas citadas por círculo foram aspectos avaliados com o objetivo de verificar a funcionalidade ou qualidade da rede de apoio social e afetivo de meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica.

Um dado favorável na análise da funcionalidade foi o baixo grau de insatisfação com as relações na rede encontrado nos grupos. No entanto, conforme mencionada em Ainsworth (1996), a convivência diária e a dependência dos membros da família fazem com que as crianças preservem estes relacionamentos, mesmo quando conflituados. Entretanto, ao identificarem relações de conflitos e rompimentos, as meninas vítimas de violência doméstica apresentaram maiores médias no campo família (Tabela 23). Apesar de as meninas não-vítimas terem citado mais pessoas no círculo que caracteriza contatos negativos (5), não revelaram rompimentos em nenhum campo, reforçando o baixo grau de seriedade nos conflitos mencionados com colegas no contexto escolar em brinquedos e jogos. Hoppe (1998) confirma esta conduta com relação à menção aos contatos negativos por meninas sem problemas de violência doméstica. No entanto, as meninas vítimas de violência doméstica, mais uma vez, se mostraram enfáticas e assertivas, ao apontar as relações caracterizadas como rompimentos nos seus relacionamentos, identificando os abusadores como alvo destes conflitos. A presença de assertividade nas respostas de meninas vítimas é possivelmente provocada pela forma de avaliação da realidade que elas construíram em função da

violência, geradora de desadaptação e sofrimento. Para Gilligan (1982), as meninas apresentam uma ética de responsabilidade, centralizada nos relacionamentos e promovendo atividades de cuidado com as demais pessoas, além de demonstrarem empatia com seus pares. A violência doméstica abalou a adaptação destas meninas, que já as afasta das relações de aproximação e de cuidado (Benenson, 1996), revelando a insatisfação declarada com as relações abusivas.

O fator de proximidade, que avalia o grau de vinculação das meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica em relação ao número de pessoas citadas no mapa, além de papéis específicos como mãe, pai e por sexo das pessoas citadas, confirmaram mais uma vez os achados de estruturação e funcionalidade saudáveis de meninas não-vítimas de violência doméstica com seus parentes. Estas meninas demonstraram ter um vínculo positivo e de maior proximidade (Tabela 24), associada ao nível de satisfação (Tabela 22) com estes integrantes da sua rede. Em relação à mãe, meninas não-vítimas revelaram maior proximidade do que as meninas vítimas. As mães de meninas não-vítimas foram citadas, principalmente, no primeiro e no segundo círculo, enquanto que meninas vítimas de violência doméstica citaram suas mães principalmente no primeiro círculo, mas também de forma dispersa, entre o primeiro e o quarto círculo (ver Tabela 25). Este resultado demonstra que muitas meninas, apesar de terem sofrido violência doméstica consideram a mãe como uma pessoa próxima e com a qual estabelecem relações de boa qualidade (aspecto mencionado anteriormente, em especial no caso de mães que denunciaram a violência). Mesmo aquelas mães apontadas como perpetradoras do abuso físico ($n=2$; Tabela 8) não foram citadas no quinto círculo. A citação da mãe em primeiro lugar caracteriza o vínculo de confiança estabelecido, confirmando que a mãe pode ser a figura familiar primeira e mais importante da rede de apoio social e afetiva, conforme postulado por Bowlby (1969).

A figura do pai foi incluída nos dois primeiros círculos pelas meninas não-vítimas, e as meninas vítimas citaram seus pais de forma dispersa, variando do primeiro ao quinto círculo. Inclusões nos círculos mais distantes deixam clara a insatisfação com este relacionamento. Este resultado confirma os achados de McGain e McKinzey (1995), que relataram que meninas vítimas de violência doméstica descreviam seus pais como apresentando baixa auto-estima, baixo controle sobre seus impulsos e falta de clareza em relação a limites, enquanto que as mães foram descritas como "companheiras caladas" (p.1166).

As relações mais saudáveis com as mães podem ter reflexo nas demais relações com pessoas do sexo feminino. Meninas vítimas de violência doméstica citaram mais pessoas do sexo feminino em média do que do sexo masculino nos três primeiros círculos do Mapa, revelando maior interação com elas (Tabela 27). Este resultado sugere, também, que conforme esperado para esta faixa etária, meninas estabelecem melhores relações com pessoas de mesmo sexo (Benenson, 1996).

Ao término da aplicação do Mapa dos Cinco Campos, foi solicitado a todas as meninas que respondessem a quem procurariam caso necessitassem de ajuda. Meninas vítimas de violência doméstica informaram que buscariam ajuda da mãe, progredindo suas respostas através dos níveis ecológicos postulados por Bronfenbrenner (1979/1996), ou seja, do microssistema familiar em direção à escola e aos sistemas que compõem o exossistema e que são acessados apenas em caso de necessidade, como os postos de saúde, a igreja e o Conselho Tutelar (Tabela 29). Meninas não-vítimas de violência doméstica informaram, em sua maioria, que pediriam ajuda à mãe e a seguir para amigos e parentes (Tabela 29). Este resultado demonstra, mais uma vez, a qualidade da relação das meninas não-vítimas com os parentes e a amplitude do mesossistema que freqüentam, à medida que a possibilidade de ajuda atinge o nível da família extensa. Meninas vítimas de violência doméstica ao serem colocadas diante da necessidade de buscar ajuda fora do microssistema familiar, procuram, principalmente, profissionais que representam figuras de apoio, no microssistema escolar ou institucional (exossistema). Este dado salienta a importância da disponibilização de recursos e serviços para atendimento destes casos. Além de presentes, estes serviços devem ser bem equipados, com profissionais capacitados e com uma rede de atendimento estabelecida, no sentido de se configurar realmente em uma rede de apoio social e, também, afetivo, como o próprio termo exige. Pesquisas devem ser realizadas para subsidiar o trabalho destes profissionais e prepará-los para um atendimento que represente um fator de proteção não só para as meninas, como extensivamente para suas famílias. O estabelecimento de fortes relações de vínculo e confiança podem garantir maior procura em caso de necessidade por estas famílias, conforme apontado nesta discussão, ampliando a eficácia e abrangência dos contatos formais, que aparentemente são apenas identificados nesta amostra como sendo contatos informais, superficiais e esporádicos.

A rede de apoio social e afetivo representa um importante aspecto na proteção de resiliência das crianças e, também, das famílias. O estabelecimento das interações

que se configuram em uma rede tem como base psicológica o modelo interno de funcionamento das pessoas, segundo postulado por Bowlby (1969), para as relações iniciais de apego. Portanto, o segundo objetivo deste estudo foi verificar a representação mental das relações de apego de meninas vítimas de violência doméstica em comparação com meninas não-vítimas. Foi realizado, inicialmente, o levantamento total de frequências de sinais presentes e ausentes da Escala de Sinais Específicos do Desenho da Família para ambos os grupos de meninas, que analisam a qualidade através de indicadores gráficos presentes ou ausentes nos desenhos. Os resultados encontrados concordam com os de Fury (1996) e Cecconello (1999) obtidos com crianças em situação de risco, pela situação de pobreza, semelhante aos das meninas dessa amostra, embora não fossem expostas à situação de violência doméstica (Tabela 31). Dos 24 itens desta Escala, apenas um não foi pontuado (exagero das mãos e braços) no estudo com meninas vítimas de violência doméstica. Os itens mais frequentes foram: 1) falta de cenário; 2) figuras flutuando; 3) figuras incompletas; 4) afeto facial neutro ou negativo; 5) criança posicionada muito longe da mãe; 6) homens e mulheres não diferenciados por gênero; 7) inícios falsos; e, 8) mãe não feminilizada (Tabela 30). Outros sinais frequentes neste estudo não obtiveram frequência alta no estudo de Fury (1996), tais como: 1) omissão da mãe ou da criança; 2) rigidez nos braços; 3) figuras amontoadas ou sobrepostas; 4) exagero das partes do corpo mole; e, 5) figuras separadas por barreiras. O sinal omissão da mãe ou da criança foi encontrado com maior frequência por Cecconello (1999). Estes itens caracterizam a relação de apego inseguro que estas meninas estabeleceram com suas mães e suas famílias, pois expressam indicadores de problemas na execução e na finalização dos desenhos. O apego é considerado inseguro quando há tentativas confusas de busca e evitação de interação (apego inseguro tipo esquivo), ou comportamentos ambivalentes pelos quais a criança indica desejar interagir, porém torna-se resistente à efetivação desta interação (apego inseguro tipo ambivalente) e, ainda, comportamentos contraditórios nos quais a criança aproxima-se da mãe e, em seguida, a rejeita de forma enfática ou apática (apego inseguro tipo desorganizado) (Ainsworth & Bell, 1970; Bowlby, 1969).

O número de omissões da mãe foi o mesmo para os dois grupos de meninas ($n=8$). As meninas não-vítimas de violência doméstica, em todos os casos, omitiram, também, a si mesmas dos desenhos de suas famílias. Meninas vítimas apresentaram essas omissões de modo distribuído, ou seja, apenas a mãe ($n=3$), apenas a criança ($n=3$) ou ambas foram omitidas ($n=2$). O número total de omissões foi elevado nesse

estudo (40%), se comparados às freqüências em Fury (1996) e Cecconello (1999). Estas omissões sugerem, de certa forma, a falta de pertencimento e sentimentos de carência e desatenção que as meninas sentem em relação às suas famílias. No caso das meninas não-vítimas apontam para outros motivos que não o abuso físico, que seria justificativa para a omissão, no caso das meninas vítimas. Estes sentimentos também são pertinentes para algumas meninas vítimas de violência doméstica, porém no caso de omissão da mãe, há a expressão do sentimento de abandono em relação a esta figura, que permitiu ou perpetrou o abuso intrafamiliar.

A análise das freqüências da Escala Global para Avaliação do Desenho da Família, ou seja, aspectos que avaliam a representação mental das relações de apego (seguro ou inseguro), assim como os dados da rede de apoio, também, trazem dados com relação à influência do contexto no desenvolvimento das meninas vítimas e não-vítimas. Foi encontrada diferença significativa nos indicadores: vulnerabilidade, tensão e raiva, dissociação e patologia global para meninas vítimas de violência doméstica (Tabela 32). Estes resultados indicam que meninas vítimas de violência doméstica apresentam sentimentos de ambivalência emocional, tensão e raiva em relação à sua família, bem como sentimentos de hostilidade, deslealdade e abandono. Há, também, a presença de sentimentos subjacentes em relação às meninas vítimas e suas famílias, como ansiedade, medo, dependência, baixa auto-estima, alienação, dissociação e depressão. Sendo estas a percepção e a representação mental das relações de apego que meninas vítimas de violência doméstica têm de suas famílias.

A ambivalência emocional é um sentimento constante em casos de violência doméstica. O abuso é perpetrado por aqueles que são, para as crianças, a base de toda as relações de segurança e confiança, ou seja, os próprios pais ou cuidadores imediatos. Ao mesmo tempo em que representam as figuras que deveriam protegê-las do perigo e facilitar a exploração saudável, inicialmente, do próprio ambiente e, posteriormente, de outros contextos culturais para incrementar sua aprendizagem, são os mesmos que, por motivos variados, maltratam a criança, despertando nela o sentimento de ambivalência para com estas figuras. Durante o processo de inserção ecológica, muitas meninas vítimas de violência doméstica informaram, durante as entrevistas ou em conversas informais com a equipe de pesquisa, que o uso de álcool era responsável pelo comportamento abusivo dos pais, pois quando não bebiam estes eram "*legais*". Este relato revela a necessidade que estas meninas parecem ter de preservar a imagem representada mentalmente das relações iniciais, ou mesmo a fantasia do que deveria ser

o papel paterno, em choque com a vivência da violência dentro do lar ou seja, na realidade cotidiana das meninas, que provoca a ambivalência de sentimentos para com as figuras parentais.

Os sentimentos de tensão e raiva despertados na criança quando da solicitação para desenhar a família está relacionado, de acordo com os estudos de Malchiodi (1998), com a contrariedade não explícita de realizar a tarefa devido aos sentimentos de medo e insegurança na relação com o pesquisador, visto que a ameaça do segredo familiar ser revelado, compromete ainda mais a criança com o perpetrador. Nestes casos, a raiva e a tensão, geralmente, são expressas em desenhos simplificados ou estereotipados.

McGain e McKinzey (1995) identificaram em meninas vítimas de violência doméstica algumas formas de negação da realidade da violência, que demonstravam tanto relatos ambivalentes quanto estereotipados e rígidos sobre o pai e a mãe. As meninas descreveram ao pai e à mãe como pessoas ora próximas e ora afastadas e distantes. Demonstravam confusão nos papéis parentais e inversão de papéis nas relações mães e filhas. Neste mesmo estudo, meninas vítimas de violência doméstica manifestaram altos níveis de ansiedade, resultando na diminuição de contatos sociais e presença de pensamento mágico e fantasioso, sintomas de depressão e estresse pós-traumático, assim como tentativas ineficazes de controlar a ansiedade. Entretanto, todos estes aspectos estão relacionados com a dificuldade em lidar com a adversidade da violência doméstica, caracterizada aqui pelo abuso físico, que se expressa na vulnerabilização das meninas vítimas. Os sentimentos de ambivalência, abandono, raiva, medo e ansiedade são respostas recorrentes diante desta situação de risco, tornando as meninas mais fragilizadas e afetando negativamente o seu desenvolvimento. Programas de atendimento a meninas vítimas de violência doméstica devem enfatizar os aspectos que enfraquecem sua capacidade de resolução de problemas, fortalecer sua auto-estima e suas relações de confiança e segurança com outras pessoas e com o meio em que vivem. Promover o bem-estar e a resiliência torna-se imprescindível para o desenvolvimento posterior destas meninas, bem como é urgente que o ciclo da violência intrafamiliar seja interrompido definitivamente. Projetos de intervenção devem abranger e disponibilizar exemplos de contextos e fatores de proteção, para possibilitar a experiência das meninas com outras formas de relacionamentos mais positivos do que aqueles vivenciados e conhecidos nas suas famílias e comunidades. Uma ênfase à inclusão e à aproximação de pessoas e de profissionais capacitados deve

ser dada, com o objetivo de resgatar comportamentos sadios preservados e respostas adaptadas, que promovam a resiliência destas meninas, revigorando os aspectos saudáveis do desenvolvimento e garantindo a qualidade de vida. Pessoas que representem modelos relevantes podem exercer profunda influência favorável no restabelecimento de confiança e segurança nas interações destas crianças.

O terceiro objetivo deste estudo foi integrar os resultados encontrados na rede de apoio social e afetivo e na representação mental de meninas vítimas e não-vítimas de violência doméstica. Para tal, foram realizadas algumas correlações entre os aspectos avaliados em cada variável. A primeira análise realizada refere-se aos dados da escala global de avaliação do desenho da família, que avalia a representação mental das relações de apego em relação aos fatores de proximidade das pessoas incluídas em cada campo por meninas vítimas de violência doméstica. Foram encontradas duas correlações significativas (Tabela 33), indicando que quanto maior o isolamento, ou seja, o sentimento de solidão e abandono das meninas vítimas de violência doméstica, maior também é a proximidade das pessoas representadas no campo família. Este resultado pode expressar o grau de coesão não saudável que existe dentro da família abusiva, que leva a menina vítima a perceber um alto grau de isolamento pessoal dentro da própria família, gerado provavelmente por uma representação mental de apego inseguro e distante, mas, ao mesmo tempo, fortemente vinculada (fator de proximidade) a esta família pelo segredo do abuso, que embora já revelado, não extingue todo o sofrimento associado a ele. Em relação à segunda correlação, as meninas vítimas apresentam uma maior inversão de papéis com relação à figura da mãe e a diminuição no estabelecimento de contatos formais. Este fato ocorre, provavelmente, por se sentirem deslocadas do seu grupo etário e de outras pessoas que tenham as mesmas experiências de vida. A maior percepção da inversão dos papéis na relação de apego e os menores índices de contatos formais na rede correlacionam-se negativamente, pois provavelmente estão ligados ao distanciamento das meninas de outras crianças nos campos mesossistêmicos e mais proximidade com pessoas de outras idades. Contatos formais são, em geral, estabelecidos com pessoas fora dos contextos da família próxima e extensiva, da escola e da vizinhança, ou seja, com pessoas mais distantes, presentes no mesossistema ou no exossistema, que eventualmente, passam a ter contato face-a-face com as meninas (De Antoni & Koller, 2000). As crianças desta amostra, no entanto, informaram ter contatos formais com outras crianças neste campo, o que parece

inusitado na literatura da área. Mencionam, principalmente, outras crianças que encontram nas casas de vizinhos ou parentes que visitam.

A segunda variável a ser correlacionada foi a representação mental das relações de apego, através da Escala Global, e os cinco campos da rede de apoio social e afetivo das meninas vítimas de violência doméstica. Foram encontradas quatro correlações (ver Tabela 34). A primeira correlação indica que quanto mais contatos formais, maior também é a criatividade, a vitalidade e o investimento emocional nas tarefas de meninas vítimas de violência doméstica. A segunda correlação expressa que quanto mais as meninas freqüentam a escola, mais se sentem apoiadas pelos adultos incluídos no desenho da família, e maiores são os sentimentos de felicidade no grupo familiar, bem como no escolar. O resultado verificado na terceira correlação indica que quanto menos as meninas vítimas de violência doméstica interagem com o microsistema escolar, menor são seus sentimentos de pertencimento e maiores são seus sentimentos de deslealdade e abandono em relação às suas famílias. A quarta correlação expressa que quanto menos as meninas vítimas de violência doméstica freqüentam a escola, maiores são as patologias globais, ou seja, maiores os sentimentos de ansiedade, medo, dependência, baixa auto-estima, raiva, alienação, dissociação e depressão, além da saúde emocional prejudicada da criança no contexto da família. Estas quatro correlações demonstram o quanto é saudável para as meninas vítimas de violência doméstica a transição de papéis em outros contextos que não apenas o microsistema familiar. Uma das formas de promover a resiliência entre as meninas vítimas de violência doméstica é incrementar esta circulação entre vários contextos (escola, família extensiva, vizinhança, contatos formais) fortalecendo e ampliando suas redes de apoio social e afetivo e propiciando que a menina assuma não só o papel de filha, mas também de colega, amiga, aluna, sobrinha, neta, vizinha, etc., possibilitando assim que desempenhe papéis sociais variados que aprimoram suas estratégias de relacionamento social.

O microsistema escolar foi percebido como o mais protetivo, pois além de ser o local que as meninas mais circulam fora do lar, é onde têm oportunidade de estabelecer relações com pares e com adultos que também possuem o papel de cuidadores. Meninas vítimas citaram profissionais (entre eles, as professoras) como as pessoas para quem pediriam ajuda em caso de necessidade (Tabela 29). A assiduidade à escola pode, também, estar associada à diminuição da violência doméstica, pois a ausência na escola reflete a necessidade de manter o segredo do abuso e esconder as marcas deixadas no corpo pela violência sofrida. O sentimento de abandono e as conseqüências pela

carência de figuras de apego seguro e apoio dentro da família resultam em grandes déficits cognitivos, físicos, sociais e emocionais que dificultam o desenvolvimento destas meninas agravando a vulnerabilidade (Caminha, 1999; Garnezy & Masten, 1994; Luthar & Zigler, 1991; Zimmerman & Arunkumar, 1994).

Foi calculada, ainda, a correlação entre a escala que avalia a representação mental das relações de apego e o nível de satisfação de meninas vítimas de violência doméstica. Foram encontradas quatro correlações (ver Tabela 35). O resultado verificado na primeira correlação indica que quanto maior o sentimento de vulnerabilidade e ambivalência emocional em relação à família, maior também é o nível de satisfação com o campo família. Este dado parece contraditório, mas pode expressar a confusão de sentimentos (ambivalência) despertada pela situação de vulnerabilidade em que se encontram meninas vítimas de violência doméstica. Diante disto, utilizam como estratégia, a negação dos fatos ocorridos no microsistema familiar como forma controlar o alto grau de ansiedade que a violência doméstica desperta nestas meninas. Este resultado manifesta, mais uma vez, a coesão não saudável na busca de manter o segredo intrafamiliar, levando a menina a expressar satisfação, ou mais do que isto, esconder a sua insatisfação, de forma reativa. A segunda correlação revelou que quanto maior o isolamento, maior também é o nível de satisfação no microsistema familiar. Este resultado evidencia que os sentimentos de distância emocional ou solidão percebidos pela criança em relação à sua mãe e à sua família parecem ser um recurso protetivo utilizado pelas meninas vítimas de violência doméstica para se manterem distantes também dos abusadores, já que estes são membros integrantes da mesma. Por outro lado, essa satisfação familiar mais uma vez esconde (voluntária ou involuntariamente) a violência sofrida, que não pode vir à tona, devendo manter-se em segredo. A terceira correlação revelou que quanto maior o nível de satisfação no microsistema familiar, maior também, é a percepção da criança em relação à fragilidade da mãe, como pessoa com menos poder e autoridade. Tal fragilidade da mãe a aproxima da criança, podendo despertar certo grau de satisfação no microsistema familiar. A quarta correlação encontrada foi de que quanto mais invertidos os papéis entre mães e filhas, menor é a satisfação nos contatos formais. Este resultado revela que ao assumir o papel da mãe a menina vítima de violência doméstica não tem condições de circular em outros contextos, o que faz com que o grau de satisfação fora de casa seja pequeno.

Por último, foi realizada uma análise de correlação entre a escala que avalia a representação mental das relações de apego e o nível de insatisfação com a rede de apoio social e afetiva de meninas não-vítimas de violência doméstica. Foram encontradas duas correlações (Tabela 36). A primeira correlação indica que quanto maior o orgulho de sua família, pertencimento e segurança, menor é sua insatisfação com os parentes. Este resultado é expresso em outros achados deste estudo, pela alta frequência de citações de pessoas no campo parentes e pelo valor mais elevado do fator de proximidade neste campo de meninas não-vítimas de violência doméstica. Demonstra, ainda, que a circulação entre o microsistema familiar e a convivência com a família extensa são importantes para o desenvolvimento das meninas não-vítimas, representando a relevância da presença dos parentes na rede de apoio social e afetivo, para a promoção da resiliência. Mesmo convivendo na mesma comunidade com as meninas vítimas, convivem com adversidades e riscos para o seu desenvolvimento, mas contam com o apoio dos parentes como fator de proteção.

Finalmente, este estudo demonstrou que uma rede de apoio social e afetiva ampla, que permita a circulação em vários contextos, bem como a interação entre as pessoas de outros microsistemas de modo adaptado e com equilíbrio nas relações de poder pode proporcionar um desenvolvimento mais saudável para meninas vítimas de violência doméstica. Foi verificado ainda que a representação mental das relações de apego é, em sua maioria, do tipo inseguro para estas meninas. Por outro lado, meninas não-vítimas de violência doméstica, vivendo no mesmo ambiente comunitário violento que meninas vítimas, apresentam uma rede de apoio social e afetiva mais ampla e a representação mental das relações de apego que apresentam são mais do tipo seguro, baseadas na confiança.

Os resultados deste estudo possibilitaram identificar formas de promover resiliência e minimizar ou interromper o ciclo da violência dentro destas famílias. Para tal, foram apontados alguns aspectos significativos que, sob a luz da Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano, podem auxiliar na promoção de resiliência, se utilizados para subsidiar programas de prevenção e intervenção para populações em situação de risco. Tais programas inseridos em mesossistemas dentro da própria comunidade, facilitam o processo de inserção ecológica (Cecconello & Koller, 2002), das equipes e grupos de apoio. Devem ser realizados permanentemente, com frequência e periodicidade, atendendo aos requisitos de prevenir e acompanhar os casos de violência doméstica. Devem ser dirigidos a um público alvo que inclua as meninas

vítimas de violência, os pais e irmãos (perpetradores do abuso) e as mães, ou seja, a família como um todo. Idealmente poderiam ocorrer dentro das escolas, já que este foi identificado como um microsistema reconhecido como protetivo, preferencialmente envolvendo os profissionais deste contexto. Em nível preventivo pode ser realizado com grupos de gestantes, proporcionando o desenvolvimento das relações de apego desde o pré-natal. Em nível de intervenção, ou seja, nos casos de violência doméstica já ocorridos, o trabalho deve ser desenvolvido, atendendo às próprias meninas vítimas proporcionando a ampliação da rede de apoio social e afetivo, bem como a melhoria da auto-estima e bem-estar. Também devem ser atendidos os pais que estavam sem ocupação e que, por conseguinte, abusam fisicamente de suas filhas, através de grupos de apoio nos quais seriam discutidas questões sociais e histórias de vida, buscando desenvolver o senso de produtividade, mais valia e bem-estar, bem como entender sua história com a conduta violenta além de ampliar a rede de apoio social e afetiva desses pais. Quanto aos irmãos abusadores, realizar grupos de apoio ajudando a desenvolver o equilíbrio das relações hierárquicas. Acredita-se que desta forma se minimizará a vulnerabilidade das relações entre meninas vítimas de violência e suas famílias e haverá um incremento na promoção de resiliência ao abarcar estes três níveis: criança, família e escola, desenvolvendo habilidades e características para lidar com situações adversas e de risco.

Referências

- Ainsworth, M. D. S. (1989). Object relations, dependency and attachment: A theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development, 40*, 969-1025.
- Ainsworth, M. D. S. (1996). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. Em C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Orgs.), *Attachment across the life cycle* (pp. 450-467). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Ainsworth, M. D. S., & Bell, S. M. (1970). Attachment, exploration and separation: Illustrated by the behavior of one-year-olds in a strange situation. *Child Development, 41*, 49-67.
- Benenson, J. F. (1996). Gender differences in the development of relationships. Em G. G. Noam & K. W. Fischer (Orgs.), *Development and vulnerability in close relationships* (pp.245-257). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Blehar, M. C., Liberman, A. F., & Ainsworth, M. D. S. (1977). Early face-to-face interaction and its relation to later infant-mother attachment. *Child Development, 48*, 182-194.
- Bolger, K., Thomas, M. & Eckenrode, J. (1997). *Disturbances in relationships: parenting, family development, and child maltreatment*. San Francisco. Jossey-Bass.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Boyce, W.T.(1985). Social support, family relations and children. Em S. Cohen & L. S. Symes (Orgs.), *Social support and health* (pp.151-173). Orlando, Florida: Academic Press.
- Bretherton, I. (1996). Internal working models of attachment relationships as related to resilient coping. Em G. G. Noam, & K. W. Fischer (Orgs.), *Development and vulnerability in close relationships* (pp. 3-27). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship. Em M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Orgs.), *Attachment in the preschool years: Theory, research and intervention* (pp. 273-308). Chicago: University of Chicago Press.
- Brito, R. & Koller, S.H. (1999). Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. Em A. M. Carvalho (Org.), *O mundo social da criança: Natureza e cultura em ação* (pp.115-129). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1979).
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). *The ecology of development process*. Handbook of Psychology: Ed: William Damon and Richard Lerner. John Wiley & Sons, Inc.: New York, Chichester, Weinheim, Brisbane, Singapore and Toronto.
- Bronfenbrenner, U. & Evans, G. (2000). Developmental science in the 21st century: emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9, 115-125.
- Caminha, R. (1999). A violência e seus danos à criança e adolescente. Em Amencar (Org.), *Violência doméstica* (pp.43-60). POA: Autor.
- Cassidy, J. (1988). Child-mother attachment and the self in six-year-olds. *Child Development*, 59, 121-134.
- Cecconello, A. M. (1999). *Competência social, empatia e representação mental das relações de apego em famílias em situação de risco*. Dissertação de Mestrado não-publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, RS.
- Cecconello, A. M. (2003). *Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco*. Tese de Doutorado não-publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, RS.
- Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (submetido). *Inserção ecológica na comunidade: Uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco*. Psicologia: Reflexão e Crítica.
- Crockenberg, S. (1981). Infant irritability, mother responsiveness, and social support influences on the security of infant-mother attachment. *Child Development*, 52, 857-865.
- De Antoni, C. & S. H. Koller (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, 5, 347-382.
- Dell'Aglio, D. (2000). O processo de *coping*, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes. Tese de Doutorado não-publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, RS.

- Dlugokinski, E., & Allen, S. (1997). *Empowering children to cope with difficult and build muscles for mental health*. Department of Psychiatry and behavioral sciences, University of Oklahoma Health Sciences Center, Oklahoma.
- Egelend, B., Jacobvitz, D., & Sroufe, L. A. (1988). Breaking the cycle of abuse: Relationship predictors. *Child development*, 59, 1080-1088.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., Carlo, G. & Karbon, M. (1992). Emotional responsivity to others: Behavioral correlates and socialization antecedents. Em N. Eisenberg & R. A. Fabes (Orgs.), *Emotion and its regulation in early development* (N. 55, pp. 57-73). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Estatuto da Criança e do Adolescente. (1990).
- Farinatti, F., Biazus, D. B., & Leite, M. B. (1993). *Pediatria social: A criança maltratada*. Rio de Janeiro: MEDSI.
- Fury, G. (1996). *The relation between infant attachment history and representations of relationships in school-aged family drawings*. Tese de doutorado não publicada, Universidade de Minnesota. EUA.
- Fury, G., Carlson, E. A. & Sroufe, L. A. (1997). Children's representations of attachment relationships in family drawings. *Child Development*, 68, 1154-1164.
- Garbarino, J., Dubrow, N., Kostelny, K. & Pardo, C. (1992). *Children in danger: Coping with the consequences of community violence*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Garnezy, N. & Masten, A. (1994). Chronic Adversities. Em M. Rutter, E. Taylor, & L. Herson (Orgs.), *Child and adolescent psychiatry* (pp. 191-207). Oxford: Blackwell.
- Gilligan, C. (1982). *In a different voice. Psychological theory and women's development*. Cambridge: Harvard University Press.
- Hoppe, M. (1998). *Rede de apoio social e afetivo de crianças expostas à situação de risco*. Dissertação de Mestrado não-publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia, Porto Alegre, RS.
- Kaufman, J. & Zigler, E. (1989). Do abused children become abusive adults? *American Journal of Orthopsychiatry*, 57, 186-192.
- Koller, S. H. (1999). *Violência doméstica: uma visão ecológica*. Em Amencar (Org.) *Violência doméstica* (pp. 32-42). Brasília: UNICEF.
- Lisboa, C. S. M., Koller, S. H., Ribas, F. F., Bitencourt, K., Oliveira, L., Porciúncula, L. P. & De Marchi, R. B. (2002). Estratégias de *coping* de crianças vítimas e não-vítimas de violência doméstica.

- Luthar, S. S. & Zigler, E. (1991). Vulnerability and competence: A review of research on resilience in childhood. *American Journal Orthopsychiatry*, 61, 6-22.
- Malchiodi, C. A. (1998). Child abuse and exposure to family or societal violence. Em *Understanding Children's Drawings* (pp.137-142), New York: Guilford Press.
- Masten, A. S. & Garmezy, N. (1985). Risk, vulnerability, and protective factors in developmental psychopathology. Em B. B. Lahey & A. E. Kazdin (Orgs.), *Advances in Clinical Child Psychology* (pp. 1-52), New York: Plenum Press.
- McClelland, D. (1973). Testing for competence rather than intelligence. *American Psychology*, 28,1-14.
- McGain, B. & McKienzy, R. K. (1995). The efficacy of groups treatment in sexually abuse girls. *Child Abuse & Neglect*, v. 19,9, pp. 1157-1169.
- Newcomb, M. (1990). Social support and personal characteristics: A developmental and interactional perspective. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 9, 54-68.
- Oliveira, M & Flores R. (1999). Violência contra as crianças e adolescentes na Grande Porto Alegre. Em Amencar (Org.), *Violência doméstica* (pp.71-86). POA: Autor
- Olson, D. H. (1986). Circumplex model VII: Validations studies and FACES III. *Family Process*, 25, 337-351.
- Olson, D. H., Sprenkle, D. & Russel, C. S. (1979). Circumplex model of marital and family systems: I. Cohesion and adaptability dimensions, family types, and clinical applications. *Family Process*, 18, 3-28.
- Pierce, G., Sarason, B. Sarason, I., Joseph, H. & Henderson, C. (1996). *Conceptualizing and assessing social support in the context of the family*. Handbook of Social Support and the Family. Plenum Press: New York and London.
- Pires, J. (1999). Violência na infância: Aspectos clínicos. Em Amencar (Org.), *Violência doméstica* (pp.61-70). Brasília: UNICEF.
- Posada, G., Waters, E., Crowell, J. A. & Lay. K. L. (1995). Is it easier to use mother as a secure base? Attachment Q-Sort correlates of the adult attachment interview. Em E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Orgs.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 244 (60), 2-3, 133-145.
- Ptacek, J.T. (1996). *The role of attachment in perceived support and the stress and coping process*. Handbook of social support and family. Plenum Press: New York and London.

- Robinson, N.S. & Garber, J. (1995). Social support and psychopathology across life span. Em D. Cicchetti, & D. Cohen (Orgs.), *Developmental psychopathology, Vol. 1: Theory and methods* (pp.162-209). New York: Wiley-Intescience.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal Orthopsychiatry*, 57, 316-331.
- Rutter, M. (1996). Psychosocial resilience and protective mechanisms. Em J. Rolf, A. S. Masten, D. Cicchetti , K. H. Nuechterlein & S. Weintraub (Orgs.), *Risk and protective factors in the development of psychopathology* (pp. 181-214). New York: Cambridge University Press.
- Samuelsson, M., Thernlund, G. & Ringström, J. (1996). Using the five ap to describe the social network of children: A methodological study. *International Journal Behavioral Development*, 19(2), 327-345.
- Sameroff, A. J. & Feil, L. A. (1997). Parental concepts of development. Em *Understanding abusive families: An ecological approach to theory and practic.* Org. Garbarino, J. & Eckenrode, J., 86-98.
- Sarason, B., Shearing, E., Pierce, G., & Sarason, I. (1987). Conceptualizing and assessing social support in the context of the family. Em *Handbook of social support and family.* Orgs. Gregory pierce, Barbara Sarason & Irwing Sarason. Plenum Press, New York and London, 3-23.
- Seifer, R., Sameroff, A., Baldwin, C., & Baldwin, A. (1992). Child and family factors that ameliorate risk between 4 and 13 years of age. *Journal of American Academic Adolescent Psychiatry*, 31, 893-903.
- Stefanello, J.M.F. (2000). *A participação da criança no desporto competitivo: Uma tentativa de operacionalização e verificação empírica da proposta teórica de Urie Bronfenbrenner.* Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física de Coimbra, Portugal.
- Tyler, F. (1984). El comportamiento psicosocial, la competencia psicosocial individual y las redes de intercambio de recursos como ejemplos de psicología comunitaria. *Revista Latino-Americana de Psicología*, 16 , 77-92.
- Walsh, F. (1996). The concept of family resilience: Crisis and challenge. *Family Process*, 35, 261-281.
- Wood, B. (1985). Proximity and hierarchy: Orthogonal dimensions of family interconnectedness. *Family Process*, 24, 497-507.

Zimmerman, M. A., & Arunkumar, R. (1994). Resiliency research: Implications for schools and policy. *Social Policy Report*, 8, 1-18.

ANEXOS

ANEXO A

CONSENTIMENTO INFORMADO

O Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em convênio com a Escola _____ está realizando uma pesquisa. Esta pesquisa tem por objetivo estudar como é o dia-a-dia de crianças entre sete e doze anos. Nós também queremos saber como meninas agem quando acontece algo de bom ou algo de ruim na sua vida, na sua casa e com sua família.

Solicitamos a autorização para que seu filho (a) participe deste estudo, respondendo a uma entrevista que será realizada por uma psicóloga ou estudante de Psicologia. As respostas deste estudo servirão para planejar programas de prevenção e melhoria da qualidade de vida das crianças e do ambiente escolar. Todas as entrevistas serão gravadas e transcritas e o material de pesquisa será devidamente armazenado no CEP-RUA/UFRGS. As meninas serão entrevistadas individualmente, o que garante o sigilo dos dados e protege as crianças de qualquer procedimento constrangedor.

Estamos à disposição na escola para eventuais esclarecimentos. Muito obrigado.

Se você não autorizar a participação do seu filho(a) nesta pesquisa, por favor, devolva este documento assinado.

Não autorizo meu filho, _____, a participar desta entrevista.

ANEXO B

ENTREVISTA BIO-SÓCIO-DEMOGRÁFICA

Rapport inicial: “Oi. Meu nome é Lísia, e estou fazendo uma pesquisa para a Universidade sobre como é o dia-a-dia de crianças da sua idade. Nós também queremos saber como crianças reagem a acontecimentos bons e ruins na sua vida, na sua casa e com sua família, pois certamente acontecem coisas que você gosta ou não gosta. Para isso vou lhe fazer algumas perguntas que não tem respostas certas nem erradas, apenas o que você pensa sobre isso. Gostaria de lhe dizer também que tudo aquilo que vamos conversar vai ficar entre nós”.

Qual é o seu nome? Idade? Quando é o seu aniversário? Qual é a sua série na escola?

Com quem você mora? Nomes, idades e grau de relacionamento.

Quem são as pessoas de sua família? No que elas trabalham?

Conte-me alguma coisa muito boa que aconteceu contigo?

Qual foi a pior coisa que lhe aconteceu?

Se o caso de violência é mencionado, pergunta-se quem é a pessoa que causa a violência, grau de relacionamento e se ela continua na residência da menina.

ANEXO C
MAPA DOS CINCO CAMPOS
(Adaptado por Hoppe, 1998)

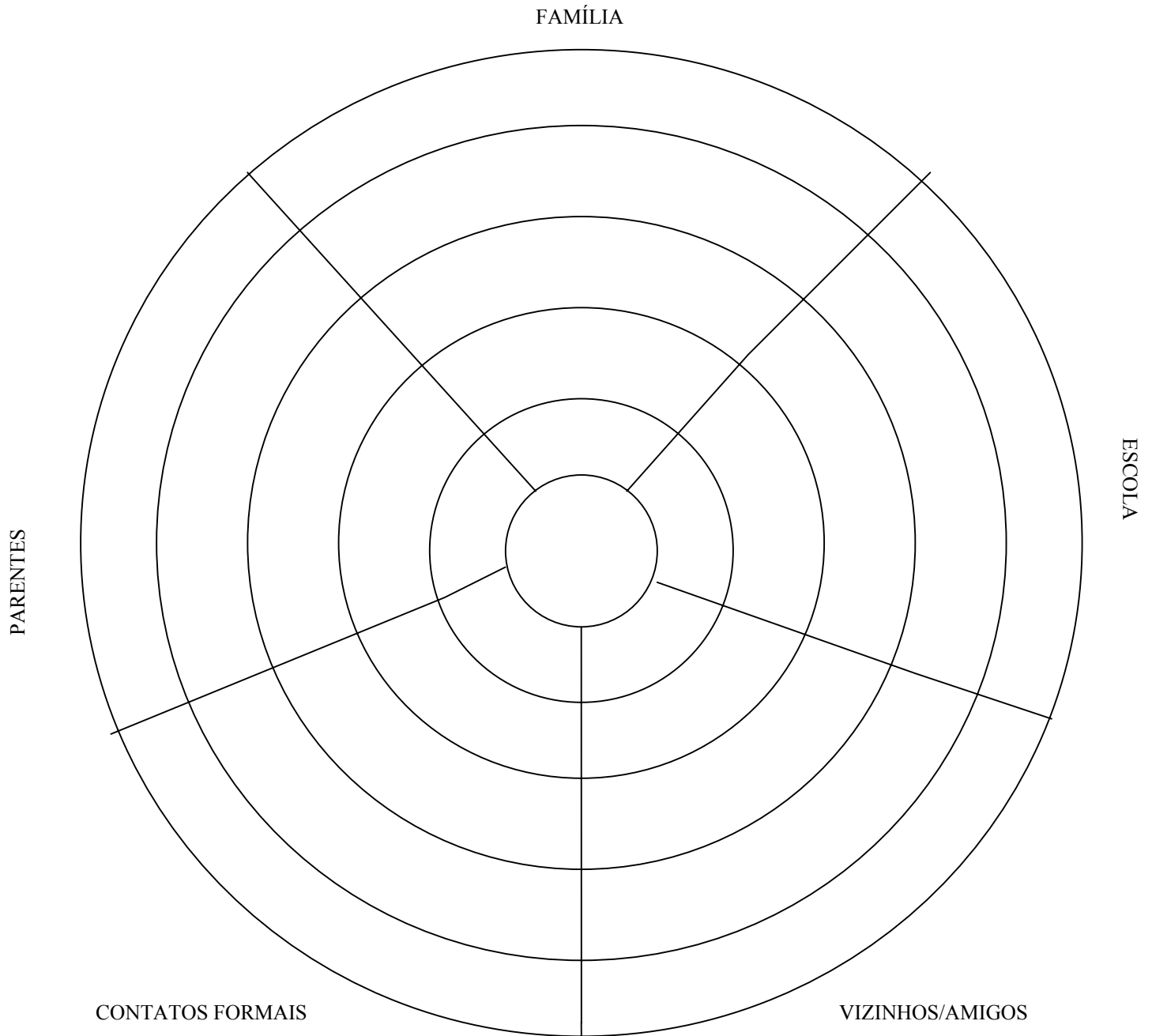
Nome:

Idade:

Data de aplicação:

Tempo de Duração:

- + Conflito na relação (Brigas) S Satisfação nas relações (Gosta do ambiente.)
‡ Rompimento da Relação ("Se dá?") I Insatisfação nas relações (Não gosta.)



ANEXO D

FOLHA DE REGISTRO

Nome da criança:
Idade:

Data:

Série:

FAMÍLIA: Ordem de escolha: 1º. 2º. 3º. 4º. 5º. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada: Idade; Relação com a criança Observações

- 1º.....
- 2º.....
- 3º.....
- 4º.....
- 5º.....
- 6º.....
- 7º.....
- 8º.....
- 9º.....
- 10º.....

PARENTES: Ordem de escolha: 1º. 2º. 3º. 4º. 5º. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada Idade Relação com a criança Observações

- 1º.....
- 2º.....
- 3º.....
- 4º.....
- 5º.....
- 6º.....
- 7º.....
- 8º.....
- 9º.....
- 10º.....

ESCOLA: Ordem de escolha: 1º. 2º. 3º. 4º. 5º. Satisfação / Insatisfação

Nome da pessoa citada Idade Relação com a criança Observações

- 1º.....
- 2º.....
- 3º.....
- 4º.....
- 5º.....
- 6º.....
- 7º.....
- 8º.....
- 9º.....
- 10º.....

ANEXO E

DESENHO DA FAMÍLIA
FOLHA DE REGISTRO

Nome: _____ Idade: _____
Sexo: _____ Examinador: _____

Ordem	Nome da Pessoa	Vínculo	Onde e com quem mora	Observação
1º				
2º				
3º				
4º				
5º				
6º				
7º				
8º				
9º				
10º				
11º				
12º				
13º				
14º				
15º				

Comentários da Criança:

ANEXO F

ESCALA DE SINAIS ESPECÍFICOS DO DESENHO DA FAMÍLIA

A Escala de Sinais Específicos para Avaliação do Desenho da Família (adaptado por Cecconello, 1999) consiste nos seguintes itens:

1. Falta de individuação: Esse critério é pontuado quando a mãe e a criança não aparecem retratadas de maneira diferenciada, não sendo possível uma distinção nem pelas características físicas, nem pelas vestimentas, nem pelo tamanho.
2. Rigidez nos braços: Esse critério é pontuado quando os braços aparecem muito próximos ao corpo, denotando uma idéia de inflexibilidade e falta de movimento.
3. Exagero na cabeça
Esse critério é pontuado quando a cabeça é representada numa proporção superior a metade do tronco.
4. Falta de cor
Esse critério é pontuado quando a criança não utiliza nenhuma cor em seu desenho, ou seja, ele é totalmente preto.
5. Criança posicionada muito longe da mãe
Esse critério é pontuado quando a criança se desenha longe da mãe, entre algumas pessoas da família (entre duas ou mais pessoas), através de alguma cena (mãe na cozinha, criança no quarto da casa, por exemplo), através de algum espaço em branco na página, ou através de alguma característica do cenário (uma árvore, uma casa, por exemplo).
6. Omissão da mãe ou da criança
Esse critério é pontuado quando a criança ou a mãe está omitida completamente do desenho.
7. Membros da família disfarçados, mascarados ou escondidos
Esse critério é pontuado quando a criança retrata algum membro da família de maneira disfarçada ou mascarada (uma pessoa com características animais, ou sem as características faciais, por exemplo), ou quando a criança desenha somente alguma parte do corpo, sendo que o restante permanece escondido através de uma barreira do cenário (como na janela de uma casa, ou atrás de uma árvore, por exemplo).

8. Figuras amontoadas ou sobrepostas

Esse critério é pontuado quando a criança desenha as figuras amontoadas, sobrepondo algumas partes do corpo de umas às outras (braços, pernas, e cabelo, por exemplo).

9. Figuras separadas por barreiras

Esse critério é pontuado quando a criança desenha as pessoas da família separadas através de barreiras, no contexto de uma casa, onde cada pessoa permanece num recinto separado, no contexto do cenário geral, onde cada pessoa permanece entre uma árvore, uma casa, uma planta, ou um animalzinho, ou em “molduras” nas quais a criança coloca cada pessoa em uma moldura como se fosse um quadro.

10. Figuras demasiadamente pequenas

Esse critério é pontuado quando o tamanho das figuras é inferior à 1/16 da folha

Figuras demasiadamente grandes

Esse critério é pontuado quando o tamanho das figuras é superior à 2/3 do tamanho da folha.

12. Figuras nos cantos da página

Esse critério é pontuado quando a criança desenha as figuras nos cantos da página, ao invés de utilizar todo o espaço disponível da folha.

13. Exagero das partes do corpo moles (abdômen, glúteo)

Esse critério é pontuado quando há uma ênfase nas partes do corpo moles, como o abdômen e os glúteos.

14. Exagero das características faciais

Esse critério é pontuado quando há uma ênfase nas características faciais, como por exemplo olhos ou boca demasiadamente grandes, ou coloridos exageradamente.

15. Exagero das mãos ou braços

Esse critério é pontuado quando as mãos são maiores do que o rosto ou quando os braços são mais compridos do que o joelho.

16. Falta de cenário

Esse critério é pontuado quando a criança faz somente o desenho de sua família, não desenhando qualquer cenário.

17. Figuras flutuando

Esse critério é pontuado quando a criança não desenha uma superfície sob as figuras nem as desenha sobre a superfície da folha.

18. Figuras incompletas

Esse critério é pontuado quando as figuras estão incompletas, faltando braços, mãos, pés, características faciais, entre outros.

19. Inícios falsos

Esse critério é pontuado quando a criança começa a desenhar, apaga, inicia novamente, até completar o desenho, ficando ele com marcas possíveis de serem vistas pelo examinador.

20. Mãe não feminilizada

Esse critério é pontuado quando a criança representa a mãe sem características femininas, como por exemplo, com as vestimentas iguais às figuras masculinas, cabelo curto, proporção corporal masculina, entre outras características.

21. Homens e mulheres não diferenciados por gênero

Esse critério é pontuado quando a criança representa homens e mulheres não diferenciados por gênero, como por exemplo, com vestimentas iguais ou características corporais idênticas.

22. Figuras esmagadas

Esse critério é pontuado quando a criança desenha figuras esmagadas, ou sob alguma parte do cenário que pareça estar exercendo alguma força sobre elas.

23. Afeto facial neutro ou negativo

Esse critério é pontuado quando a criança representa figuras sem estarem sorrindo ou com alguma expressão negativa, como por exemplo, com olhos raivosos. Também é pontuado afeto negativo quando a criança representa as figuras sem os traços faciais.

24. Sinais, símbolos ou cenas não usuais

Esse critério é pontuado quando a criança representa sinais ou símbolos não usuais, como, por exemplo, representar pessoas da família já falecidas, ou alguma cena bizarra, algum animal estranho.

ANEXO G

ESCALA DE AVALIAÇÃO GLOBAL DO DESENHO DA FAMÍLIA

A Escala de Avaliação Global do Desenho da Família consiste nas seguintes subescalas, segundo adaptação de Cecconello (1999).

1. Escala de Vitalidade - Criatividade

Esta escala está designada para capturar o investimento emocional da criança na tarefa de realizar o desenho de sua família. Na aplicação desta escala, deve-se considerar como a criança pode se sair depois de fazer o desenho das pessoas, através do embelezamento e da adição de detalhes ao desenho que sugerem energia, criatividade, e simbolismo abstrato.

Desenhos classificados altos nessa escala podem ou não refletir proximidade emocional entre os membros da família, e/ou sentimentos positivos por parte da criança. O que eles demonstram são a qualidade de serem expressivos, completos e interessantes de se olhar. Em alguns casos, eles podem parecer bem humorados e leves, em outros casos, podem parecer perturbados, complexos e ricos em simbolismo.

Em geral, desenhos altos em vitalidade são coloridos, imaginativos e singulares. Podem ter uma aparência dramática. A distinção de características inclui¹: 1) individuação dos membros da família (mãe e criança retratadas de maneira diferenciada); 2) elaboração de detalhes, roupas, ou características físicas; 3) os desenhos são geralmente completos.

Pontuação	Escala de Vitalidade - Criatividade
7 Muito Alto	Os desenhos são muito interessantes de se olhar. Em alguns casos, eles parecem vigorosos num sentido positivo, talvez, mostrando os membros da família fazendo alguma coisa divertida juntos. Em outros casos, o desenho pode chamar a atenção sendo bizarro ou perturbado de alguma maneira. Tipicamente, estes desenhos são coloridos, completos e distintivos de alguma maneira. A criança parece claramente ter investido energia no seu desenho.
6 Alto	Talvez alguma coisa menos não usual ou elaborada em conteúdo do que

¹ Na definição das características para a avaliação dos desenhos, toda vez que elas forem citadas como critérios para classificação, não significa que o desenho precisa, necessariamente, incluir todas as características citadas.

	<p>a pontuação de 7 pontos, esta categoria demonstra muitas das características da pontuação anterior. O desenho mostra muitos detalhes e demonstra considerável imaginação e esforço da parte da criança.. Obs.: a habilidade para desenhar não é um critério para a classificação nestas altas categorias. Esses desenhos parecem refletir alguma coisa num sentido direto e divertido, ou num sentido mais indireto e simbólico.</p>
5 Moderadamente Alto	<p>Esta categoria age como uma marca na distinção de desenhos que “têm mais a dizer” do que aqueles que simplesmente não têm. Eles podem ter poucos detalhes (um animalzinho, nuvens, figuras embaixo da superfície) ou membros da família mostrando movimento e roupas interessantes, cabelos e características faciais. Estes desenhos são, de alguma maneira, interessantes de se olhar.</p>
4 Nem interessantes nem desinteressantes (vazios)	<p>Estes desenhos são difíceis de distinguir como altos ou baixos em investimento emocional. Eles têm aparência de terem sido feitos com pouco investimento emocional, apesar de que não podem ser considerados como improvisados, carentes, ou deprimidos. A criança simplesmente fez o desenho de sua família de uma maneira completa, mas relativamente não interessante. O uso de cores, detalhes, e elaboração do todo são menos surpreendentes. Também pode ser difícil de avaliar a proximidade emocional dos membros da família (positiva ou negativa).</p>
3 Moderadamente pobres ou restritos em sentimentos	<p>Estes desenhos têm aparência de terem sido feitos sem muita energia ou entusiasmo. A elaboração dos membros da família e dos detalhes é mínima. As figuras podem estar incompletas ou ser desenhadas ao acaso. Não há detalhes e o uso de cores é diminuído. As figuras não estão centradas na superfície da página e podem estar flutuando ou aglomeradas num canto.</p>
2 Baixo em Vitalidade e Criatividade	<p>Esse escore será atribuído a desenhos que começam a ter uma aparência improvisada. As figuras podem ser pequenas ou desenhadas num padrão empobrecido. Em alguns casos, podem estar incompletas ou podem parecer terem sido desenhadas de uma maneira automática com pouca atenção aos detalhes.</p>
1 Ausência de	<p>Estes desenhos têm uma qualidade deprimida. Não há um mundo ao</p>

Vitalidade e Criatividade redor e nenhum esforço parece ter sido feito para investir na aparência do desenho. O desenho tem aparência de ser o retrato de uma família “de palitinhos”.

2. Escala de Orgulho da Família - Felicidade

Esta escala está designada para capturar o senso da criança de seu orgulho da família, pertencimento, segurança, e sentimentos gerais de felicidade expressos no desenho. Com relação a quem compõe a família da criança no desenho (pai, mãe, padrasto, madrasta, tios, avós), o objetivo desta escala é avaliar como a criança se sente apoiada pelos adultos incluídos, e sentimentos de felicidade/infelicidade no grupo familiar.

Indicadores de avaliação superior dessa escala incluem: 1) membros da família posicionados de uma forma direta, aberta - nem amontoados nem flutuando num padrão aleatório; 2) figuras completas (características faciais e, se o corpo é incluído, os membros devem estar incluídos, como mãos e pés); 3) afeto facial positivo; 4) membros da família emocionalmente próximos, como por exemplo vestindo roupas semelhantes com mínimas alterações por gênero, ou de mãos dadas sem estarem aglomerados, ou realizando alguma atividade em conjunto. De um modo geral, os desenhos são coloridos e podem fazer o examinador se sentir como se estivesse sorrindo.

Indicadores de avaliação inferior: 1) parece não haver, ou haver pouca coesão familiar, orgulho, ou senso de pertencimento por parte da criança; 2) os membros da família podem estar desenhados sem cores, num padrão automático ou de uma maneira carente, caótica ou desalinhada; 3) as figuras podem flutuar na página, estar incompletas, ou a criança e/ou a mãe podem estar omitidas completamente; 4) os membros da família podem estar disfarçados (retratados como animais, por exemplo) ou escondidos (aparecendo por trás de alguma barreira, como uma janela, por exemplo) de uma maneira não usual; 5) sinais de afeto positivo, faciais ou corporais (mãos acenando) ou nas atividades da família estão ausentes.

Pontuação	Escala de Orgulho da Família - Felicidade
7 Muito Alto	Os desenhos parecem irradiar sentimentos positivos que são revelados na clareza, completude, e presença de detalhes, tanto nas figuras quanto no cenário total, e/ou alguns sinais de afeto positivo

ou atividade. Há freqüentemente uma instância para a qual as pessoas olham, e elas estão posicionadas ou centradas em alguma superfície. Estes desenhos parecem organizados e os membros da família estão representados em proporções claramente diferenciadas (adultos maiores do que crianças).

- 6 Alto Estes desenhos podem parecer menos ricos em termos de como a família está representada, mas eles têm geralmente uma aparência feliz, completa, e as figuras parecem bem organizadas na página de uma maneira deliberada. Ainda, os membros da família estão retratados de uma maneira direta, natural, como uma família (não disfarçados, distorcida, ou fazendo alguma coisa não usual). Eles não são demasiadamente grandes ou pequenos com relação ao tamanho da folha, e os adultos são maiores do que as crianças.
- 5 Moderadamente Alto Nesse ponto da escala, os desenhos não aparecem como positivamente altos como nas pontuações maiores descritas acima, mas há algum indício de proximidade positiva e pertencimento nessa família. Pode haver pouco ou nenhum detalhe, ainda que os membros da família apareçam como uma unidade feliz, sem relação com o tamanho. Eles podem estar simplesmente juntos com sorrisos em suas faces ou compartilhando/coordenando as vestimentas. Estes desenhos aparentam organização e completude, apesar de que podem ser menos positivos e menos claros em retratar proximidade familiar e orgulho.
- 4 Moderado Nesse ponto da escala, há poucos indicadores de sentimentos positivos na família expressos nos desenhos, apesar de que eles podem não parecer particularmente negativos. O uso de cores, detalhes e elaboração do cenário podem estar diminuídos. A posição das figuras pode parecer menos centrada e menos organizada. O afeto facial pode ser neutro ou positivo.
- 3 Moderadamente Baixo Desenhos classificados aqui apresentam senso de incerteza com relação aos sentimentos positivos e segurança por parte da criança. Pode haver indicações de ambivalência, como a criança se desenhar separada da família, deixando um espaço na página, ou algum tipo

de barreira (no contexto de alguma cena, ou através de uma pessoa, ou através de uma árvore ou animalzinho). Há menos clareza com relação ao tamanho das figuras, e eles podem não parecer como próximos.

2 Baixo

Os desenhos podem ser distinguidos como sendo relativamente desorganizados, parecendo carentes, ou talvez desproporcionais com relação ao tamanho da página. À primeira vista, pode parecer difícil distinguir o desenho como o desenho de uma família. As figuras podem flutuar na página, estarem incompletas, ou serem desenhadas de uma maneira distorcida ou disfarçadas. Não há uma clara indicação de afeto positivo entre os membros da família.

1 Muito baixo

Ao invés de refletir orgulho da família e proximidade emocional, estes desenhos parecem muito tristes e vagos, ou perturbados de alguma maneira com relação ao relacionamento pais-filhos. Os membros da família podem ser muitos pequenos (minúsculos) e estarem aglomerados, parcialmente completos, ou elaborados com simbolismo negativo. As figuras podem estar disfarçadas (como monstros) ou o desenho pode parecer perturbado de alguma maneira peculiar.

3. Escala de Vulnerabilidade

Esta escala objetiva avaliar sentimentos de vulnerabilidade e ambivalência emocional expresso no desenho da família. A ênfase aqui é no tamanho das figuras, na proximidade das figuras com relação umas às outras, na localização das figuras na página e no exagero das partes do corpo ou características faciais.

Em geral, desenhos pontuados alto nessa escala não irão aparecer centralizados nem proporcionais ao tamanho da folha. As figuras podem ser muito pequenas (ou grandes demais), podem aparecer agrupadas (muito próximas) ou sobrepostas, ou podem estar separadas por uma barreira de algum tipo. Elas podem estar agrupadas num canto da página ou flutuando de uma maneira aleatória. O desenho pode ter uma aparência de alguma coisa que está esmagando a criança.. Pode ou não haver um cenário de detalhes, mas, se há, não é positivo nem pacífico.

Pontuação	Escala de Vulnerabilidade
7 Muito Alto	Estes desenhos têm uma aparência de extrema vulnerabilidade e/ou incerteza emocional por parte da criança. As figuras são muito pequenas e talvez aglomeradas num canto da página, ou podem flutuar na página sem um cenário de detalhes. Expressão de afeto positivo é ausente. Pode ser o retrato de uma cena caótica, onde a criança está sozinha ou separada dos pais.
6 Alto	Estes desenhos, talvez não tão surpreendentes como os citados acima, ainda têm uma aparência vulnerável. A ênfase é no tamanho das figuras, a relativa proximidade das figuras umas com as outras, e sua localização na página. Alguns desenhos podem incluir características faciais ou extremidades do corpo (mãos, pés) exageradas, e/ou partes do corpo arredondadas.
5 Moderadamente Alto	Desenhos nesse nível sugerem sinais mais sutis de vulnerabilidade e ambivalência. Podem parecer menos desenvolvidos ou imaturos de alguma maneira. As figuras podem ser “de palitinho” e podem flutuar na página ou estarem posicionadas nos cantos da página. Podem também estar amontoadas, parecendo pequenas em estatura. Partes do corpo (mãos, pés, etc.) podem não estar desenhadas, ou serem exageradas ou pequenas demais.
4 Moderado	Nesse ponto da escala, se torna difícil inferir sentimentos de vulnerabilidade e/ou ambivalência por parte da criança. O desenho não está claramente distinto por figuras pequenas demais nem por estarem amontoadas, flutuando ou nos cantos da página. Elas podem estar simplesmente juntas como um grupo em uma superfície, e o cenário por trás no qual foram desenhados.
3 Moderadamente Baixo	Estes desenhos têm uma aparência mais organizada e estabelecida, que é geralmente evidente na completude, tamanho e proximidade entre os membros da família em proporção com a página. Os membros da família podem parecer mais fortes (através de seu tamanho e completude) e emocionalmente próximos da família (por exemplo, podem vestir roupas próximas ou estarem fazendo alguma

coisa positiva juntos).

- 2 Baixo Estes desenhos são mais organizados, têm uma aparência mais unificada e completa. O tamanho das figuras é proporcional tanto ao cenário quanto à página. Há pouca ou nenhuma indicação de vulnerabilidade.
- 1 Muito Baixo Estes desenhos não mostram nenhum sinal de ambivalência emocional ou vulnerabilidade. Os membros da família são completos e centralizados na página, talvez realizando alguma tarefa juntos, e são caracterizados por sinais claros de afeto positivo.
-

4. Escala de Distância Emocional - Isolamento (entre mãe e criança)

Esta escala pretende avaliar sentimentos de distância emocional ou solidão por parte da criança. Desenhos pontuados alto nessa escala diferem daqueles pontuados alto em vulnerabilidade por estarem mais controlados, completos, e talvez temáticos (incluindo a presença de sinais, símbolos ou membros da família disfarçados ou ocultos). Em cada desenho deve-se olhar a localização da criança em relação à mãe, a individuação dos membros da família (mãe e criança retratados de maneira diferenciada) e a expressão de afeto nas figuras. Também se deve observar o contato de olhos entre a criança e a mãe. O uso de cores no desenho como um todo pode variar na aplicação desta escala.

Ao invés de ter uma aparência de uma criança que se sente oprimida e ambivalente com relação à sua mãe, estes desenhos podem parecer mais sofisticados e complexos em como a criança expressa raiva ou distância emocional dentro do relacionamento.

Pontuação	Escala de Distância Emocional - Isolamento
7 Muito Alto	Esses desenhos sugerem nenhuma proximidade emocional entre a mãe e a criança. Ao invés disso, há sinais claros de raiva e distância emocional expresso no desenho, que pode tomar a forma de uma mãe estando deliberadamente localizada longe da criança ou mascarada ou distorcida de alguma maneira.
6 Alto	Os desenhos podem se assemelhar aos da categoria acima, mas

talvez de uma maneira menos pronunciada e vívida. A criança e a mãe parecem estar separadas na página e não estão engajados em nenhum tipo de atividade ou brincadeira juntas. Não há sinal de afeto positivo, o contato do olhar pode ser indireto ou inclinado, e a criança pode parecer estar realizando uma atividade completamente diferente, como, por exemplo, dormindo.

5 Moderadamente Alto	Nesse ponto da escala, o desenho pode sugerir uma relação emocionalmente reservada ou diminuída entre a mãe e a criança. O afeto facial pode ser neutro ou negativo. As figuras podem parecer incompletas. Pode haver distorções sutis nas partes do corpo. A criança parece estar distintamente separada da mãe na página (através de outros membros da família entre eles ou alguma barreira ou espaço).
4 Moderado ou Neutro	Desenhos classificados nessa categoria não demonstram nem sinal claro de distância emocional nem de proximidade entre a mãe e a criança. Com relação a localização das figuras na página, seus tamanhos relativos, uso de afeto e de cenário (ou falta de), é relativamente difícil determinar a proximidade emocional da diáde.
3 Moderadamente Baixo	Desenhos classificados aqui começam a mostrar alguns sinais sutis de emoção positiva entre a mãe e a criança. Poderá haver menos a notar, conteúdo, ou estilo, mas o tamanho relativo, a posição das figuras, o uso de afeto e dos detalhes poderão criar algum senso de uma relação melhor do que neutra entre a mãe e a criança.
2 Baixo	Esses desenhos parecem refletir sentimentos positivos e uma relação próxima entre a mãe e a criança. A figura da mãe é maior em tamanho do que a da criança e está retratada de uma maneira completa. Frequentemente elas estão realizando alguma atividade divertida e não estão posicionadas nem tão próximas nem tão longe. Afeto positivo é evidente nas faces e no desenho como um todo.
1 Muito Baixo	Estes desenhos não mostram nenhum sinal de distanciamento

emocional entre a mãe e a criança. Há sinais claros, positivos e diretos de uma relação positiva.

5. Escala de Tensão - Raiva

Essa escala está preocupada com o grau de tensão ou raiva que é provocado na criança com o pedido para desenhar a sua família. A raiva e a tensão serão inferidas com base nestas dimensões no desenho da família: 1) as figuras parecerão muito rígidas (braços muito próximos ao corpo ou formando um ângulo de 90°); 2) freqüentemente estão sem cor ou afeto positivo claro; 3) as figuras podem ter uma aparência “esmagada”; 4) os braços estarão rigidamente para baixo, ao invés de relaxados, um pouco abertos, ou animados; 5) as figuras podem estar desenhadas relativamente pequenas e aglomeradas, com um pequeno cenário ou nenhum ao redor; 6) partes do desenho podem parecer carentes ou rabiscadas.

O desenho também pode incluir inícios falsos, onde a criança começa a desenhar uma pessoa, apaga ou risca, e depois começa novamente.

Pontuação	Escala de Tensão – Raiva
7 Muito Alto	Desenhos classificados nessa categoria têm uma aparência tensa. As figuras podem estar aglomeradas no fundo ou no canto da página, ou podem parecer muito rígidas, sem cores e indiferenciadas. Os braços podem estar para baixo ou ausentes completamente. Não há cenário ao redor e pode haver alguns rabiscos que não têm um significado aparente ou relação com o desenho como um todo.
6 Alto	Esses desenhos têm uma aparência predominante de tensão. Pode haver linhas quebradas, inícios falsos, ausência de faces ou partes do corpo inacabadas. Movimentos de raiva através de rabiscos podem estar presentes.
5 Moderadamente Alto	Os desenhos podem estar inacabados ou podem ter uma postura grotesca, sem afeto positivo. Há pouco ou nenhum cenário ao redor. As figuras podem estar aglomeradas, incluir algumas partes do corpo claramente distorcidas e alguns inícios falsos.

4 Moderados e Neutros	Nesse ponto da escala, é difícil avaliar a presença ou ausência de tensão ou ansiedade por parte da criança. O desenho é geralmente completo. Pode incluir cor e afeto, mas não está claro se a criança se sente relaxada e segura ou tensa e com raiva durante a tarefa.
3 Moderadamente Baixo	Esses desenhos sugerem apenas elementos pequenos de tensão, que são mais provavelmente equilibrados por elementos positivos, como afeto positivo, figuras completas, ou algum esforço para usar cores e detalhes.
2 Baixo	Esses desenhos têm muito poucos sinais de tensão e um número de elementos que sugerem algum tipo de liberdade de expressão por parte da criança. Os desenhos geralmente parecem organizados e diretos, mesmo quando simples em estilo.
1 Muito Baixo	Desenhos nesse nível não sugerem nenhuma indicação de tensão e ansiedade por parte da criança. Esses desenhos são tipicamente coloridos e animados, com figuras completas demonstrando afeto positivo ou atividade. As figuras parecem vivas e diferenciadas.

6. Escala de Papéis Invertidos

Essa escala procura captar sentimentos da parte da criança que sugerem um tipo de relacionamento de papéis invertidos com a mãe. Mais especificamente, a mãe é percebida pela criança como frágil (talvez tendo menos poder e autoridade no relacionamento do que ela), ou vulnerável, e, dessa forma, não confiável como uma figura maternal consistentemente de apoio.

Três dimensões no desenho da família são o foco aqui:

- 1) A distinção de tamanho entre a mãe e a criança (a mãe é menor do que a criança);
- 2) Desenhos que retratam a criança atrapalhada de alguma forma e a mãe em outro lugar;
- 3) Distorções nas extremidades do corpo (mãos muito grandes, braços exagerados).

Pontuação	Escala de Papéis Invertidos
7 Muito Alto	Esses desenhos são identificados como não freqüentes porque a criança é claramente maior do que a mãe, ou a criança e a mãe têm braços ou mãos exageradas ou distorcidas. Em alguns desenhos a criança é retratada como atrapalhada, separada da família ou da mãe.
6 Alto	Os desenhos possuem os critérios descritos acima, mas num grau menos extremo. A criança é notadamente maior do que a mãe e pode haver uma falta total de características humanas.
5 Moderadamente Alto	Nesse ponto da escala, a criança pode parecer mais potente do que a mãe como resultado do tamanho, da postura ou da proximidade com outros membros da família. Pode haver alguma distorção nas partes do corpo ou nas características faciais.
4 Moderado	Nesse ponto da escala, fica difícil fazer um julgamento claro com relação à inversão de papéis porque as figuras podem simplesmente estar levemente diferenciadas por tamanho e proporção. Talvez todas as figuras (incluindo irmãos) estão relativamente pequenas e mais ou menos iguais em tamanho. Ainda, eles podem não estar bem desenvolvidos como humanos, o que pode estar simplesmente relacionado ao estilo ou habilidade para desenhar.
3 Moderadamente Baixo	Esses desenhos apresentam levemente mais nitidez com relação aos papéis pais-criança do que os acima citados. A criança aparece de alguma maneira mais “criança” (pelas roupas, pelas atividades) do que a mãe, mesmo com uma diferenciação de tamanho menos clara.
2 Baixo	Nesse ponto da escala, crianças e mães são mais facilmente distinguidas por tamanho, e, mais freqüentemente por gênero. Pode haver elaboração e detalhes apropriados nessas figuras. Esses desenhos são bem mais claros e integrados em termos de quem é quem (através de relações de papel na família).
1 Muito Baixo	Esses desenhos não sugerem absolutamente nenhum sinal de papéis invertidos no relacionamento mãe-criança. A criança

aparece menor em tamanho do que a mãe e parece emocionalmente vinculada e protegida por ela no desenho (ou seja, ela não parece peculiar nem distorcida, nem distante de nenhuma maneira). Ambas parecem como seres humanos, vivos e conectados com o mundo.

7. Escala de Dissociação

Essa escala avalia uma forma particular de raiva expressa pela criança no seu desenho da família. O interesse aqui é como algumas crianças podem revelar sentimentos de hostilidade, deslealdade e abandono numa variedade de formas (em seus desenhos). O objetivo subjacente é acessar o processo inconsciente de raiva e ressentimento.

As dimensões a serem consideradas na aplicação dessa escala são:

- 1) Sinais e símbolos não usuais: talvez com uma qualidade mórbida, escura ou agressiva (nuvens negras, árvores mortas, rios de sangue, casas ou castelos como fortalezas) e rabiscos de raiva no contexto do desenho como um todo;
- 2) Características faciais agressivas e raivosas (dentes pontudos, exagerados, postura e olhos raivosos);
- 3) Temas de fantasia nos quais a criança está com poder de alguma forma (retratada como uma criatura animal, ou um rei num castelo);
- 4) Marcas não usuais não tendo aparente relação com o desenho como um todo.

Pontuação	Escala de Dissociação
7 Muito Alto	O desenho sugere um alto grau de raiva ou processo de dissociação do pensamento. Desenhos classificados aqui parecem perturbados e complexos, tanto por causa da raiva, quanto por causa dos temas de fantasia mórbidos e elaborados, e/ou figuras humanas retratadas de uma maneira agressiva.
6 Alto	Desenhos classificados nessa categoria incluem vários sinais claros de sentimentos de raiva, apesar de que podem estar menos pronunciados e menos dramáticos do que na categoria acima.
5 Moderadamente Alto	Esses desenhos podem apresentar um sinal claro e direto de raiva (dentes agressivos e pontudos na criança), ou podem estar

	totalmente rabiscados, descuidados ou inacabados. O desenho pode parecer apressado ou improvisado em termos de cenário de detalhes ou uso de cores.
4 Moderado	Nesse ponto da escala, os desenhos podem estar mais difíceis de distinguir como aparência de raiva. Pode haver somente um ou dois elementos ambíguos, ou um símbolo não usual que provoca suspeita, mas não é adequado inferir raiva dissociativa de parte da criança.
3 Moderadamente Baixo	Esses desenhos sugerem somente uma mínima, se alguma, indicação de raiva ou características bizarras, que são geralmente ponderadas por um número de características mais saudáveis. Em geral, desenhos classificados nessa categoria parecem mais positivos do que neutros ou perturbados.
2 Baixo	Esses desenhos não sugerem qualquer sinal de pensamento representacional dissociativo. O desenho como um todo pode parecer levemente menos saudável do que o próximo ponto da escala, mas não há figuras distorcidas ou disfarçadas, ou elementos não usuais.
1 Muito Baixo	Desenhos classificados aqui não contêm qualquer dos elementos designados como marcas dessa escala. Esses desenhos têm uma aparência de estarem completos, felizes e organizados num mundo ou cenário real.

8. Escala de Patologia Global

Essa escala final de avaliação está designada para captar um grau total de patologia refletida no desenho da família da criança. A classificação deve focalizar aspectos globais do desenho como um todo, melhor do que dimensões específicas como tamanho ou proporção das figuras, uso de cor, etc., apesar de que o conhecimento e experiência adquirida no processo de completar as escalas anteriores serão válidos aqui.

Ao fazer essa interpretação, os avaliadores devem considerar a seguinte questão: Como a criança se sente nessa família? Em algum nível, essa escala poderá ser vista como um índice total da saúde emocional da criança no contexto da família (conforme retratada no desenho). Essa escala objetiva captar temas emocionais subjacentes como: ansiedade, medo, dependência, auto-estima, raiva, alienação, dissociação e depressão.

Observação: Pode ser útil realizar uma classificação prévia dos desenhos em três categorias: 1) mais perturbados; 2) geralmente “OK” ou incertos; e 3) aqueles que parecem felizes e completos. Depois de completar esse passo, cada desenho deve ser classificado dentro de uma das sete categorias seguintes.

Pontuação	Escala de Patologia Global
7 Muito Alto	<p>O desenho da família, nesse nível, mostra um alto grau de desarmonia familiar, tristeza e/ou alienação emocional. Temas como raiva, confusão, baixa auto-estima, e/ou uma ansiedade de relacionamento geral predominam claramente, e podem ser expressos numa variedade de maneiras.</p> <p>Critérios para classificação²: 1) figuras distorcidas ou mascaradas, 2) omissões, 3) integração pobre, 4) inícios falsos, 5) desenhos improvisados, 6) ausência de cores (o desenho é predominantemente preto), 7) figuras muito minúsculas, 8) crianças maiores em tamanho do que os pais, 9) expressões de raiva (facial ou mais geral), 10) figuras flutuando, 11) figuras desconectadas, 12) rigidez na postura das figuras, e 13) figuras incompletas (mãos ou braços omitidos).</p>
6 Alto	<p>Desenhos classificados nesse ponto da escala parecem perturbados de uma maneira clara ou em um número de maneiras combinadas. O examinador deve considerar os critérios de classificação descritos acima, assim como o conhecimento e a informação adquirida no processo de aplicação das escalas anteriores. Apesar de não tão surpreendente quanto os desenhos classificados acima, estes desenhos são classificados claramente como perturbados.</p>
5 Moderadamente Alto	<p>Esses desenhos da família sugerem algum grau de ambivalência ou sentimentos negativos por parte da criança, apesar de não tão pronunciados como os acima. Algum grau de desarmonia, desorganização, ou confusão pode estar presente. Ou pode haver</p>

² Esses critérios devem ser utilizados para a classificação em todos os níveis desta escala. Para a pontuação no nível 7, todos os critérios devem estar presentes; para a pontuação do nível 6 ao 1, não é necessária a presença de todas essas características.

sinais mais discretos da família estar desvinculada emocionalmente ou ambivalente. Limites generacionais e/ou colisões pais-crianças podem também ser revelados: a criança está localizada notavelmente perto da mãe (ou pai), com o pai (ou mãe) posicionado longe, ou quando a criança aparece maior em tamanho do que o pai ou a mãe.

4 Moderado

Nesse ponto da escala, os desenhos podem ser difíceis de classificar em termos de sentimentos gerais (positivos ou negativos) e em termos de como as marcas individuais de classificação são organizadas dentro do desenho como um todo. Pode haver alguns pontos negativos, combinados com características positivas (figuras completas, animadas, com cenário de detalhes). Essa categoria pode ser usada quando o avaliador não está certo sobre o tom emocional do desenho. Pode simplesmente parecer médio ou “OK”.

3 Moderadamente
Baixo

Nesse ponto da escala, os desenhos parecem mais positivos do que neutros em termos de organização geral ou sentimento. Por exemplo, pode não haver cenário ou detalhes adicionados, mas a mãe e a criança são retratadas como indivíduos, completos, diferenciados por tamanho, e talvez, sorrindo. Esses desenhos podem parecer ser mais simples do que outros, ainda que haja algumas indicações de sentimentos positivos nas relações familiares.

2 Baixo

Esses desenhos da família parecem refletir sentimentos gerais de segurança, felicidade e confiança na família. Figuras são geralmente completas e coloridas, geralmente mostrando movimento ou atividade, e frequentemente afeto positivo. Os braços são algumas vezes abertos ou conectados a outros membros da família (sem parecerem amontoados). O cenário de detalhes é frequentemente colorido e rico. Em geral, esses desenhos parecem completos, deliberados, calmos e positivos. Mais importante, os membros da família parecem de alguma maneira positivamente vinculada, envolvida, e, talvez,

orgulhosos.

1 Muito Baixo

Nesse último ponto da escala, os desenhos parecem inquestionáveis e organizados dentro de uma variedade de dimensões positivas. Esses desenhos são os mais contentes e melhores de se olhar. Os membros da família estão frequentemente realizando alguma coisa juntos (num parque, jogando). As figuras estão posicionadas na superfície da página ou numa superfície desenhada. Esses desenhos parecem coloridos, deliberados e completos.
